

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - MESTRADO**

**Michelle Vianna Goliath**

A Palavra Encarnada: O desenvolvimento da linguagem na obra de René Spitz

Juiz de Fora

2022

**Michelle Vianna Goliath**

**A Palavra Encarnada: O Desenvolvimento da Linguagem na Obra de René Spitz**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração História e Filosofia da Psicologia, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Richard Theisen Simanke

Juiz de Fora

2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Goliath, Michelle Vianna.

A Palavra Encarnada : O Desenvolvimento da Linguagem na Obra de René Spitz / Michelle Vianna Goliath. -- 2022.

102 p. : il.

Orientador: Richard Theisen Simanke

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2022.

1. René Spitz. 2. Aquisição da Linguagem. 3. Desenvolvimento. 4. História da Psicanálise. 5. Comunicação. I. Simanke, Richard Theisen, orient. II. Título.

**MICHELLE VIANNA GOLIATH**

**A PALAVRA ENCARNADA: O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NA OBRA DE RENÉ SPITZ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Psicologia. Área de concentração: Psicologia.

Aprovada em 05 de abril de 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof(a)Dr(a) Richard Theisen Simanke - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof(a)Dr(a) Anna Costa Pinto Ribeiro  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof(a)Dr(a) Leopoldo Pereira Fulgêncio Jr  
Universidade de São Paulo

Juiz de Fora, 24/03/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Richard Theisen Simanke, Professor(a)**, em 07/04/2022, às 09:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **LEOPOLDO PEREIRA FULGENCIO JUNIOR, Usuário Externo**, em 12/04/2022, às 12:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

19/04/22, 17:08

SEI/UFJF - 0721008 - PROPP 01.5: Termo de Aprovação



Documento assinado eletronicamente por **Anna Costa Pinto Ribeiro, Usuário Externo**, em 12/04/2022, às 15:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **0721008** e o código CRC **478E1E23**.

## AGRADECIMENTOS

Durante os preparativos e a redação desta dissertação, eu contei com o apoio e o auxílio de inúmeras pessoas importantes pra mim, e sem elas grande parte desse trabalho não seria possível. Utilizo esse espaço para que saibam o valor de suas contribuições para mim:

A meu orientador, Richard, agradeço pelo apoio que me proporcionou tanto durante o mestrado quanto na graduação, acreditando em meu potencial como pesquisadora em história e filosofia da psicologia, e por ser um verdadeiro exemplo de excelência em pesquisa psicanalítica.

A meus amigos Victória, João, Filipe e Humberto, por me escutarem pacientemente enquanto eu falava sobre esse trabalho e sobre minhas muitas idas e vindas na motivação e busca de sentido em todo o processo, e que além de seus ouvidos, emprestaram seus olhos e mentes para me ajudarem a levar o texto à frente e a melhorá-lo.

À CAPES, pela bolsa de mestrado concedida.

Por fim, um agradecimento especial a Pablo, que cumpriu muitos e muitos papéis durante grande parte desse percurso, para citar alguns: colega de trabalho, amigo, confidente, revisor, comentarista, professor e, vez ou outra, terapeuta. Sua companhia, seus olhos atentos e sua inspiração foram primordiais para a redação de partes cruciais desta dissertação.

## RESUMO

O estudo da aquisição da linguagem é de grande importância tanto no campo da psicologia do desenvolvimento, quanto no da psicanálise, dado que a ferramenta principal de sua terapêutica é a fala. Esta dissertação tem o objetivo de apresentar, explicar e explicitar o trabalho de René Spitz. O autor foi um psiquiatra e psicanalista austro-húngaro, que dedicou grande parte de sua obra para o estudo da aquisição da linguagem em crianças pequenas e como esta surge como consequência dos processos de maturação e desenvolvimento físico e psíquico. Em sua teoria da formação do ego, o sujeito passa por sucessivas fases do desenvolvimento, consequência do surgimento de organizadores psíquicos, centros que regem a integração das diversas faculdades presentes no organismo num determinado momento. Assim, para que se desenvolva a linguagem verbal, é preciso antes passar por três fases do desenvolvimento, cujo estabelecimento pode ser identificado através de indicadores: o primeiro é a resposta sorriso, movimento involuntário do bebê por volta dos 3 meses de idade quando se depara com a visão frontal de uma face em movimento, sinal de que já é possível se distinguir entre o vivo e o inanimado; em seguida, por volta dos 8 meses de idade, o infante expressa ansiedade quando colocado frente a pessoas desconhecidas, sinal de que já distingue entre eu e outro, e entre conhecidos e estranhos. Por fim, dos 15 aos 18 meses de idade, a criança se mostra capaz de entender e utilizar o “não” corretamente. Essa ação indica a aquisição da linguagem e, a partir do domínio do “não”, primeiro conceito abstrato apreendido pela criança, outros símbolos verbais começam a surgir. O trabalho de Spitz é de grande valor para a teoria psicanalítica e se distingue tanto pelas interfaces com outras áreas do conhecimento, como a etologia, a psicologia experimental e do desenvolvimento, a embriologia e a antropologia, quanto por relacionar a aquisição da linguagem ao desenvolvimento físico, psíquico e emocional do bebê, ressaltando a importância de uma relação boa e estável com a mãe ou o cuidador primário.

**Palavras-chave:** René Spitz, Aquisição da Linguagem, Desenvolvimento, Comunicação, História da Psicanálise.

## ABSTRACT

The study of language acquisition is of great importance in the field of developmental psychology, and for psychoanalysis as well, because speaking is the main tool of its therapeutics. This thesis aims to present, explain and clarify the works of René Spitz. The author was an Austro-Hungarian psychiatrist and psychoanalyst, who dedicated a great deal of his production to the study of language acquisition in small children and how language arises as a consequence of maturational, physical, and mental development. In his ego formation theory, the person goes through successive developmental phases, as a consequence of the emergence of the psychic organizers, centers that control the integration of the various faculties of the organism at a given moment. Therefore, going through three developmental phases is a prerequisite to the development of verbal language. These phases can be identified through their respective indicators: the first one is the smiling response, a reflex movement that appears when the baby is about 3 months of age and a moving face is placed in front of it, a sign that it is possible for the baby to distinguish between the living and the inanimate. Afterwards, when the infant is around 8 months old, it expresses anxiety when facing unknown people, a sign that the differentiation process between the I and the other is already at work. Lastly, from 15 to 18 months, the child becomes capable of understanding and using the “no” correctly. This action indicates the acquisition of language, and after the mastery of the “no”, the first abstract concept learnt by the child, other verbal symbols start to arise. Spitz’s works are invaluable to psychoanalytical theory and distinguish themselves both for the interfaces with other fields of knowledge, such as Ethology, Experimental and Developmental Psychology, Embryology and Anthropology, and also for connecting the acquisition of language to the physical, mental and emotional development of the baby, emphasizing the importance of a good and stable relationship with the mother or the primary caregiver.

**Key-words:** René Spitz, Language Acquisition, Development, Communication, History of Psychoanalysis.



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. - Descrição da Amostra Presente no Artigo “Hospitalism” .....	26
Tabela 2. - Quocientes de Desenvolvimento como Apresentados em “Hospitalism” .....	27
Tabela 3. - Resposta Sorriso de Acordo com Ambiente e Raça .....	32
Tabela 4. - Resultados Gerais da Primeira Seção de Experimentos .....	33
Tabela 5. - Fases do Desenvolvimento Segundo a Teoria de Spitz .....	68
Tabela 6. - Estágios de Diferenciação do Movimento Horizontal da Cabeça .....	78

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Depressão anaclítica. ....	29
Figura 2 - Reação do bebê de 3 meses à face sorrindo.....	61
Figura 3 - Reação do bebê de 6 meses ao interagir com um estranho.....	64
Figura 4 - Spitz em um procedimento de observação, repreendendo uma criança que tenta pegar um lápis de seu bolso, balançando o dedo e dizendo “Não, Não” .....	72
Figura 5 - Passo-a passo da aquisição da capacidade de negação. ....	75
Figura 6 - Reação do recém-nascido ao ser colocado em posição de amamentação.....	76
Figura 7 - Konrad Lorenz, René Spitz e homem não identificado, durante uma visita a Chicago .....	87

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
1.1 Objetivos, justificativa e estrutura do trabalho .....	12
1.2 Principais aspectos do pensamento de Spitz.....	14
1.3 O desenvolvimento da comunicação verbal .....	16
<b>2 CAPÍTULO 1: ASPECTOS METODOLÓGICOS DAS PESQUISAS DE RENÉ SPITZ</b> <b>.....</b>	<b>19</b>
2.1 As diferentes abordagens nos principais trabalhos de Spitz .....	23
2.2 Demais técnicas investigativas .....	35
2.3 A crítica de Pinneau .....	41
2.4 Comentários acerca da metodologia de Spitz .....	46
<b>3 CAPÍTULO 2: A TEORIA DA FORMAÇÃO DO EGO .....</b>	<b>51</b>
3.1 Influências e filiações teóricas .....	51
3.2 A formação do ego e os organizadores da psique.....	55
3.3 O estágio de não-diferenciação .....	56
O estabelecimento do precursor de objeto. ....	60
3.4 O primeiro organizador da psique .....	62
3.5 O segundo organizador da psique.....	63
3.6 O terceiro organizador da psique .....	67
<b>4 CAPÍTULO 3: ETIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO HUMANA .....</b>	<b>70</b>
4.1 Origens filogenéticas e ontogenéticas do meneio de cabeça negativo .....	75
4.2 Da situação anaclítica para a comunicação.....	79
4.3 A aquisição do “sim” .....	81
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>91</b>

## 1 INTRODUÇÃO

René Arpad Spitz foi um psiquiatra e psicanalista austro-húngaro, nascido em Viena dia 29 de janeiro de 1887. Formou-se em medicina em 1910 na Universidade de Budapeste, onde tomou contato com psicanálise pela primeira vez e se interessou pelo tema, passando a trabalhar sob a orientação de um dos seus professores: o psicanalista Sandór Ferenczi, um dos mais próximos colaboradores de Freud na época. Ferenczi o instruiu, após a formatura, a procurar Freud para que pudesse dar início a uma análise didática (SPITZ, 1959), um tipo particular de análise na qual o treinamento do futuro analista é o propósito principal, e não os objetivos terapêuticos (PALOMBO et al., 2009). Esta viria a ser a primeira análise didática conduzida pelo fundador da psicanálise (EMDE, 1992). Posteriormente, este tipo de procedimento passaria a ser parte do treinamento de todo analista em formação.

A partir de 1922, Spitz começou a participar ativamente do meio psicanalítico, tornando-se membro das sociedades psicanalíticas de Viena em 1926 e de Berlim em 1930, começando, então, a publicar seus primeiros trabalhos (SPITZ, 1924, 1930, 1933a, 1933b, 1934). Em 1935, inicia um treinamento em observação e experimentação em bebês e crianças pequenas no laboratório experimental da psicóloga do desenvolvimento Charlotte Bühler (1893-1974), na Universidade de Viena, onde permanece por um ano (BÜHLER, 1968). Durante o treinamento, o autor entrou em contato com Ilse Hellman e Jean Piaget (GEISSMANN e GEISSMANN, 2005).

Em 1938, René Spitz transfere-se para Nova Iorque, escapando, assim, do avanço do nazismo na Europa e passando a fazer parte do Instituto Psicanalítico desta cidade (GASKILL, 1976). Em Nova Iorque, Spitz ocupou a cátedra de professor visitante na pós-graduação do College of the City of New York. Foi também consultor de pesquisa em psiquiatria infantil no Lenox Hill Hospital (SPITZ, 1959) e supervisor no New York Psychoanalytic Institute (GASKILL, 1976). Durante sua carreira, foi membro dos Institutos Psicanalíticos da França, da Alemanha e de Vienna (PALOMBO et al., 2009; GASKILL, 1976). Em 1956, mudou-se para a cidade de Denver e assumiu uma vaga de professor visitante na Escola de Medicina da Universidade do Colorado, com o intuito de ali se aposentar, vindo a falecer nesta mesma cidade em 14 de setembro de 1974 (GASKILL, 1976).

O trabalho do autor é de grande importância na história da psicanálise pelas contribuições ao campo do desenvolvimento infantil e, sobretudo, no estudo da primeira infância, tendo desenvolvido, entre outros conceitos, a teoria dos organizadores psíquicos

(PALOMBO et al., 2009), influenciada, segundo o próprio autor, pela psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget. Investigou também o processo de formação do ego e desenvolveu novas técnicas para a observação de bebês e das relações entre mãe e bebê, além de ter sido pioneiro na utilização de filmes documentários para registrar o desenvolvimento normal e patológico de recém-nascidos (SPITZ, 1959; STEELE, 1975; GASKILL, 1976). O mais famoso fenômeno psicopatológico investigado por Spitz foi a síndrome do hospitalismo, decorrente da privação materna no primeiro ano de vida da criança, que foi identificada, descrita e assim nomeada por ele (GUILLÉN, 2005). Trabalhos a este respeito, assim como boa parte da obra do autor, chamaram atenção para a importância da relação do cuidador primário com o bebê para o desenvolvimento infantil saudável no meio psicanalítico, para as consequências funestas da falta ou insuficiência dessa relação, e para os resultados do cuidado institucional prolongado em bebês, que viriam a influenciar e ser tema de discussões por parte de outros autores (BURLINGHAM e FREUD, 1944; BOWLBY 1951, 1953; WINNICOTT, 1984).

Spitz desenvolvia suas ideias e conceitos principalmente a partir de suas observações empíricas sistemáticas de bebês, tendo sido um dos poucos autores no campo da psicanálise na época a utilizar tais métodos. Procurava, com isso, integrar diferentes campos de conhecimento em suas pesquisas, incluindo antropologia, embriologia, etologia e pediatria, entre outras disciplinas. Essa interdisciplinaridade transparece de modo evidente na leitura de seus trabalhos, que influenciaram – e mesmo anteciparam até certo ponto – trabalhos posteriores, como os de John Bowlby (1983), o criador da “teoria do apego” (PALOMBO et al., 2009).

### **1.1 Objetivos, justificativa e estrutura do trabalho**

A linguagem sempre se revestiu de um interesse teórico evidente para a psicanálise, principalmente devido ao fato de que o método psicanalítico opera, sobretudo, através da fala. Embora diversas concepções de linguagem possam ser identificadas ao longo da história da psicanálise, a influência lacaniana, entre outros fatores, fez com que, mais recentemente, teorias estruturalistas e formalistas da linguagem tenham predominado no campo psicanalítico. Estas são geralmente acompanhadas por uma epistemologia, uma antropologia e uma metodologia antinaturalista que, de forma implícita ou explícita, afirmam a ruptura entre a realidade humana e o mundo natural – ruptura na qual a linguagem desempenha um papel fundamental. Essas abordagens estruturalistas percorrem, ainda, o caminho reverso do desenvolvimento da

linguagem para compreendê-la (MIJOLLA, 2005), iniciando por sua forma final na fala adulta e estudando as suas origens retroativamente.

A teoria do desenvolvimento inicial da linguagem de psicanalista Spitz, trabalhada de modo mais minucioso em sua obra *O não e o sim: A gênese da comunicação humana* (1998), adota uma perspectiva completamente oposta a essa tendência dominante. Além de combinar os métodos clássicos da psicanálise com estratégias de investigação oriundas do campo das ciências naturais (utilização de testes, métodos de observação padronizados, amostragem estatisticamente significativa, entre outros), a abordagem de Spitz toma como ponto de partida os níveis de comunicação pré-verbais e enfatiza o papel da corporeidade no desenvolvimento da linguagem, o qual também tende a ficar em segundo plano quando esse desenvolvimento é estudado de uma perspectiva mais formalista.

Além de sua importância teórica e histórica intrínseca, os estudos sobre a obra de Spitz são raros na literatura nacional e internacional. Num levantamento bibliográfico preliminar, foi possível identificar cerca de 600 trabalhos que, de alguma maneira, citam o autor, mas poucos são dedicados exclusivamente à sua obra, com exceção de artigos biográficos e resenhas de seus livros. Estudos específicos sobre sua teoria do desenvolvimento da linguagem são ainda mais escassos. Assim, por um lado, se verifica a repercussão de suas ideias; por outro, a carência de estudos históricos ou analíticos sobre sua teoria.

Os estudos psicanalíticos da linguagem enfatizam, predominantemente, seus aspectos formais, estruturais e sintáticos e estudam a linguagem como um fenômeno autônomo, desvinculado do restante da vida mental e do comportamento. Spitz, ao contrário, vincula a linguagem organicamente ao desenvolvimento psíquico e motor.

Spitz, assim como outros autores da psicanálise britânica e norte-americana (BOWLBY, 1951; AINSWORTH e BOWLBY, 1991; MAHLER 1963, 1971), utilizava métodos etológicos de investigação, inclusive métodos quantitativos, em combinação com os métodos clínicos da psicanálise. Essa atitude favorável a uma abertura metodológica tem-se tornado rara na pesquisa psicanalítica mais recente. Seu resgate pode, portanto, contribuir para recolocar em discussão as questões relativas à metodologia da pesquisa psicanalítica como um todo.

Tendo isso em vista, o primeiro capítulo, a seguir, se propõe a apresentar o mais minuciosamente possível a metodologia utilizada por René Spitz, ilustrada por seus estudos

empíricos e observacionais identificados como mais relevantes para tal fim e que serviram de base para grande parte de seus escritos subsequentes. Além disso, discutem-se também as justificativas do autor para empregar essas metodologias e se descrevem as principais abordagens utilizadas em suas investigações, passando também por uma apresentação das técnicas investigativas complementares presentes em seus trabalhos. Após essa análise, são apresentadas e discutidas, ainda, certas críticas endereçadas aos aspectos metodológicos do trabalho de Spitz.

No segundo capítulo, é apresentada a teoria do desenvolvimento de Spitz, sobretudo, os dois primeiros anos de vida com ênfase nos aspectos ligados ao desenvolvimento motor. Este desenvolvimento desempenha um papel central na argumentação de Spitz sobre o desenvolvimento do 'não' semântico no bebê e, de modo mais amplo, lança luz sobre sua visão do surgimento da capacidade de comunicação, assim como sobre a razão pela qual o autor dedicou uma parte importante de seu trabalho ao estudo da comunicação pré-verbal e de suas origens.

No terceiro e último capítulo, é analisada a teoria do desenvolvimento da linguagem de Spitz, especificamente como apresentada no livro *O Não e o Sim*, seu principal trabalho sobre o tema. Em particular, discute-se como a linguagem se conecta com o desenvolvimento motor e como se dá o surgimento dos gestos significativos no bebê até este atingir o estágio da fala verbal.

A fim de situar o problema desta pesquisa, os aspectos mais fundamentais da teoria do desenvolvimento infantil de Spitz, em geral, e de sua visão do desenvolvimento da linguagem, em particular, são brevemente esboçados abaixo, a título de introdução do problema.

## **1.2 Principais aspectos do pensamento de Spitz**

Spitz dedicou sua carreira ao estudo do desenvolvimento psíquico infantil, utilizando para isto sua experiência clínica, materiais obtidos de outras áreas de conhecimento e tendo como referencial teórico, principalmente, a psicanálise. Sua teoria do desenvolvimento parte, sobretudo, da observação das patologias do desenvolvimento em bebês (SPITZ, 1980). Ele assume como pressuposto que a relação da criança com a mãe - ou seja, a primeira relação objetal -, é a base para todas as interações sociais posteriores. Desse modo, uma relação deficitária com a mãe, num primeiro momento, seria um alto fator de risco para o desenvolvimento de patologias no bebê, sendo a mais grave dessas condições a privação total

materna, que resultaria no quadro patológico que o autor denominou hospitalismo (SPITZ, 1980).

Para explicar o desenvolvimento não patológico, Spitz lança mão da concepção piagetiana sobre os estágios do desenvolvimento. Piaget é mencionado em grande parte de seus artigos, e é dedicado a ele um capítulo inteiro, numa contribuição de Geoffrey Coblner, na conclusão de seu principal livro (SPITZ, 1965), o que serve como evidência da importância que lhe atribui. Os estágios de desenvolvimento teorizados por Piaget são períodos de mudança e adaptação que dão lugar a fases seguintes de estabilidade, e assim sucessivamente. Em sua teoria, Spitz distingue três estágios no desenvolvimento infantil e os define a partir do seu próprio conceito de *organizadores psíquicos*<sup>1</sup>. Antes do estabelecimento do primeiro estágio propriamente dito, o bebê se encontraria numa fase não objetal, sem qualquer diferenciação entre si mesmo e a mãe (PALOMBO et al., 2009).

O primeiro organizador psíquico surge por volta do início do segundo mês de vida. Este pode ser identificado quando surge a assim denominada “resposta sorriso” (*smiling response*), quando o bebê reage à percepção da face humana com um sorriso, o que marca o início de todos os comportamentos ativos, dirigidos e intencionais do sujeito (SPITZ, 1979). No segundo estágio, o organizador psíquico é o estabelecimento do primeiro objeto libidinal – em geral, a mãe – e o indicador de que essa escolha foi feita é o surgimento da ansiedade dos oito meses. Nesse estágio, a criança rejeita qualquer pessoa que não seja a mãe ou os cuidadores próximos presentes no dia a dia, o que indica a emergência da capacidade de distinguir entre as pessoas familiares e estranhas. O terceiro estágio começa com estabelecimento do terceiro organizador psíquico, o início da comunicação verbal ou aquisição da linguagem, que pode ser identificado pela capacidade de entender e utilizar o “gesto-Não” corretamente (SPITZ, 1959). Via de regra, o terceiro organizador psíquico é estabelecido por volta dos 12 meses de idade concomitantemente ao início da movimentação independente infantil, isto é, o andar. Isso possibilita o desenvolvimento da autonomia do ego (MIJOLLA, 2005, p. 1153), posto que agora é possível se distanciar fisicamente mãe, e esta precisa então recorrer a repreensões por meio da fala. Assim, quando a criança age, coloca-se numa situação em que pode receber ordens e proibições verbais como consequência dessas ações.

---

<sup>1</sup> Centros integrativos do desenvolvimento maturacional e psicológico que formam a personalidade do indivíduo. Adaptado por Spitz a partir do conceito de organizadores, da embriologia. Os indicadores seriam os pontos a partir dos quais é possível perceber a emergência de tais centros integrativos.



### 1.3 O desenvolvimento da comunicação verbal

Spitz, na sua obra *The first year of life*, considera que, quando o bebê nasce, os estímulos do ambiente incidem sobre ele, mas ainda não são percebidos propriamente, uma vez que o significado atribuído à percepção surge a partir da experiência do bebê (SPITZ, 1980). Logo, é preciso ainda que ele aprenda a perceber. O autor diz adotar uma proposição do próprio Freud (1923), quando este afirma que, no nascimento, não há consciência ou quaisquer processos psicológicos, que se desenvolverão nas semanas subsequentes ao nascimento, a partir do equipamento genético (*Anlage*<sup>2</sup>) que o indivíduo carrega.

A zona mais ativa do corpo de um bebê recém-nascido e a mais propensa à percepção é a zona oral. Ao ser amamentado, o bebê consegue sentir com a boca e as bochechas o lugar em que está o mamilo da mãe, e a cabeça se movimenta de um lado para o outro à procura da fonte de alimento. Para que o bebê possa transitar do sistema cinestésico a partir do qual percebe o mundo – a sensação geral dos movimentos de seu corpo – para o diacrítico<sup>3</sup>, a partir do qual os seres humanos mais desenvolvidos percebem o mundo, é indispensável a relação com a mãe, que fornece os primeiros estímulos para que ele possa aprender e praticar a percepção e a orientação (SPITZ, 1965). No caso da linguagem, o estímulo precursor será a voz da mãe quando fala ao filho.

O conceito spitziano de *mãe* é amplo, não se refere simplesmente à progenitora do sexo feminino. Em diversos de seus trabalhos, utiliza termos e expressões como “substituto da mãe” (SPITZ, 1945, 1951, 1964b, 1965; Spitz & Wolf, 1946, etc), “parceiro humano” (SPITZ, 1945, 1949, 1950a) ou “pessoa que exerce a maternagem”<sup>4</sup> (SPITZ et al., 1970): “A escolha anaclítica de objeto é determinada pela dependência original do bebê em relação à pessoa que alimenta, protege e *funciona como mãe*” (SPITZ, 1998, p. 80, grifos nossos). Dessa forma, toda vez que o termo “mãe” aparece, o mesmo pode ser substituído pelo equivalente *cuidador primário*.

O bebê produz vocalizações naturalmente, como via de descarga de energia. Com a passagem do tempo, esse comportamento vai se modificando, tornando-se um jogo em que a

---

<sup>2</sup> Termo utilizado por Freud que significa primariamente “instalação” ou “estrutura”, mas que pode ser utilizado também para designar uma tendência de caráter. Foi traduzido em inglês como disposição inerente (*inherent disposition*) (1912) ou constitucional (*constitutional disposition*) (1923).

<sup>3</sup> Denominação de Spitz para o sistema sensorial, centrado no córtex e caracterizado pelos pensamentos e ações conscientes e volitivas. Esse sistema pode ainda classificar estímulos de acordo com sua intensidade e localização. Os órgãos executivos referentes são os músculos estriados esqueléticos dos membros (Spitz, 1945a). É, portanto, uma organização que permite a distinção e identificação precisa dos estímulos que chegam até o organismo.

<sup>4</sup> *Mothering person*.

criança imita os mesmos sons que antes produziu de forma casual, assim como os sons que a mãe produz (SPITZ, 1998). Essa repetição, posteriormente, assumirá a função de produzir sinais semânticos, após uma série de mudanças na organização psíquica do bebê. A comunicação na díade mãe-filho consiste nos sinais emitidos pelo bebê e nos signos<sup>5</sup> deliberadamente produzidos pelo adulto, que passam a ser percebidos como tais pela criança.

Por volta da oitava semana de vida, o bebê passa a ser capaz de articular sinais que comunicam seu desconforto (SPITZ, 1998). Esses sinais se tornam inteligíveis para a mãe, que agora consegue satisfazer mais adequadamente as necessidades do bebê, levando-a a desenvolver uma conexão entre seu comportamento e as respostas alheias que surgem como consequência do mesmo.

A partir do oitavo mês, a percepção diacrítica já se encontra bem desenvolvida, o que capacita o bebê a distinguir entre pessoas familiares e estranhas (SPITZ, 1998). Algumas semanas após surgirem os primeiros sinais da ansiedade dos oito meses, o sujeito começa a ser capaz de entender gestos sociais e usá-los. Na fase seguinte, ocorrerá a estruturação desses gestos dentro de um sistema, com o que eles se tornam signos verbais. No primeiro ano de vida, esses signos ainda se manifestam sob a forma de gestos.

Depois de adquirir a capacidade de locomoção independente o bebê a repreensão através do contato tátil direto se torna mais difícil, o que faz com que as mães passem a repreendê-los também por meio da fala, nos momentos de pico de atividade da criança. Esta repreensão acontece por meio do “não”, tanto verbal quanto em gestos, que o bebê perceberá, de acordo com Spitz (1998), identificando-se com a mãe ou cuidador, fazendo destes os primeiros símbolos semânticos no repertório de comunicação da criança.

O autor se volta, então, em suas observações clínicas de bebês, para as origens do comportamento de meneio de cabeça e encontra movimentos similares nos reflexos de sucção e de orientação que os bebês realizam mediante o toque na região peitoral da mãe. De acordo com Gamper (1926), esses movimentos existem, em todos os seus detalhes e até mesmo em nível encefálico, em outras espécies de mamíferos, sendo de fundamental importância para a alimentação inicial dos filhotes, dado que seu objetivo originário é encontrar o mamilo materno (SPITZ, 1980). Segundo Spitz, trata-se, biologicamente, de um comportamento antecipatório, um movimento de aproximação que tem “significado” positivo. Para o autor, do ponto de vista

---

<sup>5</sup> Percepção, seja qual for, associada a partir da experiência de um objeto ou situação, e que os substitui (Spitz, 1954).

psicológico, ele pode ser considerado um movimento afirmativo. No entanto, com o aumento da orientação visual e da coordenação muscular, esses movimentos cessam e retornam apenas quando o bebê tem em torno de seis meses, mas com um sentido diferente. Quando o bebê já está satisfeito, ele passa a evitar o alimento com esse movimento rotatório da cabeça. Assim, ele se torna um comportamento de esquiva. O movimento adquiriu, portanto, um “significado” negativo.

Isso não significa que o bebê esteja voluntariamente negando o contato. O meneio de cabeça como sinal<sup>6</sup> semântico de “Não”, observa Spitz (1998), só aparece por volta do décimo quinto mês de vida, e é governado por leis diferentes. Enquanto o primeiro comportamento ocorre com o objetivo de evitar o desprazer, o sinal semântico “não” é governado pelo princípio de realidade. O “não” se desenvolve a partir do mecanismo de defesa de identificação com o adulto cuidador, uma associação feita pelo bebê entre o gesto (meneio de cabeça) e o conteúdo ideacional (negação) significativo para seu ambiente.

---

<sup>6</sup> Percepção que foi artificialmente associada a um objeto ou situação (Spitz, 1954)

## 2 CAPÍTULO 1: ASPECTOS METODOLÓGICOS DAS PESQUISAS DE RENÉ SPITZ

Spitz sempre procurou justificar claramente seu procedimento e a razão para não utilizar as metodologias psicanalíticas clássicas em seus trabalhos (SPITZ 1944, 1965). As investigações realizadas pelo autor envolveram crianças muito pequenas, desde o nascimento até uma idade quando estão se desenvolvendo os primórdios da comunicação, ainda pré-verbal. Nos três primeiros meses de vida, não haveria, segundo Spitz, uma separação nítida entre a psique e o corpo do sujeito, fazendo dele um todo indiferenciado. Por isso, a criança se expressaria, nesta fase, por meio de seu comportamento afetivo e de sintomas corporais (SPITZ, 1944). A psicanálise clássica, operando basicamente através da fala, tornara impossível aplicar completa e literalmente seu método clínico tradicional sobre sujeitos ainda nos estágios pré-verbais do desenvolvimento. A fim de obter informação confiável sobre esses estágios iniciais do desenvolvimento infantil, Spitz utilizou, então, testes e métodos de observação padronizados<sup>7</sup>, abrangendo um número estatisticamente significativo de crianças. Ele registrou comportamentos intencionais e não intencionais que considerava como atos de comunicação no bebê e, principalmente, aqueles envolvendo a díade que a criança compõe com a mãe, tais como gritos, balbucios, movimentos e gestos. Sobre a importância do estudo desses estágios pré-verbais, e a impossibilidade de utilizar o método psicanalítico puro nesses estágios<sup>8</sup> o autor ainda afirmou em *Psychosomatic principles and methods and their clinical application*:

O método da psicanálise é a associação livre, que pressupõe o uso da linguagem. Qualquer afirmação feita pela teoria psicanalítica em relação ao período anterior à aquisição da fala é realizado com a ajuda da extrapolação. Mas é apenas o estado pré-verbal do desenvolvimento infantil que consideramos majoritariamente responsável pela criação de uma disposição que leva a doença psicossomática posterior. (SPITZ, 1944, p. 556)

Os diferentes instrumentos utilizados em pesquisas na psicologia experimental são normalmente acompanhados por uma postura de distanciamento do objeto sob escrutínio por parte do pesquisador. O mesmo não se verifica em pesquisas psicanalíticas (BERNFELD,

---

<sup>7</sup> O método empregado por Spitz é novo à medida que se aproxima da estrutura de pesquisa da psicologia experimental. No entanto, a observação direta de bebês por psicanalistas, professores e equipes de berçários já ocorria um tempo antes, e interpretações psicanalíticas dessas observações eram publicadas em revistas científicas. Um exemplo são as observações conduzidas por Anna Freud no Hampstead Nurseries, entre 1940 e 1945.

<sup>8</sup> Bornstein (1951) discute ainda a utilização da associação livre na análise de crianças que já falam: para ela, antes da puberdade e do conseqüente desenvolvimento da função de introspecção, é perigoso para a criança falar livremente, pois o processo secundário ainda não está completamente estabelecido e esse tipo de expressão pode fazer com que o psiquismo regrida para um funcionamento em processo primário. A autora propõe uma análise baseada nas defesas infantis.

1941). Nos escritos e filmes de Spitz, é possível constatar a proximidade entre o pesquisador e os bebês observados. Em outras palavras, o pesquisador participa ativamente do ato de observar. Portanto, apesar de se munir dos instrumentos da psicologia experimental, Spitz mantém, em última instância, uma atitude psicanalítica:

O psicanalista obtém seus fatos básicos do tratamento psicanalítico, um processo de influenciar ativamente o objeto observado. (...) Certamente, comparado ao psicólogo em seu laboratório, o psicanalista é muito ativo. Ele não observa um objeto que é independente de sua observação (BERNFELD, 1941, p. 290).

As primeiras teorizações sobre o desenvolvimento infantil começam com Freud, a partir da análise de adultos e da reconstituição da história desses pacientes (PALOMBO et al., 2009, p. 38). Mais tarde, a análise de crianças ocasionou o surgimento das teorias kleinianas e da análise dos mecanismos de defesa, por Anna Freud (1936). O conteúdo dessas teorias era majoritariamente baseado em especulações e extrapolações por parte dos analistas, baseados na experiência clínica com crianças que já falavam. A validade dos conceitos derivados dessa prática, principalmente das teorias kleinianas, foram colocados em xeque por nomes da escola de Anna Freud, como Kate Friedlander e Edward Glover. Os autores defendiam que a possibilidade de aplicação terapêutica não garantia que a base teórica estivesse correta (GEISSMANN e GEISSMANN, 2005). De acordo com Kris (1951), o embate e a controvérsia criada entre os representantes de seguidores dessas duas linhas, incentivaram a busca por fontes de dados diversas sobre o desenvolvimento infantil primitivo, como a observação direta de recém-nascidos e bebês pequenos. Geissmann e Geissmann (2005), acreditam que o comentário de Anna Freud no prefácio de *The first year of life* (SPITZ, 1965) sobre o contraste dos métodos utilizados por Spitz com outros, que se apoiam na especulação a partir da análise de crianças em estágios mais avançados do desenvolvimento, seja uma referência ao *modus operandi* de Melanie Klein e seus partidários.

Spitz (1944) criticou a separação entre o tratamento das doenças físicas e psíquicas, a consequente intervenção utilizando os métodos adequados para apenas uma dessas formas de patologia, assim como a proliferação das especialidades médicas. Como alternativa, ele propôs uma medicina psicossomática, como uma maneira de compreender as doenças simultaneamente nessas duas dimensões, mesmo que, em muitos casos, uma seja claramente preponderante sobre a outra.

Seguindo esta linha, o autor entende que na formação dos quadros patológicos, os afetos são concomitantes aos fenômenos fisiológicos (SPITZ, 1944). O intuito é identificar as funções dos afetos que operam nas doenças, e os mesmos podem se apresentar de duas formas: “Afetos que participam na etiologia de condições que se desenvolvem muitos anos mais tarde. (e) Afetos que aparecem nessas condições tardias como uma elaboração secundária.” (SPITZ, 1944, p. 558)

Spitz descreveu duas abordagens básicas utilizadas em suas investigações. A primeira é uma abordagem estatística, que parte da premissa de que as condições psicossomáticas variam de cultura para cultura em função das diferentes influências ambientais e como expressão dessas diferenças. Esta abordagem consistiria em um esforço conjunto de etnólogos, sociólogos, psicanalistas, psiquiatras e médicos para descrever e explicar as diferentes combinações de fatores etiológicos que podem compor os quadros psicossomáticos. O autor apresentou alguns exemplos:

Diminuição na Incidência de Neuroses Traumáticas Nessa Guerra – (...) Tomei como ponto de partida a enorme diminuição da incidência de neuroses traumáticas nessa guerra quando comparada com a última. Eu concluí dessa diminuição que o soldado de hoje tem uma resistência maior ao trauma psíquico. Já que essa resistência, a denominada “Reiz-Schutz”, é uma função do Ego, se torna necessário investigar de qual maneira o Ego tem mudado no curso de uma geração. Tal mudança do Ego poderia ser o único resultado de uma mudança de fatores ambientais durante a infância e adolescência, os anos nos quais o Ego é desenvolvido e estabelecido. Poderia ser provado que tal mudança na dinâmica do meio ambiente realmente aconteceu. A mudança consistiu em uma atitude mais liberal por parte dos pais e em uma diminuição na superproteção das crianças, que ocorreu de mãos dadas com uma habituação aos traumas menores de esportes e jogos. (SPITZ, 1944, p. 560)

A segunda forma de aproximação é descrita como abordagem genética. Nela, o psicanalista se limita à colaboração de obstetras (pois são os primeiros a terem contato com os recém-nascidos) e pediatras (o primeiro médico da criança, que a acompanha até o final de sua infância), no esforço de compreender os quadros psicossomáticos. Trata-se, em suma, de coletar dados provenientes dos períodos pré-natal, neonatal e dos estágios iniciais do desenvolvimento e assim observar as condições que levam ao desenvolvimento dos quadros psicossomáticos, não em termos de expressão de afetos, mas de “situações correlacionadas ao comportamento e às manifestações somáticas” (SPITZ, 1944, p. 559). A essa descrição o autor denomina “linguagem de comportamento situacional” (*situational behavior language*), pois nela “padrões de comportamento somático e emocionais específicos são coordenados a

situações patogênicas específicas” (SPITZ, 1944, p. 559). Ele comenta ainda que, para representar de modo efetivo essa forma de linguagem, seria necessário empregar diagramas vetoriais, que o mesmo desenvolveu com Katherine Wolf<sup>9</sup> (1907-1957), psicóloga infantil, assim como Spitz, treinada por Charlotte Bühler, e mais tarde assistente de pesquisa psicanalítica do autor (VAN DER HORST et al., 2009). Spitz apresenta como exemplos dessa abordagem alguns estudos:

Dois artigos, de autoria de Fries (1937) e Fries & Lewi (1938), pertencentes ao mesmo projeto, que visava determinar os fatores interrelacionados presentes no desenvolvimento normal e patológico de bebês. As autoras acompanharam mães e pais desde a gravidez até os dez primeiros dias do puerpério, ao passo que os bebês eram acompanhados desde a gestação até os 9/10 anos de idade. A investigação incluía entrevistas exaustivas com os pais sobre seus próprios nascimentos e infância, até o enlace com o atual parceiro e o início da gravidez, acompanhamento do trabalho de parto, parto e pós-parto, assim como a constituição herdada dos bebês e o desenvolvimento fisiológico e emocional dos mesmos. Todos os dados coletados eram dispostos em tópicos em fichas-prontuário, de modo a facilitar possíveis prognósticos e assim realizar intervenções sempre que um fator potencialmente patológico se apresentasse. A equipe do projeto contava com a colaboração de pediatras, psiquiatras, psicólogos, enfermeiros e assistentes sociais.

É mencionado também o estudo de Ribble (1938) sobre as reações instintivas em bebês recém-nascidos. Preliminarmente foram observados 500 bebês nas enfermarias de dois grandes hospitais-maternidade de Nova Iorque. Dos bebês que apresentaram problemas relacionados à sucção, respiração, atividade sensorio-motora e sono, um grupo pequeno foi selecionado para um estudo intensivo sob período prolongado. Esse grupo de bebês, que tinha dificuldade em se adaptar à vida extrauterina sem ajuda, a autora denomina “vegetativo”, pois precisavam ser ensinados e estimulados para que saíssem do modo de funcionamento fetal.

São destacados, por fim, dois estudos de observação direta de Halverson, o primeiro, de 1938, observa o comportamento tensional do bebê durante a alimentação por meio de sucção. Nesse estudo o autor mensura a força e a duração das respostas de sucção no momento da alimentação do bebê, para determinar as reações emocionais e físicas associadas com a fome e

---

<sup>9</sup> O autor comenta em sequência que os diagramas seriam publicados em um artigo especial, mas não foram encontrados diagramas vetoriais nos artigos subsequentes de Spitz. Ao nosso conhecimento, todas as representações gráficas utilizadas por Spitz eram gráficos de barras, colunas ou linhas, acompanhando número de sujeitos ou quocientes de desenvolvimento.



os reflexos de alimentação. No segundo estudo, de 1940, Halverson analisa o comportamento genital e de esfíncter de bebês do sexo masculino, para determinar os fatores etiológicos do fenômeno e a frequência do mesmo, observando igualmente o comportamento emocional concomitante dos sujeitos.

Em seguida Spitz (1944) discute que a combinação dos dois métodos descritos acima forneceria um entendimento melhor das doenças psicossomáticas, mas que a compreensão dos fenômenos ainda deixa em aberto a questão do tratamento e da cura das afecções. Uma vez que muitas vezes na história da medicina curas foram atingidas anteriormente à explicação dos fenômenos, o mesmo poderia ser feito em relação às doenças psicossomáticas:

A situação é a mesma no caso da medicina psicossomática. O que sabemos é que os afetos do paciente, os diferentes aspectos de sua personalidade e sua relação com seu ambiente são significativos no desencadeamento dessas doenças. Tentamos, portanto, modificar o ambiente do paciente e liberar os afetos. Nessa conexão o sexo do terapeuta e sua personalidade são quase tão importantes quanto o conhecimento do mesmo do mecanismo psíquico. (SPITZ, 1944, pp. 559-560)

Esse método, qual Spitz chamava de “abordagem intuitiva ao problema da cura” (SPITZ, 1944, p. 560), juntamente com o método genético, formaria uma base a partir da qual poderia ser desenvolvida uma psicoterapia que não fosse unicamente intuitiva e, por conseguinte, incerta, mas que estabeleceria uma conexão entre sintomas, padrões de comportamento e episódios da primeira infância.

As abordagens formuladas por Spitz dão forma a um projeto interdisciplinar de estudo dos quadros psicopatológicos precoces com o objetivo de compreendê-los de maneira multidimensional. Em seus próprios trabalhos, apesar de haver um claro esforço para incluir diferentes fatores, a cooperação com os profissionais de outras áreas, essencial na formulação das abordagens, fica de fora, seja por impossibilidade de acesso ou incúria.

## **2.1 As diferentes abordagens nos principais trabalhos de Spitz**

As principais amostras de sujeitos utilizadas por Spitz eram obtidas das instituições ficticiamente designadas em seus estudos como “Berçário” ou “Creche” (*Nursery*) – uma instituição penal para onde eram enviadas presas grávidas no momento da admissão e onde eram criados seus filhos até o primeiro ano de vida – e “Casa da Criança Abandonada” (*Foundling Home*); que abrigava crianças de famílias que não tinham condições de criá-las e as deixavam na instituição mediante o pagamento de um pequeno valor mensal e também mães



solteiras que acompanhavam seus filhos e auxiliavam nos cuidados de outras crianças. As duas instituições foram utilizadas em trabalhos como *Hospitalism* (SPITZ, 1945b), *Hospitalism: A follow-up* (SPITZ, 1946a), *Anaclitic depression* (SPITZ e WOLF, 1946), *Autoerotism* (SPITZ e WOLF, 1947), *The first year of life* (SPITZ, 1965) e ainda como base para a redação do artigo *Psychogenic diseases in infancy* (SPITZ, 1944).

Em *The first year of life*, Spitz (1965) relata um estudo longitudinal, com uma duração máxima de dois ou dois anos e meio e mínima de dois meses. Este critério foi adotado para que pudessem ser detectadas mudanças psíquicas e comportamentais durante o primeiro ano de vida. O teste de personalidade e desenvolvimento Bühler-Hetzer (seção referente ao primeiro ano de vida) era administrado às crianças, as mesmas eram observadas individualmente durante quatro horas por dia, em média. Para evitar interferência dos desvios relacionados ao gênero, eram alternados observadores do sexo masculino e feminino a cada semana.

Spitz (1965) alega ter utilizado uma combinação de estudos longitudinais e transversais<sup>10</sup>, acrescentando que, quando julgava necessário, investigava profunda e extensivamente um sujeito individual. As populações utilizadas pelo autor foram selecionadas de diferentes contextos, culturas, raças e situações econômicas, a fim de avaliar se influências culturais, raciais ou outras quaisquer afetariam a personalidade ao longo do primeiro ano de vida, segundo o mesmo. Vale ressaltar que as “raças” mencionadas eram designadas como “branca”, “negra”, “latina” e “indígena”, sendo as duas primeiras oriundas do mesmo país (os EUA). Quanto à indígena, não foi especificada a etnia, mas apenas que o povoado era localizado na América Latina onde teriam sido objeto de um estudo transversal. Foram observadas também trinta e cinco crianças nascidas em uma maternidade do tipo hospital-escola, onde as mães tinham “status econômico modesto”, mas eram atendidas por uma equipe altamente qualificada.

Para que um parâmetro seja incluso em uma pesquisa, é preciso que seja justificado. A partir do material apresentado, a concepção dos autores no que concerne a raça fica incerta. Essas preconcepções são de essencial importância quando se discutem aspectos raciais, dado

---

<sup>10</sup> De modo geral, um *estudo ou levantamento longitudinal* é um delineamento de pesquisa que envolve observações repetidas das mesmas variáveis ou sujeitos ao longo de períodos de tempo mais ou menos longos. Um *estudo ou análise transversal* é um tipo de pesquisa observacional ou experimental que analisa dados de uma população ou de um subconjunto representativo desta num ponto específico do tempo (Shadish, Cook & Campbell, 2001).

que influenciam o modo como as questões são levantadas e a interpretação dos resultados das pesquisas (SCARR, 1988). A justificativa de Spitz permanece vaga a este respeito:

Levando-se em consideração as *controvérsias frequentes* sobre as influências culturais, raciais e afins na personalidade humana, queríamos testar até onde iam tais diferenças, se existentes, e se poderiam afetar a personalidade no primeiro ano de vida. Com esse problema em mente, foram incluídos em nossas populações bebês de *várias culturas e raças*. Tivemos condições de estudar bebês de ascendência branca, negra e indígena [americana]. (SPITZ, 1965, p. 27, grifos nossos).

Nenhuma informação é fornecida sobre como a ascendência poderia ser um fator interveniente no desenvolvimento da personalidade do indivíduo, e o contexto passa a impressão de que o critério foi incluído apenas para satisfazer um requisito metodológico formal. Nenhum estudo foi apresentado sobre quais poderiam ser os resultados desse controle por raça e tampouco foram citados trabalhos documentando as “frequentes controvérsias” mencionadas sobre o tema. A separação da amostra foi realizada e, quando nenhuma diferença significativa nos QDs<sup>11</sup> foi observada, considerou-se que a ascendência das crianças não parecia ser um fator no desenvolvimento dos bebês. Contudo, este tópico não chega a ser efetivamente discutido pelos autores. Nesse sentido, não teria sido seguida a diretriz apresentada por Scarr (1988, p. 58), segundo a qual, quando se estuda quaisquer diferenças psicológicas entre raças, gêneros ou classes sociais, os autores têm “responsabilidades no sentido de interpretar seus dados de modo claro, de acordo com o que acreditam que os resultados significam”.

Além de realizar esta separação da amostra principal, Spitz (1965) submetia à observação todos os demais sujeitos da faixa etária sob estudo de cada ambiente/instituição, ou seja, aqueles que não apresentavam características que os enquadrassem nas síndromes de interesse, para assegurar a constância de fatores intervenientes e condições ambientais. De acordo com o autor, esta estratégia teria permitido que se estudasse o efeito de uma única variável de cada vez.

Num esforço para estudar também crianças provenientes de ambientes com condições iguais em grandes quantidades, a fim de obter maior controle, foram selecionadas o Berçário e a Casa da Criança Abandonada. O autor descreve os ambientes das instituições, sua infraestrutura e a condição das mães. Descreve também o pessoal e o tipo de cuidados recebidos

---

<sup>11</sup> Quocientes de Desenvolvimento.

pelas crianças por eles, a alimentação, o contato com as mães (o quanto, se existente ou não), a rotina e a “liberdade” das crianças, definida como seu alcance visual a partir do berço e sua possibilidade de se movimentar.

Em seu artigo *Hospitalism*, Spitz (1945b) descreve a investigação realizada por ele e sua equipe sobre os efeitos dos cuidados institucionais contínuos em bebês menores de um ano. As duas instituições selecionadas, (“Casa da Criança Abandonada” e “Berçário”) eram caracterizadas como orfanatos e como situadas no “hemisfério ocidental”, sem maiores especificações. As crianças passaram por uma anamnese e foram submetidas ao teste Hetzer-Wolf<sup>12</sup>. Foram incluídas também informações sobre as mães, sempre que disponíveis. Quaisquer problemas ou comportamentos fora do comum que não pudessem ser explicados pela situação-teste eram submetidos a experimentos especiais voltados para aquela situação específica, todas protocoladas e analisadas em detalhe. Uma parte dos testes e dessas situações especiais, assim como todos os experimentos realizados foram gravados em filme de 16/mm.

O autor utilizou uma amostra restrita, em sua maior parte, ao primeiro ano de vida, “em vista de achados de investigações prévias” (SPITZ, 1945b, p. 58), assim como amostras de crianças não institucionalizadas, criadas na casa dos pais e oriundas dos mesmos países de ambas as instituições, como parâmetro de comparação:

Tabela 1: Descrição da amostra presente no artigo “Hospitalism”

<b>Ambiente</b>	<b>Instituição nº 1</b> (Berçário)	<b>Lar privado</b> <b>correspondente</b>	<b>Instituição nº 2</b> (Casa da Criança Abandonada)	<b>Lar privado</b> <b>correspondente</b>
<b>Número de crianças</b>	69	11	61	23

Fonte: SPITZ, 1945b

Spitz apresenta, em seguida, as médias dos *quocientes de desenvolvimento* mensuradas a partir das aplicações do teste Hetzer-Wolf, nos primeiros e últimos quatro meses do primeiro ano de vida de cada uma das amostras. Não fica claro, no entanto, se a média é estabelecida utilizando duas medidas para cada criança, uma no primeiro quadrimestre e outra no último quadrimestre do primeiro ano de vida, ou se os testes são administrados dividindo-se as crianças da amostra em faixas de idade e testando-as uma única vez. Na tabela apresentada, as

<sup>12</sup> Descrito adiante, na seção intitulada “Demais técnicas investigativas”.

crianças do grupo controle são divididas em crianças que moravam com pais que tinham empregos fixos em uma cidade de grande porte e crianças criadas com os pais em um vilarejo de pescadores isolado, onde as condições de infraestrutura e qualidade de vida eram precárias. Essas informações são apresentadas na tabela reproduzida abaixo.

Tabela 2: Quocientes de desenvolvimento como apresentados em “Hospitalism”

Tipo de ambiente	Contexto social e cultural	Quocientes de Desenvolvimento	
		Média dos primeiros quatro meses	Média dos últimos quatro meses
Casa dos pais	Emprego fixo	133	131
	População do Vilarejo	107	108
Instituição	“Berçário”	101.5	105
	“Casa da Criança Abandonada”	124	72

Fonte: SPITZ, 1945b

Ao comentar estas médias, o autor afirma que nas três primeiras amostras, independentemente de seu contexto, as crianças estavam com QDs satisfatórios ao fim do primeiro ano. As crianças da Casa da Criança Abandonada, contudo, apesar de terem uma média inicial comparável às outras, ao fim tinham decaído drasticamente. Essa queda é atribuída às manifestações características do hospitalismo apresentado pelas crianças dessa instituição (deterioração no processo de desenvolvimento, maior suscetibilidade a doenças e infecções, substituição do comportamento normal da criança quando em contato com adultos por um que varia de extrema simpatia a ansiedade generalizada expressa por meio de gritos incessantes e distúrbios psiquiátricos não especificados). Spitz também informa que, devido a uma epidemia de sarampo na instituição, 6 crianças do grupo mais novo e 17 do grupo mais velho morreram, o que reduziu o número total da amostra de 61 para 38. Outra diferença é o fato de que as crianças do Berçário tinham contato com suas mães, ao passo que as da Casa da Criança Abandonada só tinham a atenção de um cuidador primário até o desmame, no quarto mês de vida. Spitz (1945b) considera que essa perda de contato humano é o fator responsável pela queda do QD abaixo do normal no mês seguinte.

A investigação descrita no artigo foi ainda acompanhada por um relatório de follow-up, em que um investigador foi instruído a coletar fatos objetivamente observáveis sobre todas as crianças que ainda estivessem disponíveis no orfanato, em intervalos de quatro meses, durante

dois anos após a investigação original (SPITZ, 1946a). O procedimento foi realizado apenas na Casa da Criança Abandonada, pois no Berçário a investigação foi negada.

O relatório é breve e traz poucas informações específicas sobre o procedimento, limitando-se a mencionar as atividades que o investigador foi instruído a realizar, como entrevistar a equipe encarregada de cuidar das crianças com um questionário desenvolvido por Spitz, observar o comportamento geral de cada criança e fazer uma tentativa de contato com cada uma delas. Ele informa ainda que “gravou algumas vezes e tirou fotografias no final dos dois anos (...) tirou medidas corporais, como peso, altura e circunferência occipital.” (SPITZ, 1946a, p. 113). O próprio autor admite que as informações apresentadas no relato eram inadequadas para a formulação de um estudo rigoroso. Além disso, é apresentada a mortalidade na instituição durante esses dois anos de acompanhamento, que chegou a 37%. No momento da formulação do relatório, Spitz afirma que apenas 21 das 91 crianças do estudo original dele constavam. No entanto, no artigo sobre o hospitalismo (SPITZ, 1945b), a amostra apresentada para a Casa da Criança Abandonada é de 61 crianças, e não 91, conforme reprodução contida na Tabela 1.

Quanto ao questionário, foram avaliadas 4 dimensões do desenvolvimento das crianças, que foram classificadas segundo conseguissem ou não realizar as tarefas previstas dentro de cada uma dessas dimensões (SPITZ, 1946a). A primeira dimensão correspondia ao desenvolvimento corporal, e as capacidades esperadas eram: erguer-se sem auxílio, caminhar com auxílio e caminhar sem auxílio. A segunda dimensão abarcava o manejo de materiais, sendo os critérios classificatórios ser ou não capaz de comer sozinho com uma colher e ser capaz de se vestir sozinho. Em seguida, foi analisada a adaptação às demandas do meio ambiente, classificando-se as crianças entre aquelas sem treinamento para fazer as necessidades sozinhas ou, no mínimo, parcialmente treinadas. Por último, para analisar o desenvolvimento da fala, as crianças foram separadas de acordo com a extensão do vocabulário: se não falam nada, se falam 2 palavras, 3 a 5 palavras, 12 palavras ou se já são capazes de usar frases.

O estudo descrito em *Anaclitic depression* (SPITZ e WOLF, 1946) foi desenvolvido na instituição designada como Berçário, onde foram observadas 123 crianças de 14 dias a um ano de vida por um período de 12 a 18 meses cada, a intervalos de uma semana, “totalizando aproximadamente 400 horas cada (...) compartilhando todas do mesmo ambiente, cuidado, comida e higiene” (SPITZ e WOLF, 1946, p. 317). Spitz ainda as classifica de acordo com o



gênero e distingue se são “brancas” ou “de cor”, e afirma que tais categorias não pareciam influenciar no aparecimento da síndrome.

Spitz e Wolf (1946) descrevem a *Depressão Anaclítica* como uma síndrome comportamental ou psiquiátrica caracterizada pelo aparecimento de uma disposição chorosa em crianças normalmente felizes e interativas, que evoluía para uma falta de interesse no ambiente circundante e para a recusa em interagir com outras pessoas, muitas vezes virando os rostos para evitar seus olhares. Além disso, os autores apontam que foi observada uma queda gradual no quociente de desenvolvimento medido pelo teste Hetzer-Wolf. Os sintomas se manifestavam por 2 ou 3 meses e podiam ser acompanhados por perda de peso, insônia e suscetibilidade aumentada a resfriados e eczema. Após esse período, o comportamento choroso cedia e dava lugar a uma expressão facial rígida, com olhos arregalados e inexpressivos, e as crianças não pareciam sequer perceber o que acontecia no ambiente. Em alguns casos, havia o aparecimento de atividades autoeróticas, descritas no artigo que será apresentado adiante, *Autoerotism* (SPITZ e WOLF, 1947).



Figura 1 - Depressão anaclítica.

Fonte: Spitz, 1965, p. 283

Os autores constataram o desenvolvimento da Depressão Anaclítica em 19 das 123 crianças observadas na instituição Berçário. Além disso, “uma forma aparentemente mais suave da síndrome (...) com uma queda parecida do quociente de desenvolvimento foi observada em outros 26 casos” (SPITZ e WOLF, 1946, p. 317). Neste artigo, são apresentados três casos clínicos da síndrome observados na instituição, envolvendo crianças que foram separadas de suas mães. Nesses casos, são descritas mudanças graduais de comportamento nas crianças. A intervalos de cerca de duas semanas, estas passaram de simpáticas e sorridentes para fechadas, recusando brinquedos e se tornando apreensivas e chorosas quando os observadores tentavam interagir, até se tornarem totalmente apáticas. Após 3 a 4 meses, as crianças foram novamente reunidas com suas mães, e a síndrome cessou. Tanto a investigação descrita neste artigo quanto a apresentada antes em *Hospitalism* (SPITZ, 1945b) seguem a abordagem definida pelo autor como *genética*, em que este observa e descreve as afecções em termos de mudança de comportamento e sintomas somáticos desde o começo da vida da criança.

No artigo intitulado *Autoerotism* (SPITZ e WOLF, 1947), os autores relatam o comportamento de crianças que, em seu primeiro ano de vida, apresentavam atividades autoeróticas tais como balançar-se, manipulação genital e brincar com as fezes. Estas manifestações foram selecionadas por serem passíveis de observação e, como o ato de “sucção, essas três atividades são caracterizadas por seu ritmo, seu caráter de autoestimulação e (...) a criança parece ter algum tipo de prazer enquanto as realiza” (p. 86). No entanto, a atividade oral em si foi excluída, porque muitas de suas manifestações não são diretamente observáveis e porque a fase oral se situa num momento muito precoce da primeira infância.

O estudo foi realizado com 196 crianças classificadas de acordo com gênero e etnia (brancas, “de cor” e mestiças). Desta amostra inicial, 26 crianças foram excluídas por serem muito novas não apresentarem quaisquer sinais de comportamentos autoeróticos, trazendo o total para 170. A amostra foi selecionada na instituição denominada Berçário. Os autores observam que as condições de higiene eram satisfatórias, pois “(...) nenhuma criança morreu durante os 4 anos nos quais fizemos observações na instituição e que doenças sérias não ocorreram neste período” (SPITZ e WOLF, 1947, pp. 87-88). As observações foram feitas semanalmente, totalizando 4 horas por semana, com uma média de 200 horas de observação por criança. A equipe da instituição era entrevistada semanalmente e testes de Rorschach foram administrados a cerca de 30% das mães. Foi investigado, ao mesmo tempo, “o clima emocional de cada criança estudada, e tentamos correlacionar o histórico emocional das crianças com seu

comportamento autoerótico observável” (SPITZ e WOLF, 1947, p. 88). Spitz e Wolf afirmam ainda que o estudo estava em curso há quatro anos, o que significa que começou na mesma época que o estudo sobre o Hospitalismo (SPITZ, 1945b). A pesquisa transcorreu na mesma instituição e foi simultânea ao estudo sobre a Depressão Anaclítica (SPITZ e WOLF, 1946).

Para explicar a manifestação das atividades autoeróticas, os autores consideraram necessário traçar a etiologia destas manifestações, dividindo-as em três categorias: hereditárias, congênitas e ambientais. Este estudo fornece um exemplo do uso da *abordagem estatística* de Spitz, uma vez que leva em consideração uma possível variação na expressão da patologia psicossomática em questão em função do ambiente e da cultura da qual provém os indivíduos.

As origens hereditárias das atividades não foram consideradas significativas para os autores, que comentaram não existirem critérios disponíveis para realizar a investigação deste fator. Em relação aos fatores congênitos, afirmam que “nenhuma descoberta significativa foi feita em disfunções congênitas por exame médico ao nascimento ou por resultados de testes que começaram na segunda semana após o nascimento” (SPITZ e WOLF, 1947, p. 93). Assim, julgam possível concluir que o fator decisivo na origem das atividades autoeróticas é o ambiental, a saber, seu aparecimento e expressão estão ligados ao clima emocional na relação com a mãe. Relações inexistentes resultam na não manifestação de atividades autoeróticas. Não foram fornecidas maiores informações em relação à falta de critérios hereditários nem especificações quanto ao exame médico ao nascimento ou que tipo de testes foram feitos posteriormente.

Em 1946, Spitz publica um estudo sobre a *resposta sorriso*, uma resposta automática do bebê menor de 6 meses diante da percepção da face de um adulto (SPITZ, 1946b)<sup>13</sup>. Em um artigo posterior, o autor explica seu procedimento investigativo da resposta sorriso para confecção da monografia de 1946.

Eu investiguei 147 bebês do nascimento até o primeiro ano de vida consecutivamente<sup>14</sup>. Essa investigação me trouxe à conclusão de que não podemos dizer que a percepção da face humana pelo bebê e sua reação a ela

---

<sup>13</sup> O artigo em questão se chama *The smiling response: A contribution to the ontogenesis of social relations* (Spitz, 1946b), e não foi possível localizá-lo até o momento. Os dados referentes ao estudo foram retirados do capítulo *Excerpts from “The Smiling Response: A Contribution to the Ontogenesis of Social Relations”* (Spitz & Wolf, 1983) e do livro *The first year of life* (Spitz, 1965).

<sup>14</sup> Esse dado não pôde ser averiguado. A única vez que o número de 147 bebês aparece no estudo é para se referir ao recorte etário de 6 meses a 1 ano de vida.



com um sorriso no 3º mês sejam uma relação objetal verdadeira. (SPITZ, 1954, p. 494)

E ainda, no livro *The first year of life*:

Investigamos uma população de 145 crianças do nascimento até doze meses. Essa população era diversificada de acordo com os contextos étnico, social e nacional, como ilustrado na Tabela 3. Cada uma dessas crianças foi observada de acordo com o método descrito no Capítulo 2<sup>15</sup>. Além disso, os bebês foram expostos a um número de estímulos e situações experimentais em intervalos regulares. (SPITZ, 1965, p. 87)

Tabela 3: Resposta sorriso de acordo com ambiente e raça

Reação	Instituição			Residência Doméstica		
	Branca	“De cor”	Indígena	Branca	Indígena	Total
Sorri	53	26	23	14	26	142
Não sorri	1	1	-	1	-	3
Total	54	27	23	15	26	145

Fonte: SPITZ, 1965

A amostra total do estudo original, de acordo com o autor, era de 251 crianças, e não de 145. Este número é correspondente apenas ao recorte etário 0;2+1 a 0;6+0 (dois meses e um dia a seis meses), no qual a maior parte do estudo foi concentrado, por apresentar taxa superior de manifestação da resposta sorriso quando comparado aos outros. Os sujeitos eram classificados de acordo com as faixas etárias médias do aparecimento e desaparecimento da resposta sorriso. As amostras se compunham de 54 bebês testados do nascimento até o vigésimo dia de idade, 144 bebês testados de 20 a 60 dias de idade, 132 crianças testadas no 3º, 4º, 5º e 6º mês de idade (anteriormente 144, mortalidade de 12 sujeitos), adicionados a 13 crianças observadas somente após o 3º mês de vida, 147 crianças testadas do 6º mês até o primeiro ano de vida, das quais 108 já haviam sido testadas do 3º ao 6º mês, além de um grupo adicional de 39 crianças observadas pela primeira vez apenas após o sexto mês de vida (SPITZ e WOLF, 1983). É difícil compreender precisamente como a distribuição da amostra se deu, a partir dos dados apresentados no artigo. Se somarmos todos os números, o total bruto é de 421 sujeitos, mas, se considerarmos que os 144 testados de 20 a 60 dias de idade são os mesmos testados do 3º ao 6º mês, o número cai para 277 sujeitos. Desta maneira, o total amostral de 251 sujeitos, conforme apresentado pelos autores, não corresponde aos totais parciais.

<sup>15</sup> Esse método é apresentado na seção que discute o livro *The first year of life*.

Tabela 4: Resultados gerais da primeira seção de experimentos

Resposta	Idade			
	Nascimento a 0;0+20	0;0+21 a 0;2 +	0;2 + 1 a 0;6 +	0;6 + 1 a 1;0 + 0
Sorri	-	3	142	5
Não sorri	54	141	3	142
Total	54	144	145	147

Fonte: SPITZ e WOLF, 1983

As situações às quais as crianças foram submetidas, conforme pudemos constatar, foram: 1) apresentação da face humana com e sem movimento vertical, totalmente virada para o sujeito e de perfil; 2) variação de faces apresentadas, incluindo de pesquisadores —dentre os quais o próprio Spitz— pais, pessoas familiares e estranhas aos bebês; 3) variação nas características das faces: de homens e mulheres, brancos e “de cor”; 4) apresentação de máscaras que representavam a face humana, fabricadas pelo pesquisador. O objetivo dessa série de experimentos foi averiguar em que situações se manifesta a reação sorriso, exatamente a qual configuração da face ela se apresenta, quando essa reação começa e quando ela termina.

Em 1964 Spitz publicou outros dois artigos sobre a resposta sorriso, intitulados *The smiling response I e II*, em colaboração com dois residentes de medicina na Universidade do Colorado que estavam, na época, sob sua supervisão: Paul Polak (1933-2019) e Robert Emde (1935-). No primeiro artigo da série (POLAK et al, 1964a), os autores descrevem o desenvolvimento do que chamam de “sistema de quantificação do sorriso” (*system of quantification of smiling*) que tinha por finalidade observar e detalhar a manifestação da resposta sorriso. O procedimento era o seguinte:

O observador cego se posicionava no pé do berço do infante sob estudo, e observava o rosto e a parte superior do corpo do infante através de um tubo de papelão de cerca de 15cm de diâmetro e 76cm comprimento. A visão periférica era bloqueada por um cone de papel conectado ao tubo, para que o observador pudesse ver apenas a cabeça e os ombros do bebê. O experimentador se colocava abaixo do nível do colchão do berço antes do começo de cada período de observação. Ele então se levantava silenciosamente e apresentava o estímulo adequado ao bebê. Quando o olhar do bebê se fixava no estímulo, o experimentador batia no braço do observador cego, e a cronometragem do período de observação era iniciada. As observações eram gravadas tanto pelo experimentador quanto pelo observador cego após cada período de observação. (POLAK, et al., 1964a, p. 103)

A observação era realizada durante 60s, e as medidas tomadas eram a latência do sorriso, seu nível de intensidade e duração. Por latência, entende-se o tempo entre a fixação visual do estímulo até o surgimento de um sorriso de pelo menos 1s; já a duração era descrita como o tempo a partir do começo do sorriso até o começo de um intervalo no qual não havia sorriso por pelo menos 4s. Se não houvesse manifestação do sorriso por 60s de observação, a latência era registrada como 60s e todas as outras medidas como 0.

A intensidade era baseada no quanto os cantos da boca do infante se viravam para cima, avaliada numa escala de 1 a 5. O sorriso de nível 5 era determinado por uma medida prévia de “superestímulo”, na qual o experimentador apresentava, ao mesmo tempo, vários estímulos que pudessem suscitar a resposta sorriso: apresentava sua face frontalmente ao bebê, fazendo movimentos afirmativos com a cabeça, além de produzir estímulos tácteis e auditivos, sendo estes dois últimos não especificados no texto. (Polak, et al., 1964a). Isso produzia um sorriso de nível 5 que era diferente em cada infante.

O procedimento de superestímulo foi considerado pelos autores como imprescindível para estabelecer a confiabilidade do experimento, ao mesmo tempo que se reconhece que o mesmo é passível de crítica, uma vez que perturba o estado natural do bebê. Essa mesma crítica foi feita às metodologias de estudo do sorriso desenvolvidas por outros pesquisadores, como Ambrose (1959) e Gewirtz (1963), que foram consideradas demasiadamente experimentais, de modo que inviabilizava a aplicação dos resultados no âmbito do desenvolvimento normal dos bebês.

As observações e medidas eram excluídas pelo observador cego caso o bebê chorasse, colocasse sua mão em sua boca por 4s ou estivesse distraído. A amostra era composta de 23 bebês de 1 mês e meio a 8 meses de idade, 22 localizados em uma enfermaria residencial que aguardavam adoção e um em casa de família, por motivos não especificados. O número de experimentos realizados em cada infante variava de 1 a 18, e as observações ocorriam semanalmente, até o fim da resposta sorriso no bebê ou até que este fosse adotado. Os autores ainda comentam que 4 dos bebês foram observados uma única vez e apenas 6 foram observados durante todo o período de manifestação da resposta sorriso (POLAK, et al., 1964a). A seleção dos participantes foi feita a partir de *rondas de sorriso (smiling rounds)* em toda a instituição, e os escolhidos eram os mais propensos a sorrir, sendo excluídos se estivessem irritados ou chorando.

No segundo artigo (POLAK et al 1946b), o foco de investigação foi a discriminação visual e o desenvolvimento da noção de profundidade. No primeiro estudo, foram observadas diferentes respostas às configurações faciais apresentadas em duas e três dimensões; os modelos bidimensionais, as figuras e fotografias, não suscitavam respostas iguais aos tridimensionais, bonecos e pessoas. O experimento foi realizado com base na hipótese de que é possível perceber o início do desenvolvimento da noção de profundidade nos bebês a partir de um experimento que apresente uma face humana e uma fotografia idêntica da mesma.

O método utilizado no estudo foi o mesmo do primeiro estudo da série, modificando-se apenas os objetos-estímulo. A amostra também foi selecionada na mesma instituição. O experimento era realizado com cada um dos bebês mensalmente do segundo até o oitavo mês de vida, —período onde a resposta sorriso começa a dar lugar à ansiedade dos oito meses, ou até que o bebê fosse adotado — e consistia de apresentações de 10 estímulos, 5 de cada tipo, face e fotografia. Os experimentos foram gravados em filme colorido de 8mm cerca de uma semana, excetuando-se um período de 2 meses durante o qual nenhuma gravação foi realizada. Os filmes foram submetidos a uma análise minuciosa dos padrões de comportamento observados durante os experimentos — a resposta sorriso e os elementos que por vezes a acompanhavam: as vocalizações e o movimento de virar o rosto pra longe do estímulo.

Como resultado, os autores observaram que a discriminação visual parece começar a surgir por volta dos dois meses, visto que entre dois meses e dois meses e 20 dias não havia indicação de que os bebês percebiam qualquer diferença entre a fotografia e a face, e que após esse período e até os cinco meses, os bebês sorriam “mais cedo, com mais intensidade e durante mais tempo para a face” (POLAK et al., 1946b, p. 408), e que, após esse período, como esperado, a resposta sorriso começava a esvanecer para dar lugar à ansiedade dos oito meses. Não obstante, como a amostra se limitava a crianças institucionalizadas, os autores enfatizam que os dados são insuficientes para alcançar a generalização, e que mais estudos com amostras diferentes precisariam ser realizados.

## **2.2 Demais técnicas investigativas**

Em seus trabalhos, Spitz empregava duas técnicas auxiliares principais para a investigação dos bebês: os *testes de personalidade e desempenho* e os *filmes*. Quanto ao uso de testes, quando aplicados aos bebês, tinham o objetivo de monitorar o seu desenvolvimento nas suas mais variadas dimensões, além de embasar predições sobre a evolução do grupo experimental e do grupo de controle, criando uma base de comparação entre eles. Isso se

verificava tanto em estudos sobre o desenvolvimento normal quanto patológico. A aplicação de testes às mães e cuidadores primários tinha a finalidade de traçar um perfil psicológico destes agentes. O autor produziu, ainda, em grande parte de seus estudos, filmes documentários curtos que mostravam cenas dos experimentos, ilustrando as condições investigadas e possibilitando uma análise posterior dos procedimentos em maior detalhe.

Dos testes aplicados nos bebês, o principal era a seção destinada aos primeiros anos de vida do teste Bühler-Hetzer (também conhecido como Teste Vienense), um teste padronizado de personalidade e desenvolvimento para crianças de 0 a 6 anos, previamente validado nos EUA e na Europa. Quase metade dos testes referentes ao primeiro ano de vida, 49 dos 100, foram retirados do teste Hetzer-Wolf (HETZER e WOLF, 1928) e a compilação total é uma revisão realizada por Katherine Wolf e Liselotte Frankl (1910-1988), psicanalista e psicóloga infantil treinada sob a tutela de Charlotte Bühler.

O uso do teste é recomendado pelas autoras a aqueles que o utilizam como “exame complementar na prática” (BÜHLER e HETZER, 1979, p. 1). O objetivo é criar situações que sejam condizentes com o cotidiano das crianças para observar seu comportamento sem exigir esforço excessivo por parte dos sujeitos. De fato, Herring (1937) comenta que os testes referentes ao primeiro ano são de fácil administração, sendo possível fazê-lo em ambiente doméstico normal. O teste avalia, para além das funções intelectuais, “todas as linhas de conduta do comportamento humano” (BÜHLER e HETZER, 1932/1979, p. 1).

As crianças eram submetidas a testagem várias vezes durante os estudos de Spitz, sendo seus resultados apresentados em gráficos de quociente de desenvolvimento variando em função da idade medida em meses.

Na aplicação do teste, é apresentada uma situação-estímulo ao sujeito e, caso a resposta seja listada como positiva, é considerado que ele passou, atribuindo-lhe 1 ponto. A única outra opção é não passar no teste. A título de exemplo, no teste número 2 para o primeiro mês de vida, que aborda o reflexo de preensão palmar, o examinador coloca o dedo na palma da mão da criança e, caso ela feche os dedos segurando o dedo do examinador, é considerado que ela passou no teste.

Segundo Spitz (1965), o teste permite comparações inter e intraindividuais, além de prover uma avaliação global do desenvolvimento. O teste foi também revalidado por Spitz (1965), utilizando duas populações do estado de Nova Iorque. Uma era formada por filhos de

intelectuais de classe média, cujas médias concordaram com as normas do teste. A segunda amostra foi obtida numa agência de lares adotivos, e as crianças atingiram escores piores que o primeiro grupo, embora se aproximassem das médias do teste. A avaliação quantitativa propiciada pelo teste fornece uma série de quocientes de desenvolvimento, que são usados para representar o desenvolvimento da criança dentro de um determinado período de tempo.

Esses testes permitem a quantificação mensal de seis setores da personalidade: a) desenvolvimento e maturação da percepção dos sentidos; b) desenvolvimento e maturação das funções motoras e movimentos de controle corporais; c) desenvolvimento e maturação das relações interpessoais, ou seja, o setor social do comportamento ; d) desenvolvimento e maturação da memória e da imitação, em que se avalia a aprendizagem da criança nessas áreas; e) desenvolvimento e maturação da manipulação dos objetos; e f) desenvolvimento intelectual. Este último setor engloba todos os outros, uma vez que é visto como o fator principal da criatividade e do esforço para alcançar os objetivos.

Sobre os testes aplicados nas mães, Spitz e Wolf, no estudo sobre o autoerotismo, (1947) comentam que foram administrados testes de Rorschach em 30% delas. Em 20 daquelas mães cujos filhos apresentavam exclusivamente o sintoma de balançar-se (*rocking*) foram administrados “o teste de Rorschach, o Szondi<sup>16</sup>, o Stanford Binet modificado<sup>17</sup>, o Passalong<sup>18</sup>, o Minkus<sup>19</sup> etc.” (SPITZ e WOLF, 1947, p. 104), além de uma entrevista pessoal. Os resultados dos testes não são apresentados, mas é comentado que das 20 mães testadas, 17 têm uma estrutura psicológica similar. Um parecer sobre o desempenho desse grupo nos testes é fornecido em seguida. As mães foram descritas como imaturas para suas idades, apresentando dificuldade em elaborar mecanismos de defesa, como a sublimação. Eram ainda extrovertidas e apresentavam inaptidão para controlar a agressividade, que se expressava numa tendência a surtos agressivos e violentos. O autor explica que os resultados estavam sendo organizados para fins de publicação em um artigo sobre mães delinquentes, mas não há informações que indiquem que este artigo tenha-se concretizado. Em *The first year of life*, Spitz (1965) afirma que os testes Rorschach e Szondi foram administrados às mães de um grande número de

---

<sup>16</sup> Teste projetivo baseado na psicanálise e na psicologia analítica desenvolvido por Léopold Szondi em 1937, no qual eram apresentadas fotografias de rostos ao testado, que por sua vez deveria selecionar as mais simpáticas e antipáticas para si. O teste tinha o objetivo de revelar as tendências pulsionais do sujeito.

<sup>17</sup> Uma modificação para múltipla escolha da escala de inteligência Stanford Binet, para testagem de indivíduos com deficiência.

<sup>18</sup> Teste de inteligência e desempenho tipo puzzle, desenvolvido por W. P. Alexander em 1932.

<sup>19</sup> A única menção encontrada do termo foi como “Minkus Completion”, um subtteste do Stanford Binet escala L, no qual uma palavra função deve ser colocada em uma frase de modo a completá-la e esclarecer seu sentido.

crianças e que os resultados foram incluídos nos prontuários das crianças, mas esses resultados tampouco são apresentados. Ele observa também que foram conduzidas entrevistas com as mães e com o pessoal do Berçário.

Quanto à técnica produção de filmes para fins de documentação de observações infantis, este foi um recurso empregado por Spitz na maioria de seus trabalhos. Ele a utilizava “tanto para documentação de descobertas importantes quanto para estudo pormenorizado dos mesmos (...)” (EMDE e HARMON 1983, p. 426), o que o coloca como parte da primeira geração de pesquisadores da infância a valer-se desse recurso, juntamente a Watson (1923) em seu clássico experimento *Pequeno Albert*, sendo ainda pioneiro no uso da técnica no meio psicanalítico.

Os filmes produzidos pelo autor e sua colaboradora Katherine Wolf são produto do Projeto de Pesquisa Psicanalítico sobre Problemas na Infância, no qual foram filmadas 366 crianças com o objetivo de estudar o comportamento geral de crianças (WEITZENKORN, 2020). São divididos em temas, cada um tratando de uma síndrome estudada por Spitz e sua equipe. Eles foram filmados em 16mm e em preto e branco, mostrando imagens das crianças, assim como caixas de texto explicando a síndrome da qual estavam acometidas. Um total de dez filmes foram colocados em circulação pela Biblioteca de Filmes da Universidade de Nova Iorque (New York University Film Library):

1. Luto: Um Perigo na Infância (1947)<sup>20</sup> O filme mostra imagens de crianças enquanto ainda têm contato com suas mães e seus comportamentos sozinhas ou com os pesquisadores, animadas e brincando. Depois, mostra a progressão dos bebês após a separação da mãe, como se tornam chorosos e agitados, até caírem num estado de torpor e apatia, chegando ao ponto de serem incapazes de se mover. Ao final, é mostrada a “cura”, com cenas das crianças alegres e brincando entre si e interagindo positivamente com os pesquisadores após o reencontro com a mãe. Na explicação do fenômeno, um dos trechos mostrados afirma que “é o clima emocional criado pela mãe que permite que a mente da criança se desenvolva normalmente.”
2. O Nascimento e os Primeiros 15 Minutos de Vida (1947): Neste filme são apresentados os comportamentos de 2 bebês logo após o parto para demonstrar as diferenças individuais de comportamento. (EMDE e HARMON, 1983).
3. Consequências Somáticas da Privação Emocional em Bebês (1948): O filme mostra o desenvolvimento de bebês de 4 e 5 meses, sendo um grupo de classe média, criado

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LyVkXaqXOv4>



na casa da própria família, e o outro numa instituição (Berçário e Casa da Criança Abandonada) e, depois, novamente aos 13 a 14 meses, quando o comportamento das crianças institucionalizadas é significativamente diferente, apresentando já um quadro de hospitalismo. (EMDE e HARMON, 1983).

4. A Resposta Sorriso (Uma Investigação Experimental sobre a Ontogênese das Relações Sociais) (1948): O filme foi produzido durante os experimentos descritos no artigo *Smiling Response*, de 1946, e mostra a reação de bebês durante seus primeiros seis meses de vida às faces de diferentes pessoas, além de uma máscara que simula a face humana.
5. A Gênese das Emoções (1948): O filme tem o propósito de mostrar a diferenciação de emoções positivas e negativas no curso dos primeiros 18 meses de vida, como “o desenvolvimento de excitação negativa ao interesse pela face humana e o posterior desenvolvimento da resposta sorriso.” Neste filme, também são mostrados parte dos experimentos do estudo sobre a resposta sorriso (SPITZ, 1946b) e demonstrações da ansiedade dos oito meses, incluindo também expressões de raiva, frustração e satisfação ao atingir um objetivo. (EMDE e HARMON, 1983).
6. Agarrar (1949): O filme mostra o desenvolvimento do ato de agarrar, que começa como um reflexo e se adapta ao longo do primeiro ano de vida como um comportamento útil. (EMDE e HARMON, 1983).
7. Doenças Psicogênicas na Infância (1952)<sup>21</sup>: O filme fala sobre como as variações no trato da mãe com o bebê causa diferentes doenças psicogênicas, sendo essas divididas entre psicotóxicas (oriundas de uma relação disfuncional) ou de deficiência emocional (relações insuficientes na díade mãe-filho). São mostradas cenas das mães amamentando os bebês nos 2 primeiros meses de vida, na primeira condição (rejeição primária explícita). Na ilustração dos outros, são filmados apenas os bebês, pois, de acordo com Spitz, há dificuldades na gravação da díade após 1 ou 2 meses de idade. O autor justifica o trabalho afirmando que “a classificação oferece pontos de vista considerados úteis tanto na terapia psiquiátrica quanto na preventiva” (SPITZ, 1952).
8. Amor de Mãe (1952): O filme mostra uma mãe cuidando de um recém-nascido durante os primeiros 3 anos de vida e os efeitos do cuidado apropriado no desenvolvimento da criança. São mostradas depois crianças que foram separadas de

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yE3uux-eSo>



suas mães e como suas disposições ao longo do primeiro ano de vida mudam de alegres para um quadro parecido com a depressão (EMDE e HARMON, 1983).

9. *Moldando a Personalidade – O Papel das Relações Mãe-Bebê na Infância* (1952): O filme mostra os efeitos das diferentes atitudes de mães em relação aos seus bebês no desenvolvimento da personalidade dos mesmos, mostrando desde crianças que criaram um apego positivo até aquelas que desenvolveram perturbações psiquiátricas (EMDE e HARMON, 1983).
10. *Ansiedade: Sua Fenomenologia no Primeiro ano de Vida* (1953): Segundo Emde e Harmon (1983), este filme mostra a expressão da ansiedade durante o primeiro ano de vida, como esta começa com a diferenciação entre respostas positivas e negativas no terceiro mês de vida até o desenvolvimento de uma ansiedade no sentido estrito da palavra depois dos seis meses, além de mostrar expressões normais e patológicas da ansiedade.

Os filmes seguem uma estrutura geral de descrições dos fenômenos de desenvolvimento e patologias propostas pelos seus temas em caixas de texto, intercaladas com cenas de experimentos ou observações das crianças que ilustram os marcadores de desenvolvimento ou sintomas apresentados por elas. São todos em preto e branco e não possuem áudio. No começo, é exibido um aviso que explica que, em todos os filmes, os comportamentos gravados das crianças não são atípicos nem influenciados pelo ato da filmagem e que, ao contrário, são típicos da idade das crianças no mesmo local e sob as mesmas circunstâncias. Ao final, geralmente é apresentada uma conclusão também em caixa de texto. Os temas são os mesmos de grande parte de seus artigos e os textos apresentados são recortes ou resumos de passagens dos artigos. Todos foram filmados durante a época dos seus principais experimentos, nas instituições denominadas como Berçário e Casa da Criança Abandonada, além dos locais em que estavam presentes as crianças dos grupos controle. Por vezes, as mesmas cenas são mostradas em filmes diferentes, como, por exemplo, no filme sobre o luto e naquele sobre doenças psicogênicas na infância, por possuírem temas próximos. Isso está em consonância com Weitzenkorn (2020), que comenta que nos filmes foram utilizadas “as mesmas cenas e os mesmos sujeitos (...) em variadas combinações, formando mais de 25 filmes no total<sup>22</sup>” (p. 7).

---

<sup>22</sup> Este número se refere a todos os filmes produzidos por Spitz & Wolf, dos quais apenas 10 foram colocados em circulação.

Para obter um registro objetivo e permanente, Spitz utilizava um processo que desenvolveu em 1933, chamado análise através de filmes (*screen analysis*) que, segundo ele:

(...) consiste em filmar a um ritmo de 24 quadros por segundo, permitindo, por meio de uma projeção normal, repetir nossas observações algum tempo depois, tantas vezes quanto necessário, e também reduzir a sequência de observação visual para 8 quadros por segundo. (SPITZ, 1965, p. 24)

O procedimento foi descrito da seguinte maneira no artigo *Hospitalism*:

Um projetor com movimentação manual adicional também permite o estudo dos filmes frame por frame, se necessário, para ver ao contrário ou repetir a projeção de cada detalhe tantas vezes quanto se quiser. Simultaneamente, os protocolos escritos dos experimentos são estudados e as duas observações comparadas. (SPITZ, 1945b, p. 57)

Emde e Harmon (1983) comentam que utilizam os filmes produzidos por Spitz para ensino e discussão, pois são úteis para a demonstração das condições ilustradas, além de terem valor histórico e aplicação na prática clínica atual. Apontam ainda que apesar do Hospitalismo não ser uma síndrome tão presente quanto o era na época em que Spitz realizou seus estudos, síndromes parecidas com a Depressão Anaclítica ainda aparecem em hospitais pediátricos e, nesses casos, os filmes servem para sensibilizar os espectadores para a realidade da depressão infantil.

### **2.3 A crítica de Pinneau**

Em 1955, o Dr. Samuel R. Pinneau (1922-2012) – psicólogo, pesquisador da infância e, na época, docente na Universidade da Califórnia – escreveu um artigo de crítica metodológica aos trabalhos de René Spitz. Sua discussão abarcava os dois artigos sobre o hospitalismo, os trabalhos sobre a depressão anaclítica e as doenças psicogênicas na infância, além do estudo sobre o autoerotismo (SPITZ, 1946a; 1954; 1951; SPITZ e WOLF, 1947). Estes são os trabalhos mais extensos e detalhados publicados por Spitz.

Pinneau considera as duas principais instituições utilizadas por Spitz em suas investigações, as quais são constantemente comparadas em alguns de seus artigos, o Berçário (*Nursery*) e a Casa da Criança Abandonada (*Foundling Home*). Ele aponta a falta de informações sobre as instituições e a conseqüente dificuldade para verificar os resultados dos estudos, encontrando neles uma série de discrepâncias. Uma destas diz respeito à presença das mães no Berçário. Num primeiro momento, Spitz afirma que as crianças são cuidadas por suas próprias mães durante o primeiro ano de vida; no entanto, no artigo *Anaclitic depression*

(SPITZ e WOLF, 1946), é mencionado que uma “proporção considerável delas era separada das mães por um período de três meses começando em 6-8 meses de vida, por motivos não especificados” (PINNEAU, 1955a, p. 431). Pinneau aponta que, ainda de acordo com Spitz e Wolf (1946), apesar de a “maioria das mães serem socialmente desajustadas, ‘débeis mentais’, fisicamente defeituosas, psicopatas ou criminosas, é dito que a mãe ‘dá à criança tudo que uma boa mãe dá e além disso, tudo o que lhe resta’” (PINNEAU, 1955a, p. 431). Esta seria uma constatação controversa, devido às características da amostra.

Quando Spitz descreve o estabelecimento das patologias do Hospitalismo e da Depressão Anaclítica, um fator de destaque é a queda gradual nos QDs, que indicariam um atraso geral no desenvolvimento dos bebês como consequência direta da progressão das doenças. Segundo Pinneau (1955a), essa conclusão resulta de um uso indevido dos QDs, que são um *dado* e, por isso, não podem ser simplesmente utilizados na identificação de uma patologia, como se fossem um *sintoma*.

A combinação de estudos longitudinais e transversais que Spitz afirma ter utilizado também foi comentada. Sobre isso, Pinneau (1955a) diz que os estudos só poderiam ser considerados como transversais, a partir das informações fornecidas pelo próprio Spitz. Sua curta duração não permitiria que fossem considerados como estritamente longitudinais. Spitz (1955) rebate dizendo que Pinneau não teria definido exatamente o que entendia por “longitudinal” e argumentou que, num estudo sobre o primeiro ano de vida, este termo significa “um período de tempo suficiente para detectar mudanças no desenvolvimento do sujeito” (SPITZ, 1955, p. 454). Este intervalo seria de aproximadamente 2 a 3 meses.

Em relação ao uso do teste Hetzer-Wolf nos trabalhos de Spitz, Pinneau (1955a) destaca que a padronização do teste foi feita com uma amostra de crianças vienenses, numa quarentena de 3 semanas e sem contato com as mães. Estas crianças eram de uma camada mais humilde da sociedade, não sendo assim representativas da população de crianças vienenses como um todo. Apesar desta crítica, em seu artigo sobre o autoerotismo em colaboração com Katherine Wolf (1947), Spitz relatou ter aplicado o teste em crianças americanas de famílias estáveis e conseguido resultados similares. O teste também foi aplicado em cerca de 5.000 crianças entre 1928 e 1938 pelo Departamento de Psicologia da Universidade de Viena (GEISSMANN e GEISSMANN, 2005). Pinneau ainda sugere que Spitz utilizava os testes em sua escala original, uma vez que este era o referenciado na maioria dos trabalhos, ignorando a revisão do mesmo, publicada na época por Frankl e Wolf (em BUHLER e HETZER, 1932).

Pinneau (1955a) apresenta três estudos transversais nos quais o teste vienense foi aplicado em crianças de outras culturas. No primeiro estudo, McGraw (1931) utilizou amostras randomizadas de crianças brancas e negras da Califórnia, que tinham pais com educação em nível de ensino médio e universitário. A média de quociente de desenvolvimento de ambos os grupos tendia a decrescer com a idade. O segundo estudo foi desenvolvido por Hubbard (1935) e não oferece uma média de quociente de desenvolvimento mês a mês, mas a autora aponta várias desvantagens do teste, tais como a falta de testes de 11 para 12 meses de idade, a testagem demorada, podendo levar até 1h para cada sujeito, e a padronização inadequada de administração e escore. O terceiro e último estudo citado por Pinneau foi o de Hsu (1946), utilizando crianças pequinesas. O autor também observou que os escores variavam de um escore alto nas crianças mais novas para uma diminuição brusca em crianças mais velhas.

A amostra do Berçário de Spitz diverge da tendência encontrada pelos outros pesquisadores, não apresenta um decréscimo no escore do teste à medida que as crianças crescem. Pinneau aponta que é possível que, para esse resultado, o teste utilizado tenha sido a revisão do original feita por Frankl-Wolf, e apresenta ainda dois estudos que a utilizam: o de Ackerman (1942), que não possui informações em relação aos meses com diferenças significativas nos resultados de Spitz, e o de Herring (1937), sobre a confiabilidade do teste. Este último revelou a tendência já citada de queda nos escores ao longo do tempo, tanto em grupos socioeconômicos mais altos quanto em mais baixos, apesar dessa queda ser menos expressiva do que a apresentada por Spitz. O grupo controle de Spitz, composto por crianças oriundas de lares comuns e filhas de trabalhadores qualificados, não apresentava esta queda significativa encontrada por outros pesquisadores, ao contrário do que foi constatado por Bayley e Jones (1937) num estudo no qual concluíram que os escores de crianças nesse tipo de teste, durante o primeiro ano de vida, não guardam relação com o nível socioeconômico, a formação ou a profissão dos pais. Pinneau conclui então que tanto o teste de Hetzer-Wolf quanto o de Frankl-Wolf apresentam escores muito acima de 100 nos primeiros meses e que o primeiro apresenta escores muito abaixo de 100 nos últimos meses, havendo assim uma diferença expressiva entre grupos controle de Spitz e outros estudos de verificação do teste.

Sobre a habilidade preditiva do teste Bühler-Hetzer, Pinneau (1955a) torna a citar Herring (1937). A autora comparou os resultados de dois testes em dias consecutivos em sujeitos de 1 a 12 meses de idade com os resultados dos mesmos sujeitos em testagens 4, 5, 8 e 9 meses posteriores. As correlações entre as médias não se mostraram significativas. Os coeficientes encontrados foram de .288 entre o teste original ao primeiro mês de vida e o reteste

aos 5/6 meses de vida e de .345 entre as idades de 1 e 9/10 meses de vida. Os retestes apresentaram um coeficiente de correlação de .448 quando comparados um com o outro. Baseando-se nestes resultados, Herring conclui que a estabilidade entre os QDs entre as retestagens de 5 e 6 meses e 9 e 10 meses com os testes realizados no primeiro mês de vida é muito baixa, e que as retestagens aos 9 e 10 meses apresentam correlação moderada com as realizadas aos 5 e 6 meses. Assim, esses testes não podem ser considerados confiáveis como medidas preditivas dentro do primeiro ano de vida. Pinneau (1955a) acrescenta que não há evidências para suportar que o resultado seria diferente caso o teste usado fosse o original, uma vez que o Frankl-Wolf já era uma revisão do teste Hetzer-Wolf.

Passando para uma perspectiva mais ampla, este autor sustenta que a capacidade preditiva de testes infantis no geral não é boa, utilizando como evidência o estudo conduzido por Bayley (1949), que observa que os resultados de sujeitos com 6 meses de vida se relacionam negativamente com a performance em idade escolar. Neste estudo, a autora apresenta os resultados de diversos testes de inteligência em uso na época, aplicados a uma pequena amostra de 61 crianças, do nascimento até os 18 anos de idade, das quais 40 permaneceram até o fim do estudo. Bayley afirma que um teste ideal de desenvolvimento da inteligência deveria ser capaz de medir as mesmas crianças do nascimento até a maturidade, além de ser calibrado em unidades absolutas, de modo que os níveis de desenvolvimento da inteligência nas diferentes idades pudessem ser diretamente comparados. Nesse sentido, os testes deveriam ter um “ponto zero” em comum e unidades de tamanho uniforme (SHOCK, 1951). No entanto, ao que parece, nenhum cumpre todos os pré-requisitos. Em estudos prévios da autora com a mesma amostra (BAYLEY 1933, 1940a, 1940b, BAYLEY e JONES, 1937) foi encontrada pouca ou nenhuma relação entre os escores dos testes antes de dois anos de idade e em idades posteriores, possivelmente porque os testes de inteligência infantil até então eram inadequados para prever a inteligência futura. Duas possíveis explicações surgem para o fenômeno: o fato de que ainda não tivessem sido encontrados os comportamentos chave das funções intelectuais infantis subjacentes que pudessem ser utilizadas para prever a natureza da inteligência em idades posteriores ou que talvez seja impossível prever a inteligência posterior, pois os aspectos de desenvolvimento da inteligência são tão variáveis que utilizar evidências provenientes do comportamento infantil precoces seria inviável (BAYLEY, 1949).

Com base nos estudos apresentados que utilizaram a mesma escala que Spitz em seus trabalhos, Pinneau (1955a) questiona a habilidade preditiva, apontando que escores abaixo da média em crianças de até um ano de idade não têm relação com a performance quando atingem

idade escolar. Isso invalidaria a afirmação de Spitz de que “(...) os efeitos da privação materna nas crianças Casa da Criança Abandonada resultaram em dano irreparável e que tal dano é refletido nos escores das mesmas nos testes” (PINNEAU, 1955a, p. 443).

As crianças eram submetidas a testagem várias vezes durante os estudos, sendo seus resultados apresentados em gráficos de quociente de desenvolvimento variando em função da idade em meses. A queda gradual destes resultados é descrita como uma das principais características do Hospitalismo e da Depressão Anaclítica, critério criticado por Pinneau (1955a), que afirma que a queda nos QDs são um dado, e não podem ser considerados na constatação de uma patologia como se fossem um sintoma.

Spitz (1955a) escreveu um artigo de réplica no mesmo ano, fornecendo algumas informações referentes aos apontamentos de Pinneau, mas deixando muitos sem explicação. Além disso, o autor se mostra defensivo em relação a um artigo que analisa sua metodologia, alegando que Pinneau não teria familiaridade com o assunto de suas pesquisas. Ele chega a afirmar que a sua ideia de que ele não utilizou grupos normais como controle é “uma alucinação negativa”, acrescentando também que esse artigo é uma tentativa de ataque ao trabalho de campo clínico, utilizando apenas o raciocínio dedutivo. Spitz observa que este não é o primeiro caso em que Pinneau faz esse tipo de crítica, numa referência ao artigo sobre o trabalho da psicanalista infantil Margaret Ribble (1890-1971) (PINNEAU, 1950), ele diz:

sua crítica dessa linha de pesquisa sugere que deveríamos continuar deixar crianças crescerem em lugares como a Casa da Criança Abandonada, a um risco de mortalidade de 37,5% a cada dois anos, esperando que haja mudança até que sejam esclarecidas até as mínimas variações nos testes aplicados (SPITZ, 1955a p. 457).

Spitz menciona ainda o discurso presidencial de Joseph Stone na Associação Psicológica do Estado de Nova Iorque, no qual este chama o artigo de Pinneau sobre o trabalho de Margaret Ribble de “um tipo de bomba de hidrogênio de crítica destrutiva perfeita” (p. 458)

Em relação à falta de informações sobre as instituições, Spitz (1955a) argumenta não revelar tais informações devido à sua responsabilidade como médico em relação à privacidade de seus pacientes, assim como por uma restrição legal de uma das instituições, que proibia a divulgação de qualquer informação que pudesse levar a identificação de seus internos. Pinneau (1955b) comenta em sua tréplica que, por mais que seja legítima a confidencialidade médico-paciente, é difícil de acreditar que, nesse caso específico, seria uma violação ética ou legal

identificar as instituições ou pelo menos dar detalhes sobre as características nacionais, educacionais e socioeconômicas da amostra.

Emde (1983) destaca a importância do embate travado por Spitz e Pinneau por seu valor histórico e pela ilustração da diferença das abordagens de um psicólogo experimental e um clínico pesquisador. O autor comenta que as críticas tecidas por Pinneau são pertinentes e que, caso os artigos de Spitz fossem submetidos para publicação na época em que escreve – 1983, muitas das questões apontadas por Pinneau precisariam ser esclarecidas como requisito para a aceitação dos trabalhos. Por outro lado, ainda de acordo com Emde, Pinneau pode ter deixado de perceber a importância do trabalho de Spitz em suas críticas, uma vez que estudos subsequentes trouxeram conclusões parecidas no que concerne à conexão entre a privação materna e a depressão e os efeitos da separação aguda do cuidador após dos 6 meses de vida. Especificamente sobre a crítica do uso dos testes, Emde destaca ainda que Spitz os utilizava como suporte na avaliação do funcionamento das crianças, e não como preditor de atraso cognitivo, como Pinneau os interpreta.

#### **2.4 Comentários acerca da metodologia de Spitz**

O trabalho desenvolvido por Spitz no estudo das doenças psicogênicas na infância e no desenvolvimento infantil é amplamente conhecido e considerado de grande importância no campo psicanalítico e da psicologia do desenvolvimento. Seu artigo *Hospitalism* surgiu de sua motivação para estudar os efeitos da institucionalização contínua em bebês pequenos e é tema de inúmeros trabalhos e referência frequente no debate sobre esta forma de institucionalização, assim como sobre suas consequências no desenvolvimento psíquico e motor de bebês que são privados de um cuidador primário após os 3 meses de vida. A partir desse trabalho, surge o Projeto de Pesquisa Psicanalítico sobre Problemas na Infância, uma série de investigações feitas por ele com a colaboração de Katherine Wolf, nas instituições que foram denominadas Berçário e Casa da Criança Abandonada.

Seu livro *The first year of life* traz um delineamento do desenvolvimento das relações de objeto normais e patológicas no curso do primeiro ano de vida, compreendendo desde o estudo da resposta sorriso e da ansiedade de oito meses até o autoerotismo, depressão anaclítica e hospitalismo, e parece ser um apanhado de todo o trabalho desenvolvido ao longo da carreira do autor.



Os artigos publicados na época que foram iniciados os trabalhos do Projeto de Pesquisa Psicanalítico sobre Problemas na Infância (SPITZ e WOLF, 1946, 1947, Spitz 1945b, 1946a, 1946b), foram elaborados com base nos experimentos iniciados em 1944, e outros trabalhos posteriores parecem se apoiar nos dados então obtidos (SPITZ, 1954, 1962, 1966). Essa pesquisa também foi a base para a preparação do livro *The first year of life*, cerca de 20 anos após a publicação do primeiro artigo. Van der Horst, van Rosmalen & Van der Veer (2019) destacam precisamente isso quando comentam as impressões de Bowlby sobre seu encontro com Spitz, em 1950: “(Spitz) finalizou suas observações um ano atrás e está ocupado escrevendo suas coisas. Ele parece ter um grande volume de artigos para publicação, mas evidentemente não fará nenhuma observação adicional” (BOWLBY, 1950 apud VAN DER HORST, et al, 2019, p. 206).

Esses autores ainda afirmam que, de acordo com a correspondência de Bowlby, Spitz era mais o responsável por formular interpretações e explicações psicanalíticas baseadas nas observações feitas do que, de fato, participar dos experimentos e coleta de dados empíricos. A maior parte desse trabalho era feito por Katherine Wolf, citada como coautora em alguns dos trabalhos. Ainda assim, Spitz levou a maior parte do crédito, e é sempre o único mencionado como o responsável pelas investigações. Vale ressaltar que em seu livro *The first year of life*, publicado em 1965 – quase uma década após a morte de Katherine Wolf (1957) – o autor menciona, na seção de agradecimentos, a importância da assistência da psicóloga na condução das observações e experimentos, durante os 8 anos de realização das pesquisas.

A utilização de filmes documentários pelo autor foi uma inovação importante, pois abriu precedente para a utilização dessa tecnologia que permite ilustrar o material trabalhado nos artigos e fazer com que os experimentos e sua execução possam ser compreendidos pelos leitores. Esse registro também garante que eles possam ser avaliados e replicados com maior precisão. Ao que parece, Spitz estava ciente desse valor pedagógico dos filmes, uma vez que, como explicita Weitzenkorn (2020), eles foram utilizados em hospitais e faculdades de medicina, durante aulas, e chegaram ainda a serem exibidos como entretenimento no Cinema 16 em Nova Iorque.

Outros pesquisadores que utilizavam os filmes tinham o objetivo de mostrá-los como evidência “neutra e tangível, o que situava os métodos observacionais nos campos experimentais.” (Weitzenkorn, 2020, p. 8). A técnica da análise através de filmes apresentada por Spitz também parece se inserir na mesma lógica, mas a presença constante do pesquisador



e o ângulo de filmagem contrariam a tendência de se esconder e esconder a câmera de modo a não influenciar o comportamento dos bebês durante os experimentos, como afirma Weitzenkorn (2020).

Os filmes de Spitz e Wolf são ainda de grande valor em termos de divulgação científica, em virtude de serem de compreensão mais fácil do que os artigos e passarem a mensagem dos autores de modo mais direto. Apesar da grande produção de filmes (mais de 25), todos eles parecem ter sido gravados na mesma época, sendo compilações dos experimentos do Projeto de Pesquisa Psicanalítico sobre Problemas na Infância. Como se observou acima, algumas cenas foram utilizadas mais de uma vez em filmes que possuem temáticas próximas.

Em todos os artigos citados no presente capítulo, Spitz alega utilizar os testes desenvolvidos por Hetzer e Wolf, publicados separadamente. No entanto, tanto no artigo *Genèse des premières relations objectales* (SPITZ, 1954), quanto no livro *The first year of life*, após mencionar o uso dos testes Hetzer-Wolf, ele os emprega de maneira intercambiável com os testes Bühler-Hetzer, os quais, apesar de utilizarem grande parte dos experimentos do teste de Hetzer-Wolf em seu primeiro capítulo, são uma reformulação posterior desenvolvida e organizada por Frankl e Wolf. Apenas no artigo *The smiling response II* (POLAK et al, 1964b) é que não há menção do Hetzer-Wolf, e os autores afirmam utilizar o Bühler-Hetzer.

Como foi apontado por Pinneau (1955b), os trabalhos de Spitz carecem de clareza na apresentação dos dados, que se mostram algumas vezes incongruentes de um estudo para outro, como, por exemplo, amostras que variam em número, por conta da mortalidade infantil ou a adição de novos participantes no estudo já em andamento. Esses imprevistos são passíveis de acontecer nesse tipo de experimento, mas não são esclarecidos explicitamente pelo autor na maioria dos artigos. Em relação à amostra, é mencionada com frequência a utilização de um número “estatisticamente significativo de crianças” sem, no entanto, especificar com base em qual cálculo ou parâmetro o número de participantes foi considerado como “significativo”. Há, ainda, informações demasiadamente vagas, como quando Spitz fala da amostra selecionada no povoado indígena na América Latina, ou de uma instituição identificada apenas como localizada no “mundo ocidental”. A justificativa utilizada é o sigilo médico, o que não explica a ausência absoluta de dados sobre as instituições.

Essa falta de clareza também está presente na inclusão da classificação racial das amostras, vista que, como discutido, não há justificativa consistente para a inclusão do critério

na pesquisa, e seus resultados não são discutidos, exceto para afirmar, algumas vezes, a inexistência da interferência do fator racial no desenvolvimento das afecções que ele descreve.

Apesar de Spitz (1955b) responder algumas das questões colocadas por Pinneau, ele também aproveita a oportunidade para fazer ataques pessoais ao autor e se valer da fala de um colega ridicularizando-o, alegando por fim que ele não tinha experiência na área, mesmo Pinneau sendo um psicólogo experimental que estudava especificamente o desenvolvimento infantil.

A tentativa de compreensão dos fenômenos estudados por Spitz, em muitas ocasiões em colaboração a psicóloga austro-americana Katherine Wolf, por meio de conceitos psicanalíticos como o das relações objetais, e a consequente constatação de que a formação e o desdobrar das mesmas é imprescindível para o ajustamento ao ambiente e o desenvolvimento saudável da personalidade, foram o resultado da metodologia única utilizada pela dupla. Essa metodologia, que ao mesmo tempo que trazia elementos da psicologia experimental infantil, o que dava um tom mais “científico” às pesquisas, não desviava demasiadamente dos métodos psicanalíticos clássicos, mantendo uma via de interlocução com a comunidade psicanalítica da época. A tendência metodológica mostra uma integração entre o *bebê empírico* e o *bebê clínico*. Segundo Daniel Stern (1934-2021), psiquiatra e psicanalista americano cujas pesquisas eram focadas no desenvolvimento infantil, o *bebê empírico ou observado* era, até então, o objeto da psicologia do desenvolvimento, construído a partir da observação direta e da experimentação. Estudos utilizando esse enfoque lidam normalmente com a descrição das capacidades infantis nas diferentes faixas etárias (STERN, 1998). É com essa faceta objetiva do trabalho de Spitz que Pinneau conversa, sendo seu objeto de estudo por excelência. Sua crítica enfatiza a procedência dos instrumentos, das amostras e dos dados apresentados. Por outro lado, o *bebê clínico* é o objeto das teorias psicanalíticas, construído a partir dos relatos de análise – casos clínicos – das narrativas elaboradas pelos pacientes com o amparo dos analistas, ou seja, as memórias dos pacientes e a interpretação delas conjuntamente com um analista munido de teorias como seus instrumentos (STERN, 1998). Apesar de Spitz não ter psicanalisado seus sujeitos de maneira propriamente dita, a apresentação do bebê clínico se dá a partir de suas interações e experimentos com os bebês e interpretações dos mesmos, como pode ser notado na apresentação dos casos clínicos em alguns artigos e também nos filmes documentários (WEITZENKORN, 2020). A utilização de dados provenientes do uso de métodos empíricos por Spitz, no entanto, não implica que a pesquisa do autor não seja clínica. Sua forma de

interpretar os dados e a apresentação dos resultados não deixam dúvidas de que a abordagem clínica era sua principal via de trabalho.

O método de observação infantil desenvolvido por Spitz apresenta deficiências quanto ao controle experimental, e não pode ser considerado mais que um projeto de aproximação entre o estudo psicanalítico e a psicologia experimental infantil. No entanto, em suas extensas interpretações dos dados provenientes da observação direta, o autor preenche uma lacuna e desenvolve um trabalho frequentemente negligenciado pelos psicólogos infantis de sua época (MCCANDLESS e SPIKER, 1956), a saber, adotar uma teoria que não apenas guia o trabalho, mas que pode ser comprovada ou falseada a partir do mesmo.

### 3 CAPÍTULO 2: A TEORIA DA FORMAÇÃO DO EGO

A partir das observações feitas no “Projeto de Pesquisa Psicanalítico Sobre Problemas na Infância”, Spitz notou padrões e fenômenos característicos no curso do desenvolvimento das crianças, como a maturação da percepção (SPITZ, 1955b), a Resposta Sorriso (SPITZ, 1946b), a Ansiedade dos Oito Meses (SPITZ, 1950a), o autoerotismo (SPITZ e WOLF, 1947), a agressividade (SPITZ, 1953a), entre outros. Essas observações são os primeiros fragmentos do que viria a ser sua própria teoria da formação do Ego (SPITZ, 1959). O trabalho foi apresentado originalmente como uma palestra, a oitava de uma série ministrada anualmente em comemoração ao aniversário de Freud (American Psychoanalytic Association, 1959). O evento era organizado pelo Instituto Psicanalítico de Nova Iorque e também contou com a participação de nomes como Anna Freud, Ernest Jones e Heinz Hartmann. Os autores, juntamente com outros nomes da tradição da Psicologia do Ego, como Ernst Kris, Phyllis Greenacre e Rudolph Loewenstein, eram membros ativos da American Psychoanalytic Association no mesmo período (American Psychoanalytic Association, 1954, 1955). Spitz e todos os autores citados, com exceção de Ernest Jones, também fizeram parte do New York Psychoanalytic Society & Institute (GASKILL, 1976; New York Psychoanalytic Society & Institute, n.d.). Os principais trabalhos, dentre eles o de Spitz, foram selecionados para publicação pela International Universities Press.

A teoria da formação do Ego apresentada por Spitz é baseada na maturação e no desenvolvimento. Em muitos de seus aspectos, é consonante com autores da tradição da Psicologia do Ego, como Anna Freud e, principalmente, Heinz Hartmann, Ernst Kris e Rudolph M. Loewenstein. O trabalho desses autores sobre a formação da estrutura psíquica (Hartmann, Kris, & Loewenstein, 1946) é um dos mais citados na obra, com um total de 8 referências em 58 páginas, ultrapassado apenas pelo trabalho intitulado *Organisers and Genes* (Organizadores e Genes) do embriologista Conrad Hal Waddington (1905-1975), publicado em 1940, que soma 15 referências. As teorias do desenvolvimento e da estruturação da psique de Freud (SPITZ, 1958) e Hartmann são explicitamente citadas como as bases do trabalho (SPITZ, 1972).

#### 3.1 Influências e filiações teóricas

A teoria do desenvolvimento de Spitz deriva da visão freudiana e não se desvia muito de outros teóricos da Psicologia do Ego (e.g. Heinz Hartmann, Anna Freud, Margareth Mahler), em oposição àqueles da Teoria das Relações de Objeto (e.g. Melanie Klein, John Bowlby). A Psicologia do Ego se desenvolve a partir da ideia freudiana de que a mãe se torna um objeto

libidinal para o bebê, que depende dela para satisfazer suas necessidades. No entanto, para que estas relações objetais se desenvolvam, é necessário certo nível de desenvolvimento do ego, de estruturas psíquicas que não fazem parte da *Anlage* do indivíduo, estruturas estas que são desenvolvidas ao longo do tempo, à medida que o bebê ganha experiência (AINSWORTH, 1969). Já os adeptos da Teoria das Relações de Objeto veem a ligação do bebê à mãe como consequência de uma predisposição inata, parte de seu equipamento filogenético (PALOMBO et al., 2009).

De acordo com a Psicologia do Ego, existem três estágios básicos no desenvolvimento das relações de objeto (AINSWORTH, 1969). O primeiro é o estágio *sem objeto, indiferenciado ou de narcisismo primário*, no qual o bebê não diferencia entre coisas e pessoas, nem entre o eu e o outro. Todas as suas ações são “ligadas a organizações viscerais, autonômicas e emocionais” (AINSWORTH, 1969, p. 974). No estágio *transicional*, o desenvolvimento de algumas funções do ego permite o começo de uma diferenciação entre o eu e o outro. Spitz (1946) denomina esse período como “precursor do objeto”, marcado pelo aparecimento da Resposta Sorriso. Por fim, no estágio das *verdadeiras relações de objeto*, o bebê consegue se manter afastado de seu objeto de amor por tê-lo introjetado seguramente. O objeto se torna constante e essa constância não depende de situações de satisfação ou frustração (AINSWORTH, 1969). Na teoria de Spitz, essa fase é dividida em duas, pois corresponde à ansiedade dos oito meses inicialmente e à aquisição da capacidade de negação posteriormente (AINSWORTH, 1969).

Para fins de contextualização, cabe apresentar resumidamente as teorias do desenvolvimento dos principais psicólogos do ego que influenciaram e foram influenciados por Spitz, ressaltando as similaridades e pontos de convergência entre essas teorias.

Heinz Hartmann (1894-1970), pai da Psicologia do Ego, baseia sua teoria do desenvolvimento no *ponto de vista adaptativo*, segundo o qual os bebês nascem pré-adaptados a lidar com as demandas do meio ambiente. Essa adaptação primordial do desenvolvimento é um dos papéis principais do ego (PALOMBO et al., 2009). Outro conceito importante formulado pelo autor é o de *função sintética do ego*, a habilidade de sintetizar experiências e se adaptar à realidade (HARTMANN et al., 1946). Esse conceito pode ser reconhecido no processo de estabelecimento dos organizadores psíquicos de Spitz, nos quais diferentes funções e experiências são reorganizados e sintetizados para dar lugar a novas capacidades. Hartmann não divide o desenvolvimento em estágios como faz Spitz, mas traz elementos que são

incorporados à base teórica do autor, como a inicial indiferenciação, a necessidade da distinção eu-outro e do laço libidinal com o objeto de amor para a subsequente compreensão das comunicações maternas. Ele também preconiza que todo o aprendizado do indivíduo se dá através da relação de objeto com a mãe: a identificação com ela, o objeto no qual é investida a maior carga de catexia na vida com o bebê, fornece a base para todas as interações posteriores do com o mundo externo (HARTMANN et al., 1946).

Anna Freud apresenta o progresso do indivíduo ao longo de *linhas de desenvolvimento*, em que se pode perceber uma interação entre ego e id, à medida que estes se desenvolvem e se separam. A criança sai de um estado em que o funcionamento do id é predominante para um gradual aumento no domínio ego e do mundo interno e externo (FREUD, 1963). As linhas de desenvolvimento propostas pela autora são divididas em categorias e se relacionam à alimentação, controle dos esfíncteres, manejo do corpo e às relações de objeto. Elas são concomitantes e não têm faixas etárias correspondentes, já que há variações nas idades mesmo nos desenvolvimentos normais (PALOMBO et al., 2009).

Uma das linhas desenvolvimento propostas por Anna Freud é intitulada “Da dependência à autonomia emocional e relações de objeto maduras”. Seus três estágios correspondem aproximadamente às descrições dos três organizadores de Spitz. No primeiro estágio, de indiferenciação, desde o nascimento até os 7 meses de idade<sup>23</sup>, o bebê e a mãe formam uma unidade. O bebê percebe a mãe e o mundo como parte de si, e a mãe o reconhece psicologicamente como uma extensão de si mesmo ou *milieu interne* (FREUD, 1952). O estágio anaclítico ocorre aproximadamente dos 7 aos 15 meses de idade. O bebê tem uma relação de dependência com a mãe, e o teor dessa relação depende da qualidade com a qual as necessidades são satisfeitas. Problemas nessa dinâmica podem perturbar o processo de individuação (PALOMBO et al., 2009). Este estágio corresponde ao processo de estabelecimento do objeto libidinal. Dos 15 aos 30 meses a criança entra no estágio de constância de objeto. O objeto libidinal ou objeto de amor é internalizado e se torna constante, sem que seja necessária a satisfação imediata das necessidades. Crianças que atingem esse estágio formam relações resistentes à frustração (FREUD, 1963). É o correlato do processo de identificação que culmina no estabelecimento do terceiro organizador psíquico.

Margaret Mahler (1897-1985), por sua vez, teoriza o desenvolvimento infantil a partir do processo que denominou *separação-individuação*. A separação consiste numa diferenciação

---

<sup>23</sup> As idades apresentadas são aproximações inferidas por Palombo e colaboradores.

intrapésica ou distanciamento da mãe. A individuação é a aquisição da autonomia intrapésica (MAHLER, 1971). No momento do nascimento, o bebê é um ser puramente biológico, e suas respostas consistem em instintos e reflexos. A autora utiliza os conceitos cunhados por Spitz (1944) ao postular o funcionamento mental e corporal inicialmente como cinestésico, apenas gradualmente se desenvolvendo em diacrítico (MAHLER, 1971). A mãe e o bebê estão num estado de simbiose social. Ao mesmo tempo que a mãe vê o corpo do bebê como parte dela e realiza as funções de manutenção das quais ele é incapaz, o bebê a percebe como extensão de si (MAHLER, 1952).

Segundo Mahler (1952), o primeiro passo da formação do ego é a capacidade de distinguir entre si mesmo e o mundo circundante, representado pela mãe. Esse processo se dá a partir das experiências de satisfação que o bebê percebe aos poucos serem originados de uma fonte externa. Para que se possa sair desse estágio de simbiose com a mãe e formar o *ego corporal*, os cuidados e toques são primordiais. Após a diferenciação do ego corporal, num período que vai de cerca dos 10 até os 15 meses de idade, a criança estará no período de *prática* (MAHLER, 1971), iniciado quando as crianças conseguem se movimentar de maneira autossuficiente, o que ocasiona uma exaltação do humor. A locomoção ereta torna as crianças mais alegres, num processo designado como “apaixonamento com o mundo” (MAHLER, 1971, p. 410), seguido pelo surgimento da capacidade de inteligência representativa. Nesse período, o sujeito é capaz de explorar o ambiente e se movimentar em direção contrária à mãe, mas se torna desanimado quando percebe que ela não está mais próxima. Crianças nessa faixa etária ficam mais quietas e desinteressadas no ambiente, numa postura como que reflexiva. Parece que praticam as habilidades necessárias para se separar e voltar à mãe (PALOMBO et al, 2009).

As crianças no período de prática protestam ao serem interrompidas em suas atividades autônomas; protestam ao serem levadas ao colo, ou colocadas no berço (MAHLER, 1971). As capacidades de locomoção ereta e inteligência representativa são consideradas pela autora como organizadores da psique, tomando emprestado o conceito de Spitz. Estas aquisições facultam o “nascimento psicológico” (MAHLER, 1971, p. 410) da criança.

O período de prática, que culmina na separação da criança como uma entidade individual, dá lugar à *fase de reaproximação*, que dura aproximadamente dos 15 aos 25 meses de idade. Depois de ficar um tempo se separando da mãe e desenvolvendo sua autonomia, o afastamento total causará uma necessidade de estar próximo da mãe. Nessa fase, haverá um



aumento nas comunicações (simbólicas, gestuais e verbais) e brincadeiras na vida da criança (MAHLER, 1971).

Apesar de seguir a tendência presente nas teorias do desenvolvimento psicanalíticas da época (AINSWORTH, 1969), a construção de Spitz se diferencia das demais tanto pelos elementos de outras áreas do conhecimento que insere na sua base teórica (embriologia, etologia, medicina, psicologia do desenvolvimento, psicologia experimental, etc.) quanto pela adoção do modelo de desenvolvimento epigenético e pela ilustração e corroboração dos fenômenos descritos a partir dos dados empíricos que coletou ao longo de seu trajeto.

### 3.2 A formação do ego e os organizadores da psique

Em seu livro *A Genetic Field Theory of Ego Formation – Its Implications for Pathology*, Spitz apresenta diversos conceitos da área da embriologia, que utilizou por analogia no campo psicológico como instrumentos para o entendimento de processos psíquicos que guardam semelhanças com aqueles presentes no embrião. A este respeito, reconhecendo que a recepção de tais ideias poderiam causar certa estranheza na comunidade psicanalítica, cita o trabalho de Freud (1920). Neste texto, o fundador da psicanálise fala sobre a determinação que a experiência infantil tem no surgimento de neuroses na vida adulta, argumentando que até mesmo uma pontada de agulha num embrião pode causar perturbações no desenvolvimento posterior, em referência aos pioneiros experimentos em embriologia de Wilhem Roux<sup>24</sup> (1850-1924), médico anatomista considerado um dos fundadores da *Entwicklungsmechanik* (mecânica do desenvolvimento), que estuda as causas naturais do desenvolvimento embriológico.

Os conceitos embriológicos são empregados para complementar a explicação do desenvolvimento do indivíduo desde nascimento até aproximadamente o segundo ano de vida, um dos mais importantes sendo o de *organizadores psíquicos*, centros que integram<sup>25</sup> o desenvolvimento psicológico e os processos de maturação formando, conseqüentemente, a personalidade. Este conceito provém da noção de organizador tal como utilizada na embriologia, que pode ser definido como um marcapasso desenvolvimental, um fator relacional de desenvolvimento ou ainda um centro irradiador de influência (SPITZ, 1979). O conceito foi

---

<sup>24</sup> Em 1883, Roux publicou uma série de experimentos com embriões de anfíbios com o objetivo de entender como o processo de mitose no embrião determina o desenvolvimento completo do indivíduo, manipulando o embrião de várias maneiras diferentes e observando os resultados (Sander, 2012).

<sup>25</sup> A integração é um fenômeno no qual um novo funcionamento surge a partir da soma de estruturas já existentes, as quais separadas não desempenhavam tal função (Hartmann et al., 1946).



introduzido por Spitz em 1954, no artigo “*Genèse des premières relations objectales: Observations directes sur le nourrisson pendant sa première année*”. O autor salienta, no entanto, uma diferença crucial entre os dois conceitos. Enquanto na embriologia os organizadores são relativos a uma região circunscrita do blastóporo, o lábio dorsal do embrião, os organizadores psíquicos não têm qualquer ancoragem espacial, e operam apenas no tempo.

### **3.3 O estágio de não-diferenciação**

Nos primeiros momentos de vida do bebê, após o nascimento, ele pouco entende sobre si mesmo e o mundo à sua volta. Não é que seus órgãos perceptivos não estejam prontos, mas ele ainda não *aprendeu a perceber*. Assim, existem imagens, tal como para os adultos, mas não é possível distinguir coisas, animais, paisagens e pessoas. Existem sons, mas não há a capacidade de separar a voz materna de uma música ou outro barulho qualquer. Os movimentos não são coordenados e correspondem a descargas motoras dos estímulos internos e externos que incidem sobre o bebê. A experiência é uma unidade indivisível; os detalhes não existem, mas são partes de um todo. Isso se dá devido à organização sob a qual o bebê vem ao mundo, que permite a percepção do mundo apenas em termos de experiência total – o funcionamento a partir do sistema emotivo ou *cenestésico* (SPITZ, 1942). Esse sistema, centrado nas regiões cerebrais do globo pálido, tálamo e hipotálamo, é caracterizado por manifestações psíquicas emocionais, afetivas e oníricas. Somaticamente, esse sistema está relacionado a manifestações viscerais e posturais (PALOMBO et al., 2009). A percepção que o bebê tem do mundo, regida por esse sistema, é vaga, extensiva e difusa, e ocorre por meio de sensações gastrointestinais, sexuais, precordiais ou de vertigem. Para expressão afetiva ou reação aos estímulos, o bebê tem à sua disposição os músculos posturais e a musculatura lisa. No funcionamento cenestésico, não é possível localizar a incidência ou o surgimento dos estímulos no corpo, e eles são processados, muitas vezes, sem sequer se tornarem conscientes.

Bebês operam tanto em nível expressivo quanto receptivo. Expressivamente eles se comunicam através de signos não-verbais, que os adultos captam sem estarem conscientes disso. Receptivamente, de início os bebês operam no nível dos reflexos condicionados, que suscitam o sistema vegetativo (PALOMBO et al., 2009, p. 86).

Esse tipo de percepção seria melhor denominada, de acordo com Spitz (1942), de recepção. Aqui, são percebidas apenas totalidades, nunca detalhes. Todos os elementos que compõem o sistema percebido são tidos como um só. Esse funcionamento persiste até o período de 4 a 6 meses de idade, quando se inicia a transição para o sistema *diacrítico*. Tais sistemas

operam semelhantemente aos processos primário e secundário descritos por Freud (PALOMBO et al., 2009).

A esta primeira configuração, presente do nascimento até por volta dos 3 meses de idade<sup>26</sup>, Anna Freud (1936) e Hartmann e seus colaboradores (1946) denominaram estágio de indiferenciação, isso porque partiram do pressuposto de que o ego e o id surgem gradualmente de uma estrutura originária indiferenciada. Spitz (1979), por sua vez, resolveu adotar o termo *não-diferenciação*, partindo da ideia de não separação entre corpo e psique, ego e id. Este conceito diverge do conceito de indiferenciação na medida em que não inclui apenas aspectos psíquicos e psicanalíticos, abarcando também outros, “como os aspectos neuromuscular, fisiológico, comportamental, dos quais são exemplos a percepção e a ação” (SPITZ, p. 35). O primeiro estágio do desenvolvimento, também denominado por ele estágio pré-objetal ou sem objeto (*objectless stage*), compreende o que Freud (2009) denomina investimento primário do eu ou narcisismo primário. Nessa fase, a libido está completamente voltada para o bebê, ainda que, a partir de certo momento, seja aos poucos estendida a outros objetos. Essa concentração de libido faz com que o bebê sequer perceba que um outro é necessário para a satisfação de suas necessidades (MIJOLLA, 2005). Ainda, de acordo com Anna Freud (1963), a fase do narcisismo primário se manifesta também na mãe, pois a mesma vê o bebê psiquicamente como parte de si mesma. A isso, a autora denomina “possessividade narcísica” (p. 250) da mãe sobre o corpo do bebê.

Para Spitz (1965), bebê nasce sem nenhuma atividade mental, e a proposição de um trauma originário, tal como o descrito por Rank, (1924) é insustentável. Essa afirmação também se opõe a visão kleiniana do desenvolvimento psíquico, que considera, desde o nascimento, a existência de um ego primitivo que permite não só a formação de relações de objeto rudimentares, mas também o uso de mecanismos como introjeção, projeção e cisão (GEISSMANN e GEISSMANN, 2005, pp. 149-150).

Um dos motivos por que o acesso e o intercâmbio com o mundo externo são difíceis e, num primeiro momento, impossíveis para o bebê é a existência de uma forte barreira contra estímulos externos, que persiste até cerca do primeiro mês de vida (SPITZ, 1965). Spitz (1955b) esclarece que essa barreira, ao contrário do que o nome indica, não deve ser entendida como um obstáculo para a entrada de estímulos, mas como uma falta de energização (catexia)

---

<sup>26</sup> Spitz (1959) comenta que, para todos os fenômenos transicionais entre estágios, há um desvio de cerca de 2 meses para mais ou menos, devido as diferenças individuais.

dos receptores de estímulos externos. Quando rompida por um estímulo de grande magnitude, o bebê responde expressando intenso desprazer. Assim, para que essa barreira seja gradualmente diminuída e a percepção e interação com o mundo seja facilitada, Spitz (1965) elenca algumas condições. Em primeiro lugar, o bebê precisa aprender a deixar que os estímulos entrem e, depois, a lidar com os mesmos, dando significado a esses estímulos.

Mesmo existindo a condição de receptividade, uma segunda barreira se interpõe no caminho do bebê: a mãe. Desde o início da vida do bebê, a mãe e outras pessoas o cercarão de todos os cuidados para certificar que ele esteja absolutamente seguro (SPITZ, 1965). Isso se exprime numa proteção ambiental: o quarto é isolado de ruídos, as luzes são controladas, os objetos são cuidadosamente escolhidos, estabelece-se uma rotina de alimentação e cuidados. Tudo isso faz com que o bebê não tenha que lidar com muitos estímulos intensos o tempo inteiro. A mãe auxilia ainda o bebê a lidar com seus estímulos internos, descarregando as tensões que ele não consegue sozinho. Por exemplo, um bebê pode sentir fome, e descarregar essa tensão chorando, se movimentando ou gritando, mas se não for alimentado, o estímulo não cessa.

Essa proteção ambiental provida pela mãe frente aos estímulos externos é, segundo Spitz (1955b), como que uma manutenção, uma continuação da situação intrauterina. Quando ainda em gestação, o corpo da mãe se encarrega de isolar o bebê de estímulos externos e também de realizar as atividades metabólicas. Após o nascimento, o bebê será o encarregado dessas atividades. Esse é o motivo de haver uma recepção dos estímulos internos já no começo da vida, ainda que dentro de um sistema cenestésico e difuso, que os processa segundo a experiência de prazer ou desprazer que eles causam. Mas para perceber os estímulos externos enquanto tais, é necessária uma elaboração secundária. O autor postula (SPITZ, 1965) que as atividades metabólicas ou de alimentação propiciem a primeira ponte entre a propriocepção e a exterocepção, uma vez que, no ato da amamentação, a cavidade oral – que compreende os lábios, a parte interna da boca e a faringe – está investida tanto por estímulos internos (e. g., a experiência de satisfação), quanto pelos externos (e. g., a sensação do alimento sendo recebido).

A construção de tal ponte pode ser observada a partir do estabelecimento do reflexo de orientação. Num primeiro momento, todas as tensões que o bebê experiencia são descarregadas por meio de movimentos corporais aleatórios. Depois de certo tempo, a efetividade da barreira de estímulos começa a diminuir, as tensões passam a se acumular, e essa descarga deixa de ser

efetiva. O bebê começa então a associar o seio materno com a eliminação do desprazer causado pela fome e se estabelece o *reflexo de orientação*. Nele, o bebê faminto passa a procurar o mamilo quando é colocado no colo na posição horizontal, girando a cabeça de um lado para o outro até que consiga colocá-lo na boca. A percepção do mundo externo não é necessária nesse ponto, o comportamento só se apresenta quando surge uma tensão endógena, como a fome (SPITZ, 1971).

Por fim, o tipo de relação que a mãe tem com o bebê é de extrema importância. É necessário que se estabeleça um diálogo (SPITZ 1949) ou um *feedback* (SPITZ, 1958): um ciclo sequencial de ação – reação – ação. A repetição desse ciclo faz com que os objetos no mundo externo se tornem sinais que se distinguem progressivamente uns dos outros, formando imagens mais coerentes do mundo (SPITZ, 1965). Essa ideia também se encontra no trabalho de Anna Freud. Para a autora, os limites do que é externo e o que é interno são ditados “não na realidade objetiva, mas nas experiências subjetivas de prazer e desprazer” (1963, p. 250). Em *O Ego e o Id* (1923), Freud já descreve esse processo de formação do Ego primitivo, corporal, a partir da influência do mundo externo, da formação de um sistema perceptivo consciente.

Como se dá a quebra da barreira de estímulos e o investimento no mundo exterior? Nas oito semanas que se seguem ao nascimento, a capacidade de responder a estímulos progride seguindo uma condição: a combinação concomitante de um estímulo interno, como a fome, e um estímulo interno que represente a satisfação da necessidade, como a mãe (SPITZ, 1965). Se o bebê está ocupado com outro estímulo interno (por exemplo, o desprazer por não ter sido alimentado), sua atenção não será voltada para o mundo externo, ainda que o estímulo apresentado seja o alimento.

Essa proposição foi trabalhada de modo semelhante por Hartmann e seus colaboradores (1946). Segundo os autores, a percepção do mundo externo depende de um equilíbrio fino entre satisfação das necessidades e privação parcial das mesmas. Se é provido ao bebê tudo que ele necessita antes mesmo que ele possa perceber e expressar seu incômodo, o mundo é visto como parte dele mesmo. Apenas a partir do momento em que se torna aparente uma necessidade, é possível perceber que esta coisa se encontra fora do corpo. Ainda, no nível psíquico, é preciso que se saia da posição do narcisismo primário, em que a energia psíquica está concentrada no *self*, e se movimenta para uma configuração na qual os objetos do mundo exterior possam ser investidos por essa energia mesmo quando separados do *self*.

Já vimos como a experiência da alimentação é a única, no começo da vida, que permite a entrada de estímulos externos, por meio das sensações na cavidade oral, ainda que estes estímulos não sejam diferenciados dos internos. Assim, o primeiro percepto formado na psique do bebê é tátil, composto pelas sensações de contato com a pele da mãe e da recepção do alimento. O segundo percepto a se formar será de caráter visual, qual seja, o rosto da mãe (SPITZ, 1955b). Esse percepto também está presente na alimentação. O bebê se alimenta, seja no peito ou por uma mamadeira, com a face virada para a mãe. De fato, o cuidador primário, e as demais pessoas que têm contato com o bebê, estão constantemente oferecendo seu rosto como estímulo, nas mais diversas situações, seja em brincadeiras ou em momentos de cuidado (SPITZ, 1965).

### **O estabelecimento do precursor de objeto.**

Até o segundo mês de vida o bebê opera segundo um funcionamento que o impede perceber o mundo circundante, salvo em momentos de necessidade (alimentação, conforto, limpeza, etc). Spitz (1965) observa que, a partir desse momento, o bebê começa a voluntariamente notar a presença de humanos e a segui-los com o olhar quando precisa de algum tipo de cuidado (PALOMBO et al., 2009). Após algumas semanas, esse comportamento se apresenta mesmo que não haja nenhuma necessidade urgente; o bebê acompanha o humano com o olhar simplesmente como consequência da associação feita entre a presença de pessoas e a satisfação que elas lhe proporcionam. O bebê se coloca, segundo propõem Gesell & Ilg (1937, apud SPITZ, 1946b), numa postura de *expectativa*.

No início do terceiro mês, um novo comportamento aparece no bebê. Quando é colocado de frente com uma face humana, ou algo que se assemelhe, ele fixa o estímulo e ergue os cantos da boca, de modo a apresentar uma disposição alegre: o bebê sorri. Esse sorriso não é uma atividade motora aleatória frente à estimulação. É verdade que, no recém-nascido, o sorriso compõe o repertório de padrões motores do indivíduo e pode ser observado desde os primeiros dias de vida (SPITZ, 1946b). No entanto, a partir do terceiro mês, esse padrão se modifica. Ele se torna um comportamento dirigido, ou seja, só aparece frente a um estímulo específico. Assim, surge o fenômeno da *resposta sorriso*, o primeiro de natureza diacrítica a surgir no bebê, marcando o início da percepção do exterior, da separação entre Eu e Outro e assim, da possibilidade de relação efetiva com o mundo ao redor (SPITZ, 1957).





Figura 2 - Reação do bebê de 3 meses à face sorrindo.

Fonte: Spitz, 1965, p. 89

A *resposta sorriso* surge a partir da repetição das experiências de satisfação, tanto com a mãe quanto com cuidadores secundários e, na medida em que os afetos e emoções são expressões de estados interiores e fisiológicos (SPITZ, 1965), ela em si é um comportamento *social e afetivo*. Sem as experiências de satisfação, de prazer e desprazer, a constituição psíquica não é possível. A afetividade é um ingrediente chave em toda a teoria da formação do Ego de Spitz e permeia todos os principais marcos desenvolvimentais, tanto normais quanto patológicos:

Assumimos que os afetos são o pré-requisito da percepção assim como para qualquer outra atividade mental. Encontramos no estudo do comportamento da criança que a discriminação afetiva é a mais primitiva de todas, e abre caminho para todo o resto do desenvolvimento. (SPITZ, 1964b, p. 101)

No entanto, isso não deve ser confundido com uma discriminação afetiva exterior, isto é, o bebê não interpreta a disposição emocional da pessoa que elicit a resposta sorriso (SPITZ, 1946b); ela pode ser provocada por qualquer coisa ou pessoa que satisfaça a Gestalt do rosto de frente, com testa, dois olhos, nariz e se movimentando de alguma forma (SPITZ et al.,

1964a). É por esta razão que se supõe, com certa convicção, que o fenômeno possa ser encaixado na categoria de mecanismo inato de liberação<sup>27</sup> (SPITZ et al., 1964b).

### 3.4 O primeiro organizador da psique

A *resposta sorriso* é o primeiro indício de que a criança atingiu um nível de desenvolvimento que possibilita, por um lado, distinguir figura e fundo (SPITZ et al., 1964b) e coordenar partes do corpo para produzir uma resposta voluntária e deliberada (SPITZ, 1965) e, por outro, discernir entre o eu e o outro. Segundo Freud (1925), essa distinção marca o estabelecimento do princípio de realidade, a partir da realização de que algo que está presente no ego pode ser redescoberto na realidade perceptiva.

A partir disso, ocorre uma modificação fundamental na psique infantil. Essa modificação é descrita por Spitz (1959) como uma convergência entre diferentes linhas de desenvolvimento, psicológicas e maturacionais, que culminam no estabelecimento de um *organizador*<sup>28</sup> *psíquico*. Nesta primeira fase, trata-se do precursor do objeto libidinal propriamente dito. A resposta sorriso é, então, o sinal ou, segundo Spitz, o indicador do estabelecimento do primeiro organizador. A maturação é preponderante no desenvolvimento antes do estabelecimento do primeiro organizador. A partir de agora, a maturação passa a desempenhar um papel menor frente ao desenvolvimento que depende da interação com a mãe (SPITZ, 1959).

A organização que o bebê passa a ter nesse novo estágio pré-objetal resulta na passagem para uma percepção diacrítica, no início do teste de realidade, no estabelecimento dos traços de memória e na possibilidade de observação das relações objetais que, segundo o autor, introduzem uma divisão tópica da psique, o estabelecimento de um Ego e de um Id e o início da função de pensamento, à medida que há um investimento nos traços de memória (SPITZ, 1959). A partir desse ponto, há integração de componentes diferentes, que formam uma nova organização e passam a agir como uma unidade, em consequência dos processos de desenvolvimento e maturação.

---

<sup>27</sup> Do inglês *innate releasing mechanism*, conceito desenvolvido por Konrad Lorenz (1935/1937) e Nikolaas Tinbergen (1939), que postula a existência de um mecanismo inato que produza determinadas respostas frente a um estímulo específico. Ou seja, certas cadeias de estímulo-resposta funcionam desde o início da vida, sem a necessidade de condicionamento ou com uma disposição inata para o condicionamento.

<sup>28</sup> Conceito emprestado de Needham (1931, v3, p. 1627) que o define como um “marcapasso desenvolvimental para um eixo específico. . . operando através de diferenças quantitativas que variam, de uma forma passível de mensuração, ao longo daquele eixo”.

Essa nova organização significa, ainda, a formação de um campo de forças regulador dos impulsos que antes eram descarregados logo após seu surgimento e que agora podem ter outros fins. Sendo assim, trata-se de uma organização mais adaptada aos objetivos do organismo. O conceito de campo de forças utilizado por Spitz (1959) é inspirada na definição do mesmo segundo o embriologista Conrad Hal Waddington. O campo é:

um sistema de ordens, onde a posição assumida por entidades instáveis em uma parte do sistema serve como base para uma relação definida com a posição assumida por entidades instáveis em outras posições. Na verdade, são suas posições em equilíbrio que, juntas, constituem o efeito de campo. (SPITZ, 1959, p. 19)

O primeiro organizador da psique é o precursor do objeto libidinal, pois ainda não se pode falar em um objeto propriamente dito. O bebê, nesse ponto do desenvolvimento, ainda não é capaz de fazer distinção entre sujeitos. O que ele percebe é meramente um sinal, um “indicador visível do processo intrapsíquico de formação objetal, a parte observável do processo de estabelecimento de um objeto libidinal” (SPITZ, 1979, p. 92). Esse sinal não pode ser interpretado como um objeto segundo a psicanálise, motivo pelo qual é nomeado como pré-objeto por Spitz (1965).

A Gestalt-sinal é o que diferencia os objetos das coisas, mas não é o que os define. Ela pode sinalizar o que é uma pessoa, o que pode potencialmente ser um objeto libidinal, a face. Uma face genérica pode até informar sobre o que é e o que não é humano, mas não pode ser utilizada para a identificação específica do objeto libidinal, das pessoas por quem o bebê tem afeto, desenvolvido a partir de experiências compartilhadas, de trocas. Dessa forma, tão rapidamente quanto essa Gestalt-sinal se estabelece como marca distintiva, desaparece (SPITZ, 1965).

### **3.5 O segundo organizador da psique**

O padrão comportamental típico do fenômeno da resposta sorriso começa a esvanecer até desaparecer por completo a partir dos 6 meses de vida. O bebê, que antes respondia com um sorriso para qualquer padrão *testa-olhos-nariz* com o desenvolvimento da noção de profundidade, sorri apenas para pessoas (POLAK et al., 1964b), até que o rosto da mãe se torne o estímulo mais potente para a resposta sorriso (SPITZ, et al., 1970). Depois dos 6 meses de idade, aproximadamente, o bebê se comporta como que recusando o contato de qualquer pessoa



desconhecida (SPITZ, 1965). Agora, o bebê sorri apenas para a mãe, sua família e seus amigos, ou seja, para seus objetos de amor.



Figura 3 - Reação do bebê de 6 meses ao interagir com um estranho

Fonte: Spitz, 1965, p. 151

Assim, pode-se dizer que o bebê aprendeu a distinguir amigos de estranhos e se tornou apto a estabelecer um objeto libidinal propriamente dito (PALOMBO et al., 2009). Como Spitz teoriza sobre essa segunda mudança no psiquismo infantil? Baseado nas trocas com a mãe – ou o “parceiro humano do filho” (1979, p. 97) –, o bebê seleciona o rosto dela, percepto mais frequente para ele, como significativo e, a cada experiência, essa importância aumenta. Esse isolamento de uma unidade perceptiva é parte do processo de aprendizagem, tornado possível pela primeira reorganização psíquica, que abre espaço para o funcionamento diacrítico. Essas experiências são carregadas em afetos, pois são “interligadas, enriquecidas e caracterizadas pelo afeto materno, e a criança responde afetivamente a esse afeto” (1979, p. 100). De fato, Spitz (1945a) considera que a percepção afetiva está presente desde o começo da vida e é preponderante sobre todas as outras, de modo que os afetos podem ser considerados os propulsores e a causa primária de todo desenvolvimento nos primeiros anos de vida. Pode-se dizer, então, que o objeto é estabelecido nos setores ótico e afetivo e que a partir desse estabelecimento, a mãe se torna insubstituível (SPITZ, 1965).

A seleção do rosto da mãe como significativo acontece após a formação de um traço de memória desse rosto, que é mobilizado em cada experiência. O que acontece durante o contato com um estranho é o deslocamento de cargas de catexia do traço de memória do rosto materno guardado para o percepto do rosto que se apresenta na atualidade (SPITZ, 1950a). Ou seja, o bebê faz uma comparação entre o que conhece e o que se apresenta, percebe que aquela pessoa não é a mãe ou algum conhecido, chegando à conclusão de que a mãe está ausente, que o deixou (SPITZ, 1965). Todo esse processo faz com que o bebê se sinta ansioso e expresse recusa em intensidades diferentes (SPITZ, 1959) e das mais variadas maneiras, de acordo com sua individualidade (virar a cabeça para quebrar o contato visual, esconder a cabeça atrás da mãe, de suas roupas ou de lençóis, chorar, gritar, etc.). A essa reação negativa de recusa a estranhos Spitz (1950a) denomina *ansiedade dos oito meses*, por ser nesse período que o fenômeno se dá com mais frequência.

A nova reação do bebê a estranhos é realizada deliberadamente, não mais é um reflexo difuso frente a sensação de desprazer. Isso acontece porque a barreira de estímulos que estava presente desde o início da vida começa a diminuir até que desapareça por completo, e o ego rudimentar recém surgido passa a cumprir esse papel, aumentando seu limiar para processar os estímulos que incidem sobre o sujeito (SPITZ, 1950a). Agora, os efeitos dos estímulos podem ser reordenados e padrões de resposta diferentes e específicos mobilizados para lidar com os mesmos, em forma de ação dirigida – uma ação conscientemente desempenhada para lidar com a descarga de tensão de um estímulo específico. Essa não é apenas utilizada frente aos estímulos, mas também controla a psique e facilita o desenvolvimento (SPITZ, 1965).

Spitz (1950a, 1965) define três estágios necessários para que se alcance a ansiedade dos oito meses: a) a reação automática à perturbação do equilíbrio, à quebra da barreira de estímulos, caracterizada por descargas motoras aleatórias; b) o medo, expresso pelo comportamento de fuga, resposta a experiências progressas de desprazer com determinada pessoa ou objeto, que antecipa vivências negativas; c) a ansiedade propriamente dita.

A ansiedade dos oito meses cai nessa última categoria. Não pode ser enquadrada no medo, pois não possui um objeto. A resposta se faz presente com pessoas com as quais a criança não teve qualquer interação, mas não se manifesta frente à mãe, por exemplo, quem naturalmente a frustrou inúmeras vezes (SPITZ, 1950a). Na realidade, a presença do estranho evidencia, como já mencionado, a falta da mãe, pois o bebê tem o desejo de tê-la por perto e é decepcionado nesse desejo quando verifica que quem está por perto não é ela.

A ansiedade dos oito meses não se manifesta antes por motivos que Spitz (1950a) divide entre estruturais e libidinais-teóricos. O estrutural é a existência de um ego separado do id. Depois da formação do ego, a ansiedade não surge apenas em seu caráter fisiológico, frente à estimulações externas e instintuais, mas também em caráter psicológico, pela apercepção de um conflito entre as demandas do id de estar com seu objeto libidinal e a força insuficiente do ego, que não suporta a perda da mãe, que é parte complementar desse ego infantil: “A perda não só frustra as necessidades libidinais, mas também ameaça seu sistema total de segurança. É realmente uma ameaça vital e é assim sentida.” (SPITZ, 1950a, p. 143) O segundo motivo, libidinal-teórico, refere-se ao fato de que os objetos, uma vez identificados como externos a si mesmo, sejam identificados por sua função em relação ao sujeito, e não especificamente pelas suas faces. Depois de certo tempo, durante o período da ansiedade dos oito meses, esses objetos libidinais passam a ter uma face, especificamente a da mãe, mas ainda desempenham uma função como parte do ego e, quando são perdidos, essa perda é vivenciada como perda de uma parte de si (SPITZ, 1965). A presença da mãe se verifica diariamente e, quando ela se afasta, o bebê fica ansioso.

A resposta ansiosa do bebê face ao afastamento da mãe costuma ser curta. Spitz (1950a) formula a hipótese de que, passado o ataque ansioso, o bebê possa alucinar a presença da mãe e com isso se apaziguar. No entanto, quando um estranho se aproxima, o bebê espera que a mãe retorne. Quando ele percebe que quem se aproxima não é seu cuidador primário, a sensação de perda da mãe é revivida pela comparação entre os traços de memória do rosto materno e do rosto que se apresenta (SPITZ, 1965). Uma vez que esse rosto se retire – por exemplo, se a pessoa se virar de costas – a ansiedade cede e o bebê pode até mesmo interagir com a pessoa ali presente, por curiosidade (SPITZ, 1950a). Se o rosto da pessoa volta para a zona de percepção da criança, caso ela esteja engajada na nova atividade da qual ele é parte, a ansiedade não se apresenta, já que a catexia libidinal ou a atenção foi deslocada para uma nova experiência, está “ocupada”.

Quais consequências podem ser observadas em decorrência do estabelecimento do segundo organizador da psique? Em primeiro lugar, temos o início das relações sociais, pois gestos, proibições e ordens são não só entendidos como passam a ser utilizados. O bebê tem uma compreensão maior do espaço a sua volta e consegue diferenciar pessoas e coisas. Utiliza-as como instrumentos, escolhe favoritas, desenvolve gostos peculiares também na alimentação e começa a expandir seu repertório emocional, já que agora é capaz de expressar respostas

como “o ciúme, a raiva, a fúria, a inveja e a possessividade” (SPITZ, 1979, p. 28). Todo esse desenvolvimento não só surge de relações objetais como é parte delas.

Também se observa o domínio do ciclo prazer-desprazer. O bebê é capaz de detectar e expressar desprazer com maior fineza, há uma *cristalização* (SPITZ, 1965) das respostas afetivas de prazer e desprazer. Ocorre a integração do ego e, com ela, o surgimento de mecanismos de defesa ou de adaptação, nesse primeiro momento, dos quais a identificação é o principal.

Spitz (1965) menciona também: a) a mielinização das vias neurais, que permite maior diferenciação entre estímulos, controle e coordenação de órgãos efetores (responsáveis pelos movimentos e regulação do metabolismo); b) a acumulação de traços de memória, que aumenta a complexidade das operações mentais; c) a maturação e o desenvolvimento do equipamento congênito, que coloca os órgãos efetores à disposição das operações de ações dirigidas; e d) o desenvolvimento das funções de pensamento e julgamento (SPITZ, 1959).

### **3.6 O terceiro organizador da psique**

Spitz (1959), examinou o experimento de Kellogg e Kellogg (1933) no qual um chimpanzé de 7 meses e meio foi criado como um ser humano por uma família que tinha uma criança de 5 meses. O estudo durou 9 meses, até que o chimpanzé tivesse 16 meses e meio e a criança 14 meses. O desenvolvimento da criança e do primata eram comparados, e se verificou que até o fim do primeiro ano de vida o chimpanzé se desenvolve mais rapidamente que a criança em vários aspectos. No entanto, após esse período, o desenvolvimento do chimpanzé fica estacionário, enquanto o da criança prossegue. Essa constatação serve de base para que Spitz afirme que este é o ponto crucial que diferencia a criança do chimpanzé, pois aqui a criança adquire a linguagem com o uso de símbolos<sup>29</sup> verbais. O bebê, antes desse ponto, opera num nível quase animalesco (SPITZ, 1949). Spitz (1959) confere tamanha importância à aquisição da linguagem que a considera o terceiro organizador psíquico.

A linguagem não aparece subitamente, mas seu surgimento passa por diversos estágios. No início, o bebê estabelece um jogo, no qual escuta os diversos sons que balbucia aleatoriamente e os repete, num ciclo (SPITZ, 1998). Posteriormente, esse jogo reproduz os

---

<sup>29</sup> Um símbolo, para Spitz (1954) consiste em um signo (ver nota de rodapé 6) que representa um objeto, ato, situação ou conceito. O símbolo substitui tais representações mentais se necessário, e é referente a operações abstrativas.

sons provenientes da mãe, até que se atinja o período das palavras globais (SPITZ, 1965). Até os seis meses de idade, os bebês começam a pronunciar diversas palavras que têm o significado de frases. “Mama” não significa só mamãe; “papa” não só papai, e assim por diante. Elas não descrevem a pessoa ou coisa propriamente dita, mas comunicam alguma necessidade: alimento, diversão, afeto, sono, desconforto, etc. Spitz (1998) explica que elas funcionam como apelo, uma das três funções da comunicação<sup>30</sup> segundo Karl Bühler (2011).

Esse fenômeno é transicional em relação à aquisição da linguagem. Um indivíduo que adquiriu propriamente a linguagem identifica e utiliza corretamente *símbolos verbais* (SPITZ, 1959).

As consequências do estabelecimento desse organizador são o aumento da complexidade dos processos mentais, a capacidade de abstração e, utilizando um termo de Piaget, a reversibilidade (SPITZ, 1959). As relações de objeto passam a ser pautadas por esse novo tipo de comunicação, e os mecanismos de defesa se multiplicam. Inicia-se também o período de teimosia anal.

O único tipo de comunicação que o bebê estabelece antes da aquisição da linguagem, que significa exatamente aquilo que descreve, é a utilização do gesto de negação. A utilização desse gesto, para Spitz, marca a substituição, no bebê, da ação pela comunicação (SPITZ, 1959). A utilização correta e contextualizada do gesto de negação é o *indicador* do estabelecimento do terceiro organizador da psique.

Tabela 5: Fases do desenvolvimento segundo a teoria de Spitz

<b>Idade</b>	<b>Organizador Psíquico</b>	<b>Indicador (Comportamento Afetivo)</b>
0-2 meses	-	Reflexo de Orientação
3-6 meses	Precursor do Objeto Libidinal	Resposta Sorriso

<sup>30</sup> Para Bühler (1934/2011), a comunicação tem três funções de acordo com os agentes envolvidos: a) O apelo, no qual a ênfase recai sobre o destinatário; nessa função, a mensagem passada tem um efeito prático no receptor, como por exemplo, nos comandos; b) A função de expressão, que tem foco no emissor da mensagem e informa sobre estados interiores dele. A expressão, que pode se dar através de gestos, expressões faciais e nos humanos, também através de vocalizações e da linguagem; c) A representação, função exclusiva dos seres humanos, enfoca a mensagem em si e se refere a coisas ou situações passíveis de serem simbolizadas. Spitz se vale do conceito Bühleriano de função apelativa para descrever as palavras globais.

---

6-12 meses	Estabelecimento do Objeto Libidinal	Ansiedade dos Oito Meses
12-18 meses	Início da Comunicação Verbal	Gesto de Negação

---



#### 4 CAPÍTULO 3: ETIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO HUMANA

O processo de aquisição da linguagem – ou melhor, da comunicação verbal e da correta utilização de seus signos e todo o desenvolvimento necessário para essa capacidade, bem como os efeitos dessa reorganização – será apresentado na continuidade. Para isto, interromperemos a cronologia do desenvolvimento que seguimos até então, para fazer retornar ao início dos ciclos de *diálogo* ou *feedback* na diáde e, a partir deles, refazer o caminho para compreender o surgimento da capacidade de comunicação intencional da qual são a origem.

O *diálogo* do qual Spitz fala não é um diálogo verbal, no sentido comum da palavra. Apesar disso, a palavra diálogo carrega um significado próximo ao conceito criado por Spitz: o de uma conversa significativa, de uma troca (SPITZ, 1984). O diálogo é, então, um ciclo de ação e resposta na diáde, repetindo-se circularmente, cada interação com uma carga emotiva específica, de variadas intensidades, que se complementam e formam novas interações de complexidade crescente. Cada experiência deixa um traço de memória que modifica e enriquece a próxima. Pode ser que as ações maternas e as do bebê estejam direcionadas, mas podem igualmente acontecer o contrário, dado que o processo acontece desde o início da vida (SPITZ, 1984). Em suma, a comunicação entre mãe e bebê se dá a partir do nascimento. Spitz (1998) acredita que a comunicação não pode ser apenas uma troca de sinais intencionais e recíprocos, pois algo pode ser comunicado por qualquer sinal emitido por qualquer fonte, mesmo que essa emissão não seja intencional. Esse é o caso dos bebês. São percebidas alterações em seu comportamento pelos adultos que comunicam algo: está desconfortável, com fome, com sede, quer colo, ou simplesmente algo o incomoda.

O estabelecimento do diálogo com a mãe deve preceder não só as relações com outras pessoas, mas também qualquer relação imaginada com objetos e brinquedos: “*nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensibus*”<sup>31</sup> (SPITZ, 1984, p. 159). Esse processo é um precursor fundamental para a comunicação posterior, tendo em si todos os elementos necessários a diálogos completos. Nele, o bebê e a mãe fazem afirmações, réplicas, discutem e argumentam entre si. Chegam a meios-termos aceitáveis a ambos e o resultado dos diálogos é guardado em síntese (SPITZ, 1984).

No entanto, o bebê, estando num estágio de indiferenciação, não responde intencionalmente aos estímulos que nele incidem. Com efeito, a estimulação externa

---

<sup>31</sup> “Não há nada no intelecto que não existisse antes nos sentidos.”

desencadeia no bebê processos dos quais o choro, por exemplo, é um indicativo (SPITZ, 1998): “Gostaria de enfatizar que é apenas no sentido de um indicador que o comportamento do recém-nascido pode ser considerado uma comunicação; mas como nos comunica alguma coisa, podemos utilizar esse comportamento como ponto de partida da nossa investigação.” (p. 6)

Segundo Spitz (1950b), a partir do terceiro trimestre do primeiro ano de vida, as experiências de troca com a mãe incluem a *identificação gestual precoce*, termo cunhado por Berta Bornstein<sup>32</sup>, no qual o bebê imita diretamente os gestos do objeto de amor. A partir dessa tendência à imitação, a criança incorpora as ações do adulto e aprende. Nesse período, os pais também imitam o bebê, por meio de uma regressão inconsciente e temporária, primordial para a formação das relações objetais e para a identificação com os pais. As primeiras identificações gestuais são ecos dos gestos dos adultos, jogos de imitação que progridem até que a criança consiga imitar os gestos mesmo quando está sozinha. A ação de reproduzir gestos a partir da memória significa que o bebê passou por um processo de consolidação da aprendizagem, processo este que causa uma modificação no ego (SPITZ, 1998).

Do período dos 9 aos 12 meses, ocorre outra mudança importante. Considerem-se as intervenções maternas sobre o bebê. Desde o início da vida, elas se dão por meio do toque, seja durante os cuidados, brincadeiras ou por interação pura e simplesmente. No entanto, quando a criança começa a conseguir se locomover independentemente e a andar, há um aceleração das atividades e uma conseqüente mudança importante: a passagem da passividade para a atividade (SPITZ, 1965). Se antes a criança precisava esperar em seu berço para que alguém a atendesse em suas necessidades ou apenas para interagir, agora existe a possibilidade de ir em direção aos objetos no mundo, por desejo ou simples curiosidade. Como não pode estar próxima da criança a todo momento, a mãe começa a fazer intervenções cada vez mais frequentes por meio da fala e de gestos (SPITZ, 1958). A comunicação, que antes era primariamente tátil, agora é predominantemente visual e *verbal*: “Até aqui, a expressão de seus afetos na situação das relações objetais limitava-se ao contato imediato, à ação. Com a aquisição do gesto da negação, a ação é substituída pelas mensagens e inaugura-se a comunicação à distância.” (SPITZ, 1979, pp. 193-194). Esse intercâmbio se dá constantemente, pois o bebê, em seu ímpeto de explorar e saciar sua curiosidade e sem um grande repertório de

---

<sup>32</sup> Não foi encontrada nenhuma referência ao termo nos trabalhos da autora. Supõe-se que tenha sido transmitido em comunicação pessoal.



experiências no mundo externo, se coloca repetidamente em situações de risco. Nesses momentos, é repreendido ou alertado pela mãe (SPITZ, 1998).



Figura 4 - Spitz em um procedimento de observação, repreendendo uma criança que tenta pegar um lápis de seu bolso, balançando o dedo e dizendo “Não, Não”

Fonte: Spitz, 1965, p. 175

As mudanças não se restringem a isso. O clima na díade sofrerá uma transformação brusca. Até então, todas as trocas, tudo que a mãe comunicava ao bebê verbalmente, tinha uma característica especial de pacificidade, nos monólogos e palavras de carinho durante os momentos de cuidado. No entanto, serão frequentes, a partir de então, alertas, ordens e proibições. Dentre essas, a que se afigura mais frequente é o meneio de cabeça negativo e/ou a palavra “não” (SPITZ 1965).

A criança não entenderá o sentido da palavra imediatamente. No começo, o “não” verbal será apenas um epifenômeno do gesto-Não, que o bebê compreenderá primeiro como proibição (SPITZ, 1965). Isso porque a percepção diacrítica não evolui no mesmo ritmo nas diversas formas de percepção. A primeira modalidade a se desenvolver é a tátil (SPITZ, 1955b), seguida da modalidade visual (POLAK et al, 1964b) e só num terceiro momento os perceptos auditivos são diferenciados (SPITZ, 1958).

A capacidade de se utilizar corretamente o “não” marca o surgimento do primeiro sinal semântico coerente com seu significado, diferente das palavras globais, multideterminadas no que comunicam. O “não” será o primeiro conceito abstrato, com sentido de recusa. Ele representa o posicionamento da criança frente a determinada situação. Envolve, dessa maneira, um julgamento<sup>33</sup> (SPITZ, 1998). A criança só utiliza o meneio de cabeça, nesta idade, quando quer recusar algo. É uma comunicação específica e direcionada. O processo abstrativo pelo qual o sujeito passa para adquirir tal capacidade não é simples. Spitz (1965) considera, em primeiro lugar, a hipótese da simples acumulação de traços de memória: O “não” é tão repetido nesse período que se fixa. No entanto, o autor considera esta proposição como deveras simples e mecanicista. Ele traz então uma noção da Psicologia da Gestalt, o *Efeito Zeigarnik*, em que tarefas inacabadas são lembradas e tarefas concluídas são esquecidas (ZEIGARNIK, 1927). Este efeito converge com a situação em questão aqui: o “não” proferido pela mãe interrompe a tarefa que estava sendo executada pelo bebê, reforçando os traços mnêmicos visuais e auditivos do ato de negação. Esse argumento serve para explicar a compreensão da negativa, mas não possibilita seu uso correto.

O autor busca, então, uma explicação em termos psicanalíticos e a formula da seguinte maneira: o “não” sempre causa frustração nas pulsões instintuais que são impedidas por ele de chegar a seus objetivos finais. A catexia afetiva de frustração causada pelo “não” é investida nas memórias do gesto-Não, facilitando o processo de rememoração (SPITZ, 1965). A agressividade que surge dessas situações, advinda do id, também faz do gesto-Não um meio coerente para a expressão de agressividade (SPITZ, 1958).

A proibição força um estado de passividade na criança que acaba de passar para a atividade, o que não acontecerá sem resistência (FREUD, 1952; FREUD 1955). A frustração de seus objetivos e a passividade forçada criam na criança um impulso agressivo direcionado à mãe, que é, ao mesmo tempo, a quem suas pulsões libidinais são endereçadas. O conflito gerado por esse embate mobilizará uma forma primitiva de *identificação com o agressor* (SPITZ, 1965), ao qual Spitz (1998) denomina identificação com o *frustrador*.

A identificação com o agressor é um mecanismo de defesa descrito por Anna Freud, em seu trabalho “O Ego e os Mecanismos de Defesa” (FREUD, 1937). No processo de identificação com o agressor, a criança já mais velha, por volta de seus 3 anos de idade, quando

---

<sup>33</sup> O julgamento é a capacidade de afirmar ou negar a existência de uma imagem na realidade ou que uma determinada coisa possua uma característica específica. (Rank, 1959)

se sente agredida, incorpora as características do agressor e as utiliza como defesa para expressar a agressividade que a situação suscita nela, mas que não pode levar a cabo. Essa defesa traz certa segurança, pois, ao se colocar na posição do agressor, ela consegue sair do papel de vítima. Da mesma forma, as críticas que os adultos fazem à criança e a outras pessoas também são incorporadas, mas não se tornam de imediato autocrítica. A culpa que a criança sente é projetada no mundo exterior, que é então atacado. O desenvolvimento desse mecanismo é considerado uma fase preliminar do desenvolvimento do superego (FREUD, 1937).

Com 15 meses, o bebê é incapaz de compreender o sentido das repreensões, ordens e proibições. Não há identificação com o pensamento da mãe, apenas com o afeto que sua mensagem (o “não”) carrega. Este afeto sequer é diferenciado. Spitz (1958) esclarece que, nessa idade, o bebê é capaz de reconhecer apenas dois tipos de afeto: *a favor* ou *contra* si mesmo.

Ele [o bebê de 15 meses] não internaliza a crítica, ele internaliza a proibição e o afeto global “contra”. Ele não externaliza uma ofensa, pelo menos não uma [ofensa] específica. Pode-se dizer que ele externaliza a ofensa global de se estar “contra”. (SPITZ, 1958, p. 399)

Na identificação com o frustrador, o bebê utiliza o “não”, seja em gesto ou palavra, juntamente ao afeto “contra” (SPITZ, 1965). A tendência à identificação existe desde muito antes do estabelecimento do terceiro organizador da psique. Spitz (1998) afirma que há no bebê um desejo de se identificar com o cuidador primário expresso desde que o indivíduo começa a imitar indiscriminadamente todas as ações da mãe, na idade de 6 a 8 meses. Tal mecanismo é utilizado pelo bebê tanto nas relações de objeto, à medida que este se torna um jogo com a mãe e com pessoas próximas, quanto para o próprio *domínio* de comportamentos, gestos, atitudes, etc., enfim, tudo que o bebê possa absorver do cuidador primário e utilizar em seu desenvolvimento (PALOMBO et al, 2009). Para o autor, a identificação é um modo de se repetir ativamente o que foi sofrido passivamente (SPITZ, 1998). Dessa maneira, explica-se a posterior identificação com o frustrador (SPITZ, 1958).

O processo de trocas de mensagens recíprocas, intencionais e dirigidas, é, para Spitz (1965), assim como para outros teóricos da comunicação (BÜHLER, 2011), o início da humanização da espécie, o pré-requisito para a sociedade. O “não” como primeiro símbolo semântico abre um precedente para a aquisição de outros símbolos e marca o início da comunicação verbal. O papel da catexia agressiva na aquisição da negação é primordial, pois é ela que possibilita que se destaquem partes do todo percebido, que depois serão sintetizadas

pelo ego, criando então um símbolo ou conceito. Numa palavra, o processo de abstração. Spitz (1998) relaciona esse processo à *lei da dissociação pela variação dos concomitantes*, de William James: “O que é associado ora com uma coisa, ora com outra, tende a se tornar dissociado de ambas e a se transformar num objeto de contemplação abstrata pela mente” (1983, p. 478).

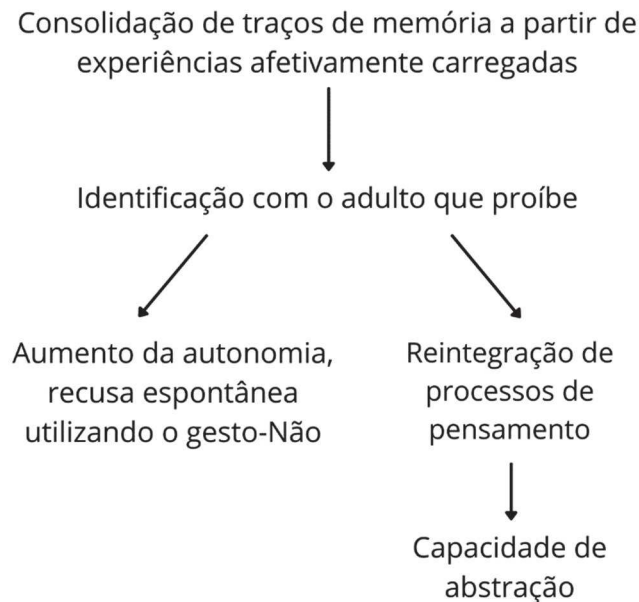


Figura 5 - Passo-a passo da aquisição da capacidade de negação.

#### 4.1 Origens filogenéticas e ontogenéticas do meneio de cabeça negativo

Apresentamos o raciocínio de Spitz acerca da aquisição do meneio de cabeça negativo a partir de um processo identificatório do bebê com o objeto de amor. Agora, uma outra faceta do processo se desdobra: o motivo do padrão de meneio da cabeça ser o selecionado para representar a negação. Spitz procura explicar a formação desse meneio a partir de um ponto de vista genético.

Ao se questionar sobre a extensa difusão cultural do meneio de cabeça como expressão da negação, Spitz chega à conclusão de que sua origem motora deve remontar à filogênese. “O comportamento derivado da experiência muito arcaica e primitiva tende a se tornar generalizado na espécie, pois é compartilhado por todos os seus membros.” (SPITZ, 1979, p. 195). Ele encontra um comportamento parecido no reflexo de sucção, orientação ou *fuçamento*<sup>34</sup>. Na criança, quando se estimula o que o autor chama de focinho – o conjunto boca,

<sup>34</sup> Termo cunhado por Spitz, tradução do inglês *rooting*



queixo, nariz e bochechas – a boca é direcionada para a origem do estímulo. O autor salienta que tal comportamento está presente desde os 3 meses de gestação (MINKOWSKI, 1922) e também de modo análogo em animais recém nascidos: gatos (PRECHTL e SCHLEIDT, 1950), bezerros, cabritos e cordeiros (LINN, 1955). Trata-se de um reflexo ligado à alimentação que, no bebê, se diferencia gradualmente à medida que os órgãos perceptivos e efetores se desenvolvem, perdendo assim seu automatismo, e se adaptando para atingir o alvo com maior facilidade e precisão (SPITZ, 1965).

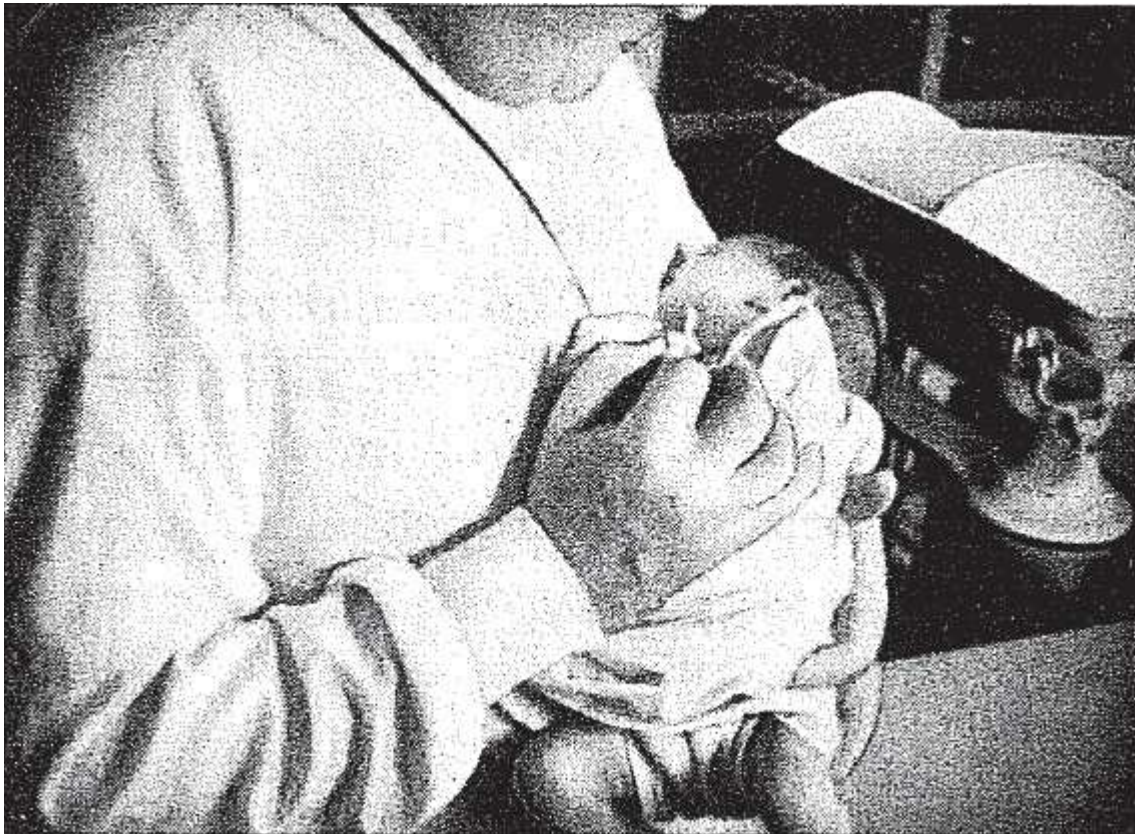


Figura 6 - Reação do recém-nascido ao ser colocado em posição de amamentação.

Fonte: Spitz, 1965, p. 47

O fuçamento é um comportamento inato e fisiológico que tem sentido afirmativo, antecipador, de botar para dentro. Ele cessa à medida que a criança progride em orientação visual e coordenação muscular (SPITZ, 1998). O padrão motor de movimentação horizontal da cabeça retorna no sexto mês de vida, durante a situação de alimentação, quando o bebê se vira para evitar o mamilo quando está satisfeito. Nessa situação, o comportamento tem um significado de esquiva (SPITZ, 1965). Pelo menos a hipótese inicial do autor era que o movimento de cabeça horizontal em sentido afirmativo expresso pelo fuçamento desaparecia à medida que a efetividade do abocanhar o seio aumentava e que o movimento só retornaria

meses mais tarde, já com um sentido negativo, mais diferenciado. Segundo essa descrição, ele guardaria semelhança com outros padrões motores inatos, como o reflexo de preensão, que, num primeiro momento, se apresenta de maneira difusa e automática, desapareceria à medida que o bebê ganha maior controle de seus movimentos, e retorna já completamente subjogado à vontade do sujeito (SPITZ, 1998).

No entanto, isso não foi o que se verificou. Outra expressão do movimento foi encontrada posteriormente. No período de vida que se inicia aos 3 meses de idade, o bebê lactente passa a recusar o seio com movimentos horizontais da cabeça quando já está satisfeito. Aqui, dois processos podem ser reconhecidos: a *mudança de função*<sup>35</sup>, à medida que o comportamento de fuçamento, de sondagem, se torna um comportamento de recusa, e a *mudança de sentido*, uma vez que tomar o seio para si, um comportamento afirmativo, se torna afastar o seio, um comportamento de recusa volitiva com sentido negativo (SPITZ, 1965). Anteriormente, o bebê saciado simplesmente cessava os movimentos de sucção e se desvencilhava do seio naturalmente, caindo no sono logo em seguida. Agora, ele decide: quero ou não quero mais isso. Segundo Spitz, não é mera coincidência que esse padrão emergja ao mesmo tempo em que se estabelece o primeiro organizador da psique, a resposta sorriso. A capacidade de discriminação que surge nesse momento (POLAK et al, 1964b) está intimamente conectada com a possibilidade de expressar a recusa (SPITZ, 1998).

No período de 6 a 12 meses, que compreende a ansiedade dos oito meses, quando um estranho se apresenta à criança, entre suas reações de desprazer há tentativas de *excluir o estímulo do campo perceptivo* (SPITZ, 1998). Ela pode se esconder atrás de outra pessoa, cobrir os olhos, colocar a cabeça no travesseiro, puxar o lençol para frente do rosto, etc. É uma negação *em ato*, um processo defensivo: “Trata-se de uma tentativa de evitar a tarefa de testar a realidade numa situação em que essa tarefa é dolorosa.” (SPITZ, 1998, p. 51). Já o meneio de cabeça “não” expressa uma negação; é uma recusa intencional, comunicada a alguém, uma ação regida pelo princípio de realidade (SPITZ 1965).

---

<sup>35</sup> “Um conceito explanatório derivado da teoria político-social do século XIX, de um lado, e da biologia, de outro. Em ambos os casos, trata-se de um conceito evolucionário com implicações dinâmicas. Ele coloca a combinação da continuidade genética com a relativa independência funcional, no caso das instituições sociais. Foi introduzido no pensamento psicanalítico por Hartmann . . . Este o considera inerente ao ponto de vista estrutural. *O comportamento que se origina em um setor da personalidade será empregado no curso do desenvolvimento em um outro setor com uma função diferente.* Hartmann refere-se a isso como autonomia secundária e a define nos mesmos termos que os sociólogos, ou seja, como uma relativa independência funcional, a despeito da continuidade genética.” (Spitz, 1957/1998, nota de rodapé 2, cap. 6)

A sequência genética que conduz ao meneio de cabeça “Não” aparece, assim, como consistindo de 3 estágios: (1) fuçamento, um padrão motor de seleção filogeneticamente estabelecido, aparecendo ao nível de não-diferenciação; (2) comportamento de evitação devido à saciedade, uma recusa consciente, aparecendo no início das relações de objeto recíprocas elementares; (3) meneio de cabeça “Não”, um gesto semântico, no nível das relações de objeto em que a comunicação semântica, com a ajuda de símbolos verbais, se inicia por meio da aquisição do símbolo de negação. (SPITZ, 1998, p. 91).

Tabela 6: Estágios de diferenciação do padrão motor de movimento horizontal da cabeça.

<b>Idade</b>	<b>Comportamento</b>	<b>Sentido</b>	<b>Princípio Regente</b>
0 – 6 meses	Fuçamento, Reflexo de Orientação	Afirmação, Antecipação	Princípio do Nirvava
3 – 6 meses	Balançar de Cabeça Devido à Saciedade	Recusa	Princípio do Prazer
6 – 12 meses	Virar a Cabeça em Esquiva	Recusa	Princípio do Prazer
12 ≈ 15 meses	Meneio de Cabeça Negativo	Negação	Princípio de Realidade

Segundo Spitz (1998), o movimento horizontal de cabeça para recusar o seio continua a ser utilizado para recusar outros alimentos após o desmame. Dessa forma, mesmo depois que é feita a introdução alimentar de sólidos, quando está satisfeita, a criança emprega o mesmo movimento da cabeça de um lado para o outro e, como este é efetivo para comunicar à mãe que não se quer mais comer, este padrão motor é mantido.

O padrão de fuçamento, que surge para iniciar a alimentação, é assim o mesmo utilizado para encerrar a atividade. Spitz (1998) assinala a semelhança dessa tendência com aquela exposta por Freud (2013) em “Sobre o Sentido Antitético das Palavras Primitivas”, de que as palavras primitivas guardam, concomitantemente, dois sentidos: o original e seu oposto. A única particularidade é que o menear de cabeça guarda primeiramente o sentido positivo e apenas posteriormente adquire o negativo.

O gesto ou palavra “não”, quando surge no comportamento da criança, não tem sentido negativo unívoco, é utilizado mesmo quando a criança não tem a intenção de recusar algo, mas de tomá-lo para si. Este período é chamado pelo autor de não-diferenciação do comportamento, que culminará na separação e diferenciação entre “sim” e “não”. Há, segundo Spitz (1998),



uma predisposição genética para o desenvolver do “não”, separada dos processos de identificação já mencionados.

A capacidade de negar ou recusar algo, usando gestos ou palavras, indica que ocorreu um processo de julgamento, no sentido de que as opções foram consideradas e uma decisão tomada. Essa capacidade indica também a expressão do primeiro *conceito abstrato* (SPITZ, 1998). As palavras adquiridas após o “não” deixam de ser globais. Formadas a partir de abstrações, têm função descritiva, tornando-se, então, símbolos verbais.

O conceito de “Não” não existe no inconsciente. O negativo é uma criação do ego, e é colocado a serviço da função de julgamento do ego. Sua emergência, portanto, está ligada ao estabelecimento das primeiras funções do ego, a saber, a discriminação consciente, e ao início do processo secundário. (SPITZ, 1998, p. 97)

#### **4.2 Da situação anaclítica para a comunicação**

O fuçamento é uma expressão do princípio do nirvana, de inércia ou do tudo-ou-nada (SPITZ, 1998). O princípio de inércia foi descrito pela primeira vez por Freud em 1895, no “Projeto de uma Psicologia”, segundo o qual toda a tensão que se acumula no organismo precisa ser imediatamente descarregada, para que ele retorne a seu estado original de equilíbrio (GABBI JR, 2003). Só a partir do momento em que é possível suspender a descarga compulsória para se buscar uma via mais eficaz de escoamento da tensão é possível que a comunicação ocorra. Em suas elaborações, Spitz (1998, p. 24) denomina esse processo de *contorno*:

Sob a forma de princípio de realidade, a função de contorno interrompe a ação com o resultado final de uma realização mais eficaz do objetivo do instinto . . . A comunicação, particularmente a de tipo aloclítico, também exige a suspensão da ação.

Os outros movimentos presentes no momento da amamentação, apesar de serem tomados como sinais pela mãe e fazerem parte da comunicação dentro da díade – sendo então um elemento essencial da base de desenvolvimento das relações de objeto – estão relacionados à gratificação imediata, e, desta maneira, não servem à comunicação intencional e descritiva (SPITZ, 1998). As relações de objeto estão, assim, relacionadas com a consumação imediata, ao passo que os comportamentos de contorno abrem caminho para que a consumação possa ocorrer:

Por volta do décimo oitavo mês, o movimento cefalógico – originalmente uma *reação* à estimulação tátil – transforma-se em uma *ação* intencionalmente

determinada, expressando um processo de pensamento. Ao mesmo tempo, esse movimento, que foi fisiologicamente um *comportamento* pré-formado de “impulso para”, torna-se um *símbolo* gestual de “impulso para longe de”. Nessa metamorfose, um padrão puramente motor torna-se investido de significado semântico. (SPITZ, 1998, p. 63)

Os movimentos relacionados à amamentação, com exceção do fuçamento, têm a função de gratificação imediata e, assim, é impossível que se transformem em gestos semânticos num primeiro momento. Porém, findado o desmame e iniciada a comunicação recíproca propriamente dita, por meio dos processos de identificação e abstração no bebê, eles se tornam também sinais semânticos amplamente difundidos (SPITZ, 1998). Spitz discute a proposição de psicanalistas como Sabina Spielrein (1922), segundo a qual o desenvolvimento da fala e da comunicação verbal são consequências diretas da situação anaclítica (Symonds, 1960). Segundo a autora, a criança quando fala reativa os movimentos e sensações presentes na alimentação. Para Spitz, é indiscutível que as bases da comunicação verbal estão assentadas sobre a situação primária de alimentação (ou amamentação):

O principal instrumento da comunicação semântica humana se desenvolve em íntima conexão anaclítica com a oralidade; as experiências orais propiciam as estruturas primárias da fala; *sem a experiência oral da primeira infância é muito questionável, de fato, se o homem teria fala, no sentido que conhecemos hoje* (SPITZ, 1998, p. 65, grifos nossos).

Em 1956, os médicos psiquiatras e psicanalistas George Engel e Franz Reichsman apresentaram o *Caso Monica*, descrevendo a progressão de um bebê sob seus cuidados que havia nascido com um problema no esôfago, que o impedia de se alimentar normalmente pela boca. Os médicos realizaram uma fístula em seu estômago, a partir da qual o alimento era diretamente inserido. Spitz teve conhecimento do caso durante seu andamento, e entrou em contato com os psiquiatras para que pudesse observar a paciente, o que lhe foi permitido. A partir das interações que teve com o bebê e a sondagem que fez com a equipe que dele cuidava, Spitz notou uma peculiaridade: Monica, já com seus 2 anos de idade, não utilizava o meneio de cabeça em negativa para expressar recusa. Na verdade, não parecia ter atingido o grau da comunicação semântica. O autor relata que, ao tentar se aproximar da criança, ele sendo uma pessoa estranha, ela reage com desprazer e faz um movimento de afastar com a mão em direção ao observador. Esse movimento era o mesmo empregado por Monica em relação ao funil que era utilizado para alimentá-la pela fístula: ela o afastava com a mão quando estava satisfeita (SPITZ, 1998).

Passado certo tempo, o bebê passou por uma cirurgia que lhe possibilitou iniciar a alimentação por via oral. Pouco tempo depois, Monica passou a utilizar o meneio de cabeça em negativa para expressar recusa. A hipótese de Spitz é que, o fuçamento sendo um IRM<sup>36</sup> (ou MIL, Mecanismo Inato de Liberação), está disponível até certo período da vida, desde que lhe seja fornecido o estímulo certo. O reflexo só apareceu em Monica depois da cirurgia, uma vez que sua alimentação só se dava a partir da fístula, sem estimulação oral. No momento em que o padrão motor do fuçamento é ativado, ele pode passar pela mudança de função que lhe confere o sentido negativo e ser posteriormente usado para expressar a negação (SPITZ, 1998).

Freedman (1959) observa que utilizar o Caso Monica para ilustrar a teoria do desenvolvimento da capacidade de negação foi uma jogada arriscada de Spitz. O autor considera que o caso não pode ser considerado como evidência suficiente para sustentar os argumentos apresentados dentro de um paradigma de desenvolvimento normal, uma vez que a criança não só apresentava uma condição médica, mas também era emocionalmente privada, a relação com os pais era conflituosa e a garota sofria de um atraso mental, já que seu escore no teste de Gesell apontou uma idade de 9 a 15 meses, quando ela tinha 22.

### **4.3 A aquisição do “sim”**

Uma vez que a aquisição do gesto ou palavra “Sim” ocorre em bebês quase ao mesmo tempo, ou pouco depois da aquisição do gesto ou palavra “Não”, Spitz (1998) se propõe a investigar as origens da aquisição da capacidade de assentir, se esta tem uma origem filogenética e ontogenética semelhante à do “Não”, começando por observar se é possível encontrar um movimento parecido com o de assentir no comportamento de recém-nascidos.

A origem dos movimentos cefalogíricos característicos na negação é o reflexo de orientação, ou fuçamento, ao iniciar-se a amamentação. Spitz então, busca um movimento parecido com o de assentir no repertório de movimentos presentes na amamentação de recém-nascidos. Ele começa por analisar o material em filme que já possuía de bebês se amamentando, não encontrando nenhum movimento parecido em bebês nos seus primeiros dias de vida e constatando, ao mesmo tempo, que, nessa idade, a musculatura do pescoço não se desenvolveu ainda o suficiente para que o sujeito possa sustentar a própria cabeça e movê-la verticalmente (PALOMBO et al, 2009). Em sua análise, passa pelos filmes que registram um experimento de Margaret Fries (1947) para testar os padrões de atividade e de reação à frustração dos recém-

---

<sup>36</sup> Ver nota de rodapé 36.

nascidos, ao qual submetiam todos os bebês que observavam. O experimento consistia em colocar o bebê para mamar com a mãe ou ama e, após 60s, retirar o seio. Observava-se a reação do bebê por mais 60s e, depois, se permitia que ele voltasse a mamar. Um dos bebês observados, na época com pouco mais de 3 meses, quando o seio lhe era retirado, tentava se reaproximar utilizando movimentos de assentir.

Pouco tempo após, Spitz (1998) identifica uma fase precursora na qual este padrão motor aparece. Esses movimentos podem ser observados em bebês desde o nascimento durante a amamentação. Quando o bebê realiza um movimento de sucção, a cabeça do bebê se projeta para a frente, e quando o movimento cessa, a cabeça é projetada para trás. Quando já consegue sustentar sua cabeça, ao perder o seio, faz os mesmos movimentos que o auxiliaram durante a amamentação. Tal padrão primitivo de movimentação não é inato, mas surge a partir de um processo mecânico. Não remonta à filogênese, mas aparece na história individual do sujeito. Só depois ele será aproveitado e um sentido psicológico lhe será atribuído, a saber, o de afirmação.

Spitz (1998) encontra em bezerros um movimento similar ao do assentir humano. Quando o estímulo liberador – um objeto grande em movimento – é detectado pelo animal, ele se movimenta em direção a ele e pressiona a cabeça contra o úbere materno. Esse comportamento é considerado proveniente da *história evolutiva*, e não de origem ontogenética, uma vez que o bezerro é um animal da classe precocial<sup>37</sup>, e o ser humano, altricial<sup>38</sup>, de modo que não podem ser diretamente comparados (SPITZ, 1998). Sendo precocial, o bezerro sustenta sua cabeça desde o nascimento; na verdade, já nasce com a capacidade de locomoção autônoma e já tem a visão mais ou menos desenvolvida, de modo a separar o percepto eliciador do IRM dos outros. Os animais altriciais, como os humanos, só desenvolvem essas capacidades (a musculatura do pescoço, a acuidade visual e a movimentação) meses mais tarde. O bebê humano precisa ver e alcançar o objeto desejado para se movimentar até ele (PALOMBO et al, 2009). A resposta sorriso, presente a partir dos 3 meses de vida, é um indício do desenvolvimento dessa acuidade visual, da possibilidade de discriminação de imagens (SPITZ, 1965). Para Spitz (1998), tampouco é coincidência os bebês começarem a conseguir sustentar a própria cabeça sozinhos por volta dessa idade.

---

<sup>37</sup> Precocial: (zool.) Animais que já nascem com a capacidade de se locomoverem sozinhos, por adaptação filogênica.

<sup>38</sup> Altricial: (zool.) Animais que depois do nascimento precisam de cuidados por um período de tempo para sobreviverem. Passam por uma adaptação ontogênica.

Similarmente à negação, a afirmação não está presente desde o início da vida psíquica do bebê como *conteúdo ideacional*. Mas, diferentemente da negação, o *sentido* da afirmação está presente desde o início da vida e ligado às pulsões: “Na teoria psicanalítica, a afirmação implica uma conotação peculiar. A afirmação é o atributo essencial do instinto.” (SPITZ, 1998, p. 103). A pulsão como apelo não exige conteúdo ideacional. Os comportamentos relacionados à descarga de tensão, por exemplo, têm um caráter afirmativo.

O movimento de assentir passa, de maneira similar ao de negação, por uma alteração de função, que lhe permite adquirir a função de comunicação, pois, no início, possui um sentido consumatório, de gratificação imediata e, como já mencionado, serve às relações de objeto. Quando, aos três meses, o bebê percebe o seio fora de si e faz movimentos para que ele retorne esses movimentos ganharam uma função de contorno, com sentido de aproximação, e conseqüentemente, se tornaram adequados à comunicação.

Tanto o primeiro organizador (a resposta sorriso) quanto o segundo (a ansiedade dos oito meses) operam no nível do processo primário. São comportamentos que descarregam tensões e servem à satisfação de forma imediata. O terceiro organizador (a comunicação intencional e dirigida) tem a função de contorno. Em vez de descarregar imediatamente uma tensão por meio de um comportamento presente em seu repertório, as crianças são agora capazes de adiar a satisfação para que ela seja mais efetiva, e, assim, passam a operar no nível do processo secundário (SPITZ, 1965).

A aquisição do “Sim” e do “Não” é, dessa forma, indicativa do estabelecimento de um novo funcionamento psíquico nas crianças. Anteriormente, estas residiam num estado de não-diferenciação, onde “Não” e “Sim” eram indissociáveis. Ou melhor, o “Não” ainda não existia, pois não está presente no inconsciente (SPITZ, 1998), e o “Sim” não havia ainda se formado a partir do assentir, do “trazer para si” característico da pulsão (PALOMBO et al, 2009).

A diferenciação dessas manifestações, como de todos os outros aspectos da personalidade da criança, deve ocorrer antes mesmo de o primeiro estágio da comunicação pré-semântica dirigida aparecer. Mas a diferenciação é um processo progressivo que se desdobra no quadro das relações de objeto. Cada um dos sucessivos passos desse processo é marcado pela criação de um novo corpo de padrões de comportamento visando à comunicação. Um após o outro, esses padrões vão sendo abandonados porque não mais se adequam à expressão da complexidade cada vez maior daquilo que a criança deseja comunicar. Além de criar novos padrões de comportamento, como vocalização, etc., a criança também tem o recurso àqueles já abandonados. Entre estes, o meneio e o balanço de cabeça são particularmente úteis, por causa de sua derivação do

comportamento de original aproximação da consumação da gratificação de necessidade. Eles acabarão por se tornar os representantes da recusa e do assentimento e, ao mesmo tempo, os primeiros indicadores dos processos ideacionais abstratos. (SPITZ, 1998, p. 143)

## 5 CONCLUSÃO

Na introdução de seu livro acerca da comunicação, “O Não e o Sim: A Gênese da Comunicação Humana”, publicado em 1957, Spitz explica seu interesse no tema: haveria uma falta de bibliografia psicanalítica sobre o assunto, considerado por Freud (2013) como pedra angular para o entendimento da linguagem dos sonhos e de grande importância para a psicanálise como todo, dado que seu método é baseado exatamente na comunicação. Neste trabalho, o autor discorre acerca do desenvolvimento da comunicação desde o nascimento até a aquisição dos primeiros símbolos verbais abstratos.

No percurso, diversos temas são discutidos: a comunicação primitiva dentro da díade, a linguagem própria entre mãe e bebê, e como esse vínculo se forma através da maneira singular com que a cuidadora primária compreende o que o bebê expressa; os reflexos e padrões motores inatos e a ressignificação destes pela psique, transformando-os em signos próprios para a comunicação; a constatação da história evolutiva desses padrões e a utilidade dos mesmos em animais comparáveis aos seres humanos; o papel dos afetos e pulsões na construção e constante refinamento da comunicação no sujeito, o desenvolvimento e maturação nos primeiros anos de vida e a importância desses marcos para o surgimento da comunicação verbal, etc. Neste caminho, conceitos advindos de diversas áreas do conhecimento são agregados por Spitz, de modo a embasar e dar mais robustez às suas ideias.

Dentre as influências que compuseram o trabalho do autor, além da Psicologia do Ego e dos trabalhos de Sigmund Freud, encontramos também a escola de Genebra, a Embriologia, a Psicologia do Desenvolvimento e a Etologia. Spitz se apresenta, dessa maneira, como um autor multidisciplinar, buscando elementos em diversas áreas do conhecimento e integrando-as na teoria psicanalítica.

Os trabalhos da escola de Genebra, representada por Jean Piaget (1896-1980), influenciam e traçam paralelos importantes com a obra de Spitz, guardando semelhanças com a psicanálise. Afinal, antes de iniciar seu legado em psicologia do desenvolvimento e epistemologia, ou a Epistemologia Genética, Piaget era simpático à teoria e chegou a empregar um método clínico de inspiração psicanalítica em algumas de suas pesquisas. Essas semelhanças são evidentes no uso de conceitos como a adaptação (para Piaget função da psique e na psicanálise função do ego), a interação entre maturação e experiência no processo de desenvolvimento, a combinação de métodos clínicos e experimentais no estudo de crianças em idade pré-verbal, o período inicial de indiferenciação ou não-diferenciação, onde não existe



ainda percepção consciente, a formação de objeto – ainda que de modo muito diferente pois, em Piaget, este se define em termos de cognição e, na psicanálise, pela libidinalização do outro e do ambiente (COBLINER, 1965). Todavia, o mais marcante paralelo ou influência entre as teorias, especificamente entre a teoria de Piaget e de Spitz, é o desenvolvimento em estágios.

O desenvolvimento em estágios, para ambos os autores, não é contínuo nem descontínuo. Estes estágios são específicos, se diferenciam uns dos outros e consistem em sucessivas aquisições de capacidades que gradualmente se integram a outras já existentes e aos próximos estágios. Apesar de as faixas etárias variarem, a ordem continua a mesma, uma vez que a aquisição de uma capacidade depende do estabelecimento da predecessora no estágio anterior (COBLINER, 1965). O desenvolvimento em estágios é muito diferente do desenvolvimento psicosssexual, no qual as fases se interpenetram e mantêm características umas das outras.

Uma diferença fundamental entre a teoria do desenvolvimento de ambos é a tese da embriologia inserida e desenvolvida independentemente por Spitz em sua teoria:

As proposições de Spitz abrangem efeitos cumulativos sequenciais de determinadas realizações; elas consideram a dessincronização de realizações nas diversas linhas de desenvolvimento, resultando num *descompasso do desenvolvimento*. Finalmente, Spitz cria possibilidades de explicação conceitual para a parada, o atraso, e a carência de efeitos do desenvolvimento: esses três estão virtualmente ausentes do esquema conceitual de Piaget. (COBLINER, 1965, p. 316)

A relação de Spitz com a etologia, por outro lado, passa por caminhos diversos. O autor sempre foi um admirador da disciplina, tendo conhecido Konrad Lorenz em 1935 e se tornado amigo pessoal deste autor em 1954 (VICEDO, 2009). Os trabalhos do etólogo sobre o comportamento animal foram citados em muitos de seus textos (SPITZ, 1954, 1955b, 1955c, 1983, 1965, 1969), tendo o conceito de Mecanismo Inato de Liberação uma ênfase especial, sendo parte da explicação formulada por Spitz acerca do reflexo de fuçamento ou orientação e do desencadeamento da resposta sorriso. Spitz também realizou uma resenha crítica do livro *King Solomon's Ring* de Lorenz, elogiando-o extensivamente e descrevendo a teoria do autor como de grande utilidade para a psicanálise (SPITZ, 1953b). Na abertura de uma conferência, Spitz apresentou Lorenz como “o pai da etologia e a mãe adotiva dos patos” (Vicedo, 2009, p. 263).



Figura 7 - Konrad Lorenz, René Spitz e homem não identificado, durante uma visita a Chicago.

Fonte: [https://collections.carli.illinois.edu/digital/collection/eri\\_photos/id/135](https://collections.carli.illinois.edu/digital/collection/eri_photos/id/135)

O trabalho de Lorenz e de outros etólogos foi utilizado por outros psicanalistas infantis colegas de Spitz, tais como Margareth Ribble, John Bowlby, David Levy e Therese Benedek, salientando a importância que a disciplina ganhou nos Estados Unidos durante a década de 50 (VICEDO, 2009). O conhecimento etológico traz para a psicanálise um teor de cientificidade advindo da Biologia, e Spitz traça constantes paralelos entre seus trabalhos e as descobertas acerca do comportamento animal, sempre enfatizando, no entanto, o cuidado que se deve tomar ao realizar comparações entre humanos e animais (SPITZ, 1965), jamais equiparando-os e empregando esta estratégia apenas em relação a espécies próximas, das quais se possa falar em herança filogenética e evolutiva comum (SPITZ, 1998).

Lorenz também cita Spitz e outros psicanalistas em alguns de seus trabalhos (Lorenz, 1963, 1974), traçando correspondências entre a psicanálise e suas próprias descobertas sobre a existência dos instintos, da interação social e do comportamento em animais e humanos.

Spitz constantemente emprega trabalhos da área do comportamento animal em analogia ou como suporte a suas próprias hipóteses ao longo de sua obra, como o experimento de Harlow (1958) com macacos Rhesus (*Macaca mulata*) quando fala sobre satisfação de necessidades e

afeto na constituição do objeto libidinal (SPITZ, 1965). Menciona também os estudos sobre o reflexo de orientação em filhotes de gato (PRECHTL e SCHLEIDT, 1950), e sobre o comportamento de aproximação em bezerras (LINN, 1955).

Spitz (1998) afirma que o estudo que desenvolveu acerca da comunicação apenas aprofundam assuntos que o próprio Freud já teria elucidado. Essa declaração foi utilizada como base para a crítica de que o estudo não traria nenhuma novidade ao campo da comunicação. O trabalho também foi caracterizado como incompleto, por deixar de abordar tópicos essenciais como significado, intercâmbio de sentimentos e blocos de comunicação, enfocando apenas as técnicas e as formas do ato comunicativo (SYMONDS, 1960). Dado que o autor tem como objetivo principal discutir o surgimento e as origens da comunicação, tais declarações parecem deslocadas. Como falar de significado para um ser (o bebê humano) que acaba de formular sua primeira abstração? Em que se basearia a troca de sentimentos para um autor que considera existirem apenas dois afetos (a favor e contra) na faixa etária estudada? Quais são os blocos de comunicação possíveis com um repertório ainda no início de sua construção?

Ao mesmo tempo em que são encontradas tais críticas, o trabalho é considerado de grande influência no estudo psicanalítico da comunicação (GONDOR, 1958; RANK, 1959), e foi a inspiração para a confecção do volume 1 da coleção *Downstate Series of Research in Psychiatry and Psychology*, sob o título “Communicative Structures and Psychic Structures” (FREEDMAN e GRAND, 1976). O manuscrito de Spitz é considerado pelos autores como uma “monografia monumental” (p. 1), o primeiro trabalho sobre a visão psicanalítica da comunicação.

Parece plausível supor que, para Spitz, o desenvolvimento da comunicação verbal, o processo de aquisição da linguagem, fosse inseparável e dependente da maturação, desenvolvimento e gradual domínio do corpo infantil. A impossibilidade da restrição física pelo adulto faz com que ele insira a criança no mundo da linguagem, que o bebê compreenderá cada vez mais à medida que amadureça física e psiquicamente e que se identifique com o cuidador primário, libidinalizando sua imagem e imitando seus comportamentos. Isso, por sua vez, permitiria a expansão de seu repertório de ações e sua conseqüente adaptação à realidade e ao meio ambiente. Para o autor, a linguagem não é uma simples aquisição maturacional ou relacional, dependendo também das experiências físicas e afetivas do indivíduo.

Os padrões motores que o bebê carrega consigo quando vem ao mundo, como parte de sua *Anlage*, também são perceptíveis em todos os outros mamíferos e alguns, como o meneio

de cabeça em negativo, estão estabelecidos filogeneticamente desde as espécies altriciais. São esses os movimentos dos quais o desenvolvimento psicológico se servirá para formar os conceitos de “Não” e “Sim”, inicialmente manifestos sob a forma de gesto (SPITZ, 1998).

Esses padrões, utilizados para comunicar as mensagens consideradas primordiais para o autor (a negação e a afirmação), surgem num dos momentos mais importantes da história do corpo, a saber, a situação de alimentação. A partir dessa situação, onde os significados ainda se encontram em fase de não diferenciação, o psiquismo em desenvolvimento constante poderá se valer dos padrões motores existentes para investi-los com sentido e posteriormente separá-los, diferenciá-los:

A história do desenvolvimento do “Não” e do “Sim” . . . é um notável exemplo da importância básica do desenvolvimento psíquico para o destino subsequente dos padrões arcaicos de comportamento. Ao mesmo tempo, é a confirmação da hipótese de Freud (1910) sobre a origem do significado antitético das palavras primitivas (SPITZ, 1979. p. 200)

Assim, podem-se considerar duas vias a partir das quais a linguagem surge, concomitantemente, na teoria de Spitz. Uma delas, consonante com as teorias de aquisição da linguagem mais comuns, é a da transmissão da linguagem através dos vínculos mantidos com os cuidadores: os jogos de imitação que se dão entre mãe e bebê, a compreensão cada vez mais afinada das necessidades do infante pela mãe, o desenvolvimento da expressão pelo sujeito, que se torna progressivamente mais precisa com o passar do tempo, e, é claro, o ensino deliberado das palavras e gestos próprios da comunicação dirigida pelo cuidador.

A segunda via é a hipótese formulada por Spitz acerca do surgimento da linguagem na raça humana. Esta teria se desenvolvido em conexão intrínseca com o corpo: os gestos, considerados como o tipo de linguagem mais primitivo e os primeiros a se desenvolverem, seriam dotados de significado a partir da função que desempenham na experiência do corpo ao lidar com o mundo externo. À medida que o sujeito se desenvolve, esses movimentos se diferenciam uns dos outros e se especializam. Associam-se a situações específicas e passam a servir à comunicação. Esses movimentos incluem também os movimentos orais iniciados na amamentação, que são repetidos pelo bebê em outros momentos.

A integração entre a teoria do desenvolvimento e a aquisição da linguagem na obra de Spitz pode ser observada de claramente: a teoria do desenvolvimento do autor termina na aquisição da linguagem, no início da comunicação verbal. Em sua obra, não são encontrados estudos ou formulações acerca de outros marcadores que envolvam crianças mais velhas. Tudo

funciona de modo a visar a aquisição da linguagem. Primeiro, na fase de não-diferenciação, os ciclos de diálogo que se estabelecem entre mãe e bebê. O primeiro indicador, a resposta sorriso, marca a distinção entre vivo e inanimado, e se expressa positivamente em relação ao vivo. Na ansiedade dos oito meses, indicador do segundo organizador da psique, se distingue entre conhecidos e desconhecidos, ou seja, em quem é estranho e em quem se pode confiar para satisfazer suas necessidades e proporcionar experiências de prazer e, conseqüentemente, estabelecer uma via de comunicação recíproca. O terceiro organizador da psique é o início da comunicação verbal, marcado pela capacidade de compreender e utilizar corretamente o “não”, início do processo de formação de símbolos verbais e conceitos abstratos. Aqui, se distinguem as três funções da linguagem de acordo com Karl Bühler: expressão, apelo e representação.

A teoria da aquisição da linguagem de Spitz se distingue por sua originalidade desde sua metodologia na coleta de dados sobre a infância e o desenvolvimento, passando pela interpretação destes dados em termos psicanalíticos, empregando a inserção e ressignificação de elementos de outras áreas do conhecimento, até a indissociabilidade entre a aquisição da linguagem e o desenvolvimento físico e psíquico do sujeito. Uma vez que se tem observado uma tendência antinaturalista dentro da teoria psicanalítica da linguagem, dissociando-se a mesma do desenvolvimento psicomotor e de processos palpáveis, justifica-se o resgate da teoria de Spitz e observa-se sua importância para o estudo do desenvolvimento infantil e da aquisição da linguagem como um todo.

## REFERÊNCIAS

ACKERMAN, D. S. The critical evaluation of the Viennese tests as applied to 200 New York infants six to twelve months old. **Child Development**, v. 13, n. 1, p. 41-53, 1942. DOI <https://doi.org/10.2307/1125805>

AINSWORTH, Mary Dinsmore. Object relations, dependency, and attachment: A theoretical review of the infant-mother relationship. **Child Development**, v. 40, n. 4, p. 969-1025, 1969. DOI <https://doi.org/10.2307/1127008>

AMBROSE, John Anthony. The development of the smiling response in early infancy. *In*: FOSS, Brian (ed.) **Determinants of infant behavior**. pp. 179-196. Nova Iorque: Wiley, 1959.

AMERICAN PSYCHOANALYTIC ASSOCIATION. Events. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, v. 2, n. 4, p. 817-831, 1954. DOI <https://doi.org/10.1177/000306515400200420>

\_\_\_\_\_. News and proceedings of affiliate societies and institutes. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, v. 3, n. 4, p. 742-756, 1955. DOI <https://doi.org/10.1177/000306515500300418>

\_\_\_\_\_. News and proceedings of affiliate societies and institutes. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, v. 7, n. 4, p. 712-740, 1959. DOI <https://doi.org/10.1177/000306515900700408>

BAYLEY, Nancy. Mental growth during the first three years: A developmental study of sixty-one children by repeated tests. **Genetic Psychology Monographs**, v. 14, n. 1, p. 1-92, 1933.

\_\_\_\_\_.; JONES, Harold E. Environmental correlates of mental and motor development: A cumulative study from infancy to six years. **Child Development**, v. 8, n. 4, p. 329-341, 1937. DOI <https://doi.org/10.2307/1125508>

\_\_\_\_\_. Mental growth in young children. **Yearbook of the National Society for the Study of Education**, v. 39, p. 11-47, 1940a. DOI <https://doi.org/10.1037/11228-002>

\_\_\_\_\_. Factors influencing the growth of intelligence in young children. **Yearbook of the National Society for the Study of Education**, v. 39, p. 49-79, 1940b. DOI <https://doi.org/10.1037/11228-003>



\_\_\_\_\_. Consistency and variability in the growth of intelligence from birth to eighteen years. **The Pedagogical Seminary and Journal of Genetic Psychology**, v. 75, n. 2, p. 165-196, 1949. DOI <https://doi.org/10.1080/08856559.1949.10533516>

BERNFELD, Siegfried. The facts of observation in psychoanalysis. **The Journal of Psychology**, v. 12, n. 2, p. 289-305, 1941. DOI <https://doi.org/10.1080/00223980.1941.9917076>

BOWLBY, John. **Attachment: attachment and loss**. Vol. I. Nova Iorque: Basic Books, 1938.

\_\_\_\_\_. **Maternal care and mental health**. Vol. 2. Genebra: World Health Organization, 1951.

\_\_\_\_\_. Some pathological processes set in train by early mother-child separation. **Journal of Mental Science**, v. 99, n. 415, p. 265-272, 1953. DOI <https://doi.org/10.1192/bjp.99.415.265>

BORNSTEIN, Berta. On latency. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v. 6, n. 1, p. 279-285, 1951. DOI <https://doi.org/10.1080/00797308.1952.11822916>

BÜHLER, Karl. **Theory of language**. Amsterdam: John Benjamins, 2011.

BÜHLER, Charlotte; HETZER, Hildegard. **Kleinkindertests: Entwicklungstests vom 1. bis 6. Lebensjahr**. Barth: Leipzig, 1932.

\_\_\_\_\_. Charlotte Bühler, Los Angeles, über René A. Spitz, in Zusammenarbeit mit G. Cobliner: The First Year of Life. **Psyche**, v. 22, n. 2, p. 143-148, 1968. Disponível em: <https://pep-web.org/browse/document/PSYCHE.022B.0143A> Acesso em: 20 mai. 2021

\_\_\_\_\_.; HETZER, Hildegard. **O desenvolvimento da criança do primeiro ao sexto ano de vida: testes: aplicação e interpretação**. São Paulo: E.P.U. Springer, 1979.

BURLINGHAM, Dorothy; FREUD, Anna. **Infants without families**. London: Allen & Unwin, 1944.

COBLINER, W. Godfrey. (1965) Appendix: The Geneva school of genetic psychology and psychoanalysis: parallels and counterparts. *In*: SPITZ, René Arpad. **The first year of life: a psychoanalytic study of normal and deviant development of object relations**. (pp. 301-357). Madison: International Universities Press, 1965.



EMDE, Robert. N.; HARMON, Robert. J. The films of René A. Spitz. *In*: EMDE, Robert N. (ed.) **René A. Spitz, Dialogues from infancy: selected papers.** (pp. 426-430). Madison: International Universities Press, 1983.

EMDE, Robert. N. (Ed.). **René A. Spitz, Dialogues from infancy: selected papers.** Madison: International Universities Press, 1938.

\_\_\_\_\_. Individual meaning and increasing complexity: Contributions of Sigmund Freud and René Spitz to developmental psychology. **Developmental Psychology**, v. 28, n. 3, p. 347-359, 1992. DOI <https://doi.org/10.1037/0012-1649.28.3.347>

ENGEL, George. L.; REICHSMAN, Franz. Spontaneous and experimentally induced depressions in an infant with a gastric fistula: A contribution to the problem of depression. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, v. 4, n. 3, p. 423-452, 1956. DOI <https://doi.org/10.1177/000306515600400302>

FREEDMAN, Alfred. (1959). No and yes: On the genesis of human communication. **AMA Journal of Diseases of Children**, v. 97, n. 2, p. 250-250. DOI <https://doi.org/10.1001/archpedi.1959.02070010252021>

FREEDMAN, Norbert; GRAND, Stanley. **Communicative structures and psychic structures: a psychoanalytic interpretation of communication.** Vol. 1. Springer Science & Business Media, 1976.

FREUD, Anna. Identification with the aggressor. *In*: \_\_\_\_\_. **The ego and the mechanisms of defence.** Cap. 9. Londres: Hogarth Press, 1937.

\_\_\_\_\_. The mutual influences in the development of ego and id. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v. 7, n. 1, p. 42-50, 1952. DOI <https://doi.org/10.1080/00797308.1952.11823151>

\_\_\_\_\_. The concept of developmental lines. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v. 18, n. 1, p. 245-265, 1963. DOI <https://doi.org/10.1080/00797308.1963.11822930>

FREUD, Sigmund. The dynamics of transference. *In*: \_\_\_\_\_. **Classics in psychoanalytic technique**, p. 3-8, 1912.

\_\_\_\_\_. **A general introduction to psychoanalysis.** Nova Iorque: Horace Liveright, 1920. DOI <https://doi.org/10.1037/10667-000>

\_\_\_\_\_. The ego and the id. *In*: STRACHEY, James (ed.), **The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud**. Vol. 19, pp. 1-66. Londres: Hogarth Press, 1923.

\_\_\_\_\_. Beyond the pleasure principle. *In*: STRACHEY, James (ed.). **The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud, Volume XVIII (1920-1922): Beyond the pleasure principle, group psychology and other works**. pp. 1-64. Londres: Hogarth Press, 1955.

\_\_\_\_\_. Introdução ao narcisismo. *In*: \_\_\_\_\_. **As Obras Completas Vol. 12 (1914-1916): introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer. *In*: \_\_\_\_\_. **As Obras Completas Vol. 14 (1917-1920): história de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. Sobre o sentido antitético das palavras primitivas. *In*: \_\_\_\_\_. **As Obras Completas Vol. 9 (1909-1910): observações sobre um caso de neurose obsessiva (O homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FRIES, Margaret Evelyn. Factors in character development, neuroses, psychoses and delinquency: A study of pregnancy, delivery, lying-in period and early childhood. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 7, n. 2, p. 142-181, 1937. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1937.tb05274.x>

\_\_\_\_\_.; LEWI, Beatrice. Interrelated factors in development: A study of pregnancy, labor, delivery, lying-in period and childhood. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 8, n. 4, p. 726-752, 1938. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1938.tb05345.x>

GABBI JÚNIOR, Osmyr Faria. Plano geral. *In*: \_\_\_\_\_. **Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da Psicanálise**. pp. 176-263. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GAMPER, Eduard. Bau und Leistungen eines menschlichen Mittelhirnwesens (Arhinencephalie mit Encephalocèle) zugleich ein Beitrag zur Teratologie und Fasersystematik. **Zeitschrift für die Gesamte Neurologie und Psychiatrie**, v. 102, n. 1, p. 154-235, 1926.

GASKILL, Herbert S. René A. Spitz—1887-1974. **Psychoanalytic Study of the Child**, v. 31, p. 1-3, 1976. DOI <https://doi.org/10.1080/00797308.1976.11822306>

GEISSMANN, Claudine; GEISSMANN, Pierre. **A history of child psychoanalysis**. New York & London: Routledge, 2005.

GEWRITZ, J. L. Changes in the course of human smiling through the first 18 months of life. Revision of a paper presented at the second Tavistock study group on mother-infant interaction. Londres, 1961, *Comunicação Pessoal*, 1963.

GONDOR, Lily. "No and Yes." **American Journal of Psychotherapy**, v. 12, n. 4, p. 834–835, 1958. DOI <https://doi.org/10.1176/appi.psychotherapy.1958.12.4.834>

GUILLÉN, María Jhoana Cabrera. **El hospitalismo según René Spitz**. 2005. Monografía (Graduação em Psicologia Clínica) Universidad del Azuay, Ecuador, 2005.

HALVERSON, H. M. Infant sucking and tensional behavior. **The Pedagogical Seminary and Journal of Genetic Psychology**, v. 53, n. 2, p. 365-430, 1938. DOI <https://doi.org/10.1080/08856559.1938.10533819>

\_\_\_\_\_. Genital and sphincter behavior of the male infant. **The Pedagogical Seminary and Journal of Genetic Psychology**, v. 56, n. 1, p. 95-136, 1940. DOI <https://doi.org/10.1080/08856559.1940.9944066>

HARLOW, Harry F. The nature of love. **American Psychologist**, v. 13, n. 13, p. 673-685, 1958. DOI <https://doi.org/10.1037/h0047884>

HARTMANN, Heinz; KRIS, Ernst; LOEWENSTEIN, Rudolph. Comments on the formation of psychic structure. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v. 2, n. 1, p. 11-38, 1946. DOI <https://doi.org/10.1080/00797308.1946.11823535>

HERRING, Amanda. An experimental study of the reliability of the Bühler Baby Tests. **Journal of Experimental Education**, v. 6, p. 147-160, 1937. DOI <https://doi.org/10.1080/00220973.1937.11010084>

HETZER, Hildegaard; WOLF, Katherine Maria. Baby tests. **Zeitschrift für Psychologie und Physiologie der Sinnesorgane**, v. 107, 1928.

HSÜ, E. H. On the application of viennese infant scale to peiping babies. **The Pedagogical Seminary and Journal of Genetic Psychology**, v. 69, n. 2, p. 217-220, 1946. DOI <https://doi.org/10.1080/08856559.1946.10533390>

HUBBARD, Ruth M. A study of the reliability and validity of the Bühler infant scale. **The Pedagogical Seminary and Journal of Genetic Psychology**, v. 47, n. 2, 361-384, 1935. DOI <https://doi.org/10.1080/08856559.1935.10534052>

JAMES, William. **The principles of psychology**. Cambridge: Harvard University Press, 1983.

KELLOGG, Winthrop Niles; KELLOGG, Luella Agger. **The ape and the child: A study of environmental influence upon early behavior**. New York: McGraw-Hill, 1933.

KRIS, Ernst. Opening remarks on psychoanalytic child psychology. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v. 6, n. 1, p. 9–17, 1951. DOI <https://doi.org/10.1080/00797308.1952.11822901>

LINN, Louis. **A psychoanalytic contribution to comparative neuropsychiatry**. Midwinter Meeting Conference, American Psychoanalytic Association. Nova Iorque, 1955.

LORENZ, Konrad Zacharias. The companion in the bird's world. **The Auk**, v. 54, n. 3, p. 245-273, 1937.

\_\_\_\_\_. **On aggression**. New York: Harcourt, Brace and World, 1963.

\_\_\_\_\_. **Civilized man's eight deadly sins**. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 1974.

MAHLER, Margaret S. Thoughts about development and individuation. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v. 18 n. 1, p. 307-324, 1963. DOI <https://doi.org/10.1080/00797308.1963.11822933>

\_\_\_\_\_. A study of the separation-individuation process: And its possible application to borderline phenomena in the psychoanalytic situation. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v. 26, n. 1, p. 403-424, 1971. DOI <https://doi.org/10.1080/00797308.1971.11822279>

MCCANDLESS, Boyd R.; SPIKER, Charles C. Experimental research in child psychology. **Child Development**, v. 27 n. 1, p. 75, 1956. DOI <https://doi.org/10.2307/1126331>

MCGRAW, Myrtle Byram. A comparative study of a group of southern white and negro infants. **Genetic Psychology Monographs**, v. 10, n. 1, p. 1-105, 1931.

MIJOLLA, Alain De. **International dictionary of psychoanalysis**, Volume 2: G-Pr. Nova Iorque: Macmillan Reference USA, 2005.

MINKOWSKI, M. Ueber frühzeitige Bewegungen, Reflexe und muskuläre Reaktionen beim menschlichen Fötus und ihre Beziehungen zum fötalen Nerven- und Muskelsystem. **Schweizerische Medizinische Wochenschrift**, v. 52, p. 721-724, 1922.

NEEDHAM, Joseph. **Chemical embryology**. Vol. 3. Londres: MacMillan, 1931.

NEW YORK PSYCHOANALYTIC SOCIETY & INSTITUTE. History [20--]. Disponível em: <https://nypsi.org/history/> Acesso em: 20 mai. 2021

PALOMBO, Joseph; BENDICSEN, Harold K.; KOCH, Barry J. **Guide to psychoanalytic developmental theories**. Nova Iorque: Springer, 2009.

PINNEAU, Samuel R. A critique on the articles by Margaret Ribble. **Child Development**, v. 21, p. 203-228, 1950. DOI <https://doi.org/10.2307/1126372>

\_\_\_\_\_. The infantile disorders of hospitalism and anaclitic depression. **Psychological Bulletin**, v. 52, n. 5, p. 429-452, 1955a. DOI <https://doi.org/10.1037/h0045987>

\_\_\_\_\_. Reply to Dr. Spitz. **Psychological Bulletin**, v. 52 n.5, p. 459-462, 1955b. DOI <https://doi.org/10.1037/h0040503>

PRECHTL, Heinz; SCHLEIDT, Wolfgang M. Auslösende und steuernde Mechanismen des Saugaktes. **Zeitschrift für vergleichende Physiologie**. v. 32, p. 257-262, 1950. DOI <https://doi.org/10.1007/BF00344527>

POLAK, Paul R.; EMDE, Robert; SPITZ, René Arpad. The smiling response to the human face. I: Methodology, quantification and natural history. **Journal of Nervous Mental Disease**, v. 139, n. 5, p. 103-109, 1964a. DOI <https://doi.org/10.1097/00005053-196408000-00002>

\_\_\_\_\_. The smiling response: II. Visual discrimination and the onset of depth perception. **Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 139, n. 5, p. 407-415, 1964b. DOI <https://doi.org/10.1097/00005053-196411000-00001>

RANK, Beata. Review of No and yes: On the genesis of human communication. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 29, n. 2, p. 425-426, 1959. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1959.tb00209.x>

RANK, Otto. The trauma of birth in its importance for psychoanalytic therapy. **Psychoanalytic Review**, v. 11, n.3, p. 241-245, 1924.

RIBBLE, Margarethe A. Clinical studies of instinctive reactions in new born babies. **American Journal of Psychiatry**, v. 95, n. 1, p. 149-160, 1938. DOI <https://doi.org/10.1176/ajp.95.1.149>

SANDER, Klaus. **Landmarks in developmental biology 1883–1924**: historical essays from Roux's Archives. Berlin: Springer Science & Business Media, 2012.

SCARR, Sandra. Race and gender as psychological variables: social and ethical issues. **American Psychologist**, v. 43, n. 1, p. 56–59, 1988. DOI <https://doi.org/10.1037/0003-066x.43.1.56>

SHADISH, William R.; COOK, Thomas D; CAMPBELL, Donald T. **Experimental and quasi-experimental designs for generalized causal inference**. Boston: Houghton Mifflin, 2001.

SHOCK, Nathan W. Growth Curves. *In*: LANGFELD, Herbert; STEVENS, Stanley Smith (Eds.), **Handbook of experimental psychology** (pp. 330-346). Nova Iorque: John Wiley & Sons, 1951.

SPIELREIN, Sabina. Die Entstehung der kindlichen Worte Papa und Mama: Einige Betrachtungen über verschiedene Stadien in der Sprachentwicklung. **Imago**, v. 8, n. 3, p. 345-367, 1922.

SPITZ, René Arpad. Zwei Kapitel über kulturelle Entwicklung: I. Die Dreizahl. II. Die Genesis der magischen und transzendenten Kulte. **Imago**, v. 10, p. 328-339, 1924.

\_\_\_\_\_. Angstaffekt und Bedürfnisstauung: Vorläufige Mitteilung. **Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse**, v. 16, n. 3-4, p. 417-419, 1930.

\_\_\_\_\_. Ein Beitrag zum Problem der Wandlung der Neurosenform (Die infantile Frau und ihre Gegenspieler). **Imago**, v. 19, n. 4, p. 454-467, 1933a.

\_\_\_\_\_. Tagtraum und Schuldgefühl. **Psychoanalytische Bewegung**, v. 5, n.5, p. 430-446, 1933b.

\_\_\_\_\_. Vagadu: Une analyse dans le miroir de l'intuition de l'artiste: Commentaire psychanalytique. **Revue Française de Psychanalyse**, v. 7, n. 3, p. 550-579, 1934.

\_\_\_\_\_. Psychosomatic principles and methods and their clinical application. **Medical Clinics of North America**, v. 28, n. 3, p. 553-564, 1944. DOI [https://doi.org/10.1016/S0025-7125\(16\)36374-X](https://doi.org/10.1016/S0025-7125(16)36374-X)

\_\_\_\_\_. Diacritic and coenesthetic organizations. **Psychoanalytic Review**, v. 32, n. 2, p. 146-162, 1945a.

\_\_\_\_\_. Hospitalism: An inquiry into the genesis of psychiatric conditions in early childhood. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v. 1, n. 1, p. 53-74, 1945b. DOI <https://doi.org/10.1080/00797308.1945.11823126>

\_\_\_\_\_.; WOLF, Katherine Maria. Anaclitic Depression: An inquiry into the genesis of psychiatric conditions in Early Childhood, II. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v. 2, p. 313-342, 1946. DOI <https://doi.org/10.1080/00797308.1946.11823551>

\_\_\_\_\_. Hospitalism: A follow-up report on investigation described in Volume I, 1945. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v. 2, n. 1, p. 113-117, 1946a. DOI <https://doi.org/10.1080/00797308.1946.11823540>

\_\_\_\_\_. The smiling response: A contribution to the ontogenesis of social relations. **Genetic Psychology Monographs**, v. 34, p. 57-125, 1946b.

\_\_\_\_\_.; WOLF, Katherine Maria. Autoerotism: Some empirical findings and hypotheses on three of its manifestations in the first year of life. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v. 3, p. 85-120, 1947. DOI <https://doi.org/10.1080/00797308.1947.11823082>

\_\_\_\_\_. The role of ecological factors in emotional development in infancy. **Child Development**, v. 20, n. 3, p. 145-155, 1949. DOI <https://doi.org/10.2307/1125870>

\_\_\_\_\_. Anxiety in infancy: A study of its manifestations in the first year of life. **International Journal of Psycho-Analysis**, v. 31, p. 138-143, 1950a.

\_\_\_\_\_. Relevancy of direct infant observation. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v. 5, n. 1, p.66-73, 1950b. DOI <https://doi.org/10.1080/00797308.1950.11822885>

\_\_\_\_\_. Aggression: Its role in the establishment of object relations. *In*: LOEWENSTEIN, Rudolph Maurice (ed.) **Drives, affects, behavior**. pp. 126–138. Madison: International Universities Press, Inc, 1953a. DOI <https://doi.org/10.1037/10633-006>



\_\_\_\_\_. King Solomon's Ring: By Konrad Z. Lorenz. London: Methuen & Co., Ltd., 1952. 202 pp. **Psychoanalytic Quarterly**, v. 22, p. 277-280, 1953b.

\_\_\_\_\_. Genèse des premières relations objectales. **Revue Française de Psychoanalyse**, v. 18, n. 1, p. 487-575, 1954.

\_\_\_\_\_. Reply to Dr. Pinneau. **Psychological Bulletin**, v. 52, p. 453-459, 1955a. DOI <https://doi.org/10.1037/h0041575>

\_\_\_\_\_. The primal cavity: A contribution to the genesis of perception and its role for psychoanalytic theory. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v. 10, n. 1, p. 215-240, 1955b.

\_\_\_\_\_. A note on the extrapolation of ethological findings- (A reply to L. Szekely: 'Biological remarks on fears originating in early childhood'). **International Journal of Psycho-Analysis**, v. 36, p. 162-165, 1955c.

\_\_\_\_\_. **No and yes: On the genesis of human communication**. Madison: International Universities Press, 1957.

\_\_\_\_\_. On the genesis of superego components. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v. 13, n. 1, p. 375-404, 1958. DOI <https://doi.org/10.1080/00797308.1958.11823188>

\_\_\_\_\_. **A genetic field theory of ego formation: Its implications for pathology**. Madison: International Universities Press, 1959.

\_\_\_\_\_. Autoerotism re-examined: the role of early sexual behavior patterns in personality formation. **Psychoanalytic Study of the Child**, v. 17, n. 1, p. 283-315, 1962. DOI <https://doi.org/10.1080/00797308.1962.11822849>

\_\_\_\_\_. **The first year of life: A psychoanalytic study of normal and deviant development of object relations**. Madison: International Universities Press, 1965.

\_\_\_\_\_. Implications métapsychologiques de mes recherches sur les données du développement infantile. **Revue Française de Psychanalyse**, v. 30, n. 5, p. 535-568, 1966.

\_\_\_\_\_. Aggression and adaptation. **The Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 149, n. 2, p. 81-90, 1969. DOI <https://doi.org/10.1097/00005053-196908000-00001>

\_\_\_\_\_., Emde, Robert N., & Metcalf, David R. Further prototypes of ego formation: A working paper from a research project on early development. **The Psychoanalytic Study of**

**the Child**, v. 25, n. 1, p. 417-441, 1970. DOI <https://doi.org/10.1080/00797308.1970.11823289>

\_\_\_\_\_. Bridges on anticipation, duration, and meaning. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, v. 20, n. 4, p. 721-735, 1972. DOI <https://doi.org/10.1177/000306517202000401>

\_\_\_\_\_. **A formação do ego**: Uma teoria genética e de campo. São Paulo: Martins Fontes Editora, Ltda, 1979.

\_\_\_\_\_. **O primeiro ano de vida**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, Ltda, 1979.

\_\_\_\_\_.; WOLF, Katherine Maria. Excerpts from “The Smiling Response: A Contribution to the Ontogenesis of Social Relations”. In: EMDE, Robert N. (ed.) **René A. Spitz, Dialogues from infancy**: Selected papers. pp. 98-124. Madison: International Universities Press, 1983.

\_\_\_\_\_. Life and the dialogue. In: EMDE, Robert N. (ed.) **René A. Spitz, Dialogues from infancy**: Selected papers. pp. 147-160. Madison: International Universities Press, 1983.

\_\_\_\_\_. **O não e o sim**: A gênese da comunicação humana. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STEELE, Brandt F. René A. Spitz, MD 1887–1974. **Psychoanalytic Quarterly**, v. 44, p. 3-4, 1975. DOI <https://doi.org/10.1080/21674086.1975.11926697>

SYMONDS, Amanda. No and yes: On the genesis of human communication. Rene A. Spitz 1957. Pp. 170 International Universities Press, MD Inc., \$4. **American Journal of Psychoanalysis**, v. 20, n. 1, p. 94-95, 1960.

TINBERGEN, Nikolaas. On the analysis of social organization among vertebrates, with special reference to birds. **American Midland Naturalist**, p. 210-234, 1939.

VAN DER HORST, Frank C; VAN ROSMALEN, Lenny; VAN DER VEER, René. John Bowlby’s critical evaluation of the work of René Spitz. **History of Psychology**, v. 22, n. 2, p. 205b, 2019. DOI <https://doi.org/10.1037/hop0000127b>

VICEDO, Marga. The father of ethology and the foster mother of ducks: Konrad Lorenz as expert on motherhood. **Isis**, v. 100, n. 2, p. 263–291, 2009. DOI <https://doi.org/10.1086/599553>

WADDINGTON, Conrad Hal. **Organisers and genes**. Cambridge: Cambridge University Press, 1940.

WATSON, John Broadus. *Experimental Investigation of Babies* [Filme]. United States: C. H. Stoelting Co, 1923.

WEITZENKORN, Rachel. Boundaries of reasoning in cases: The visual psychoanalysis of René Spitz. **History of the Human Sciences**, v. 33, n. 3-4, p. 66-84, 2020. DOI <https://doi.org/10.1177/0952695120908491>

ZEIGARNIK, Bluma. Das Behalten erledigter und unerledigter Handlungen [On finished and unfinished tasks]. **Psychologische Forschung**, v. 9, p. 1-85, 1927.